



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

O PRESENTE HISTÓRICO COMO ESTRATÉGIA ORAL

NA PROSA DE ANDÓCIDES

CAMILA DE FREITAS SIKORSKI

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

CAMILA DE FREITAS SIKORSKI

**O PRESENTE HISTÓRICO COMO ESTRATÉGIA ORAL
NA PROSA DE ANDÓCIDES**

Brasília

2013

Camila de Freitas Sikorski

**O PRESENTE HISTÓRICO COMO ESTRATÉGIA ORAL
NA PROSA DE ANDÓCIDES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade de Brasília, na área de concentração: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha

Brasília

2013

Dedico aos familiares, amigos, professores, à Universidade de Brasília e ao grupo Rhetor pelo incentivo e ajuda que tanto contribuíram para que a realização deste trabalho fosse possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e força espiritual para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, irmãos e familiares, pelo apoio, compreensão e ajuda ao longo de minha caminhada.

Ao meu marido, por todo o carinho e paciência durante o curso.

Aos meus amigos e colegas de curso, por compartilharem comigo as experiências e por prestarem solidariedade nos momentos de dúvida.

À Professora e Amiga Sandra, em especial, pela orientação deste trabalho, por compartilhar comigo seu conhecimento e pelo eterno incentivo ao meu crescimento profissional e acadêmico.

Ao Professor Michael Edwards, por ter aceitado contribuir de forma tão engrandecedora para esta pesquisa.

À Professora Heloísa, por ter aceitado fazer parte da comissão examinadora deste trabalho e por suas contribuições iniciais de grande importância a este estudo.

[...] βέλτιον γὰρ ἐν ταῖς πράξεσι τὸ
καλῶς κριθέν <μὴ ὀρθωθῆναι ἢ τὸ
μὴ καλῶς κριθέν> ὀρθωθῆναι διὰ
ταύτην.

Ἐπίκουρος, 135.

([...] Pois é melhor ter escolhido
um ato bom que não leve ao
sucesso, do que ter escolhido um
ato mal por conta do êxito.).

Epicuro, 135.

RESUMO

SIKORSKI, Camila de Freitas. O presente histórico como estratégia oral na prosa de Andócides. Brasília, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Andócides foi um orador político do século V a.C. que pronunciou poucos discursos diante da assembleia ateniense, e a falta de uma educação formal em retórica lhe conferiu uma má reputação como orador entre os antigos. Atualmente, entretanto, sua prosa é considerada muito valiosa, pois seus discursos retratam a língua grega com a fluência oral da época. Levando em conta sua formação e o contexto social de letramento em que estava inserido, este trabalho analisa o uso do Presente histórico em seus discursos *Sobre os mistérios* e *Sobre seu retorno*. Pretende-se explicar por meio de teorias semânticas discursivas por que o uso deste tempo verbal pode ser considerado uma marca de oralidade na escrita. Os resultados da análise mostram que o uso do Presente histórico nos discursos de Andócides é uma forma de autoinserção do autor na narrativa de modo a chamar a atenção da audiência para fatos isolados. A conclusão revela (1) que, em algumas orações que o Presente histórico é utilizado, o aspecto imperfectivo característico do presente é mantido, já que ele é utilizado para demonstrar uma ação que começou no passado e ainda acontece ou tem grande importância no presente; (2) que Andócides usa o referido tempo para inserir um comentário na narrativa sem se fazer perceptível. De uma perspectiva linguística, o uso do Presente histórico pode estar associado aos discursos que foram escritos para serem proclamados, levando-se em conta a distinção entre o estilo dos discursos escritos para serem lidos (*γραφικὴ λέξις*), como os do gênero epidêitico, e dos discursos escritos para serem pronunciados diante de uma assembleia ou tribunal (*ἀγωνιστικὴ λέξις*), característica dos gêneros judicial e deliberativo postulados por Aristóteles.

Palavras-chave: Retórica. Oralidade. Presente Histórico. Teorias semânticas discursivas. Estilo escrito. Estilo *agonístico*.

ABSTRACT

SIKORSKI, Camila de Freitas. O presente histórico como estratégia oral na prosa de Andócides. Brasília, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Andocides was a political orator of the fifth century BC who delivered only a few speeches before the Athenian assembly, and the lack of a formal education in rhetoric gave him a bad reputation as an orator among the ancients. Currently, however, his prose is considered to be very valuable, since his speeches portray the ancient Greek language with the oral fluency of the period. Considering his background and the literacy context to which he belonged, this work analyses the use of Historical Present in his speeches *On the Mysteries* e *On his Return*. It aims to explain why the use of this tense could be considered a sign of orality in writing by means of semantic discourse theories. Results show that Historical Present in Andocides's speeches is a form of self-insertion of the author in the narrative in order to draw the audience's attention to isolated matters. Conclusions reveal that, (1) in some clauses in Historical Present tense, the imperfective aspect of Present tense remains, since it expresses an action that started in the past and still happens or has a great importance in the present; (2) Andocides uses the tense to insert a comment on the narrative without making himself visible. From a linguistic perspective, this usage of Historical Present tense could be associated with discourses that were written to be delivered – taking into consideration the distinction between the style of speeches aimed to be read (*γραφικὴ λέξις*), that is epideictic, and speeches written to be delivered before an assembly or court (*ἀγωνιστικὴ λέξις*), as stated by Aristotle as forensic and deliberative genres.

Keywords: Rhetoric. Orality. Historical Present. Semantic discourse theories. Written style. Agonistic style.

LISTA DE CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

1. Seguem abaixo o modelo de referência para os discursos de Andócides:

Número de referência ¹	Grego	Latim	Português
1	<i>Περὶ τῶν μυστηρίων</i>	<i>De Mysteriis</i>	Sobre os mistérios
2	<i>Περὶ τῆς ἐαυτοῦ καθόδου</i>	<i>De Reditu</i>	Sobre seu retorno
3	<i>Περὶ τῆς πρὸς Λακεδαιμονίους εἰρήνης</i>	<i>De Pace</i>	Sobre a paz com Esparta
4	<i>Κατὰ Ἀλκιβιάδου</i>	<i>Contra Alcibiadem</i>	Contra Alcibíades

2. As abreviações dos nomes dos outros autores antigos e seus discursos² citados ao longo deste trabalho são as seguintes:

Abreviação	Nome	Abreviação	Discurso
A.D.	Apolônio Díscolo	III	<i>Da sintaxe</i>
<i>Alcid.</i>	Alcidamante	<i>Soph.</i>	Sobre os sofistas
<i>Aristot.</i>	Aristóteles	<i>De Interp.</i>	Da interpretação
		<i>Poet.</i>	Poética
		<i>Phys.</i>	Física
		<i>Rh.</i>	Retórica
<i>D.H.</i>	Dionísio de Halicarnasso	<i>Comp.</i>	Sobre a composição literária
		<i>Dem.</i>	Sobre Demóstenes
		<i>Lys.</i>	Sobre Lísias
		<i>Th.</i>	Sobre Tucídides
D.L.	Diógenes Laércio	VII	Escola estoica
D.T.	Dionísio, o Trácio	13	<i>Téchne Grammatiké</i>
<i>Hermog.</i>	Hermógenes	2	Sobre os tipos de estilo
<i>Philostr.</i>	Filóstrato	2	Imagens
<i>Plat.</i>	Platão	<i>Crat.</i>	Crátilo
		<i>Phaedrus</i>	Fedro
		<i>Prot.</i>	Protágoras
		<i>Rep.</i>	República
		<i>Soph.</i>	Sofista
<i>Plut.</i>	Plutarco	<i>Alc.</i>	Alcibíades
		<i>Them.</i>	Temístocles
		<i>Vit. Dec.</i>	Vida dos dez oradores
<i>Quint.</i>	Quintiliano	12	<i>Institutio Oratoria</i>
<i>Thuc.</i>	Tucídides	6	História da Guerra do Peloponeso

¹ O número de referência servirá para designar o discurso e o capítulo nos exemplos durante todo o texto. Por exemplo: Andoc. 1. 15; Andócides, discurso *Sobre os mistérios*, capítulo 15.

² As abreviações dos autores e de seus discursos utilizados nesta pesquisa seguem o padrão de abreviaturas acadêmico, retirado de: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/abbrevhelp>>.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – ORALIDADE NA GRÉCIA: TRADIÇÃO E CULTURA ORAL	15
1.1 Escrita na Grécia: os gregos e sua relação com a escrita	17
1.2 Retórica e Oratória grega – estilo oral e escrito	25
CAPÍTULO 2 – ANDÓCIDES: O ORADOR E SEU ESTILO NATURAL	30
2.1 Vida e obra de Andócides	30
2.2 O estilo de Andócides	34
2.3 <i>Περὶ τῶν μυστηρίων</i> – Sobre os mistérios	36
2.4 Características retóricas do gênero judicial em Andócides.....	46
2.5 <i>Περὶ τῆς ἑαυτοῦ καθόδου</i> – Sobre seu retorno.....	48
2.6 Características retóricas do gênero deliberativo em <i>Sobre seu retorno</i>	51
CAPÍTULO 3 – A FALA NA ESCRITA: ESTRATÉGIAS ORAIS NA ESCRITA DE ANDÓCIDES	54
3. 1 O estilo oral e o escrito.....	57
3.2 Oralidade na escrita.....	58
CAPÍTULO 4 – O VERBO: A COMPREENSÃO DOS ANTIGOS SOBRE ESSA CATEGORIA	71
4.1 Considerações sobre verbo grego: o tempo e o aspecto.....	84
CAPÍTULO 5 – O TEMPO: ESTUDO SEMÂNTICO DOS VERBOS	90
5.1 O tempo para os antigos	90
5.2 A semântica dos verbos no grego antigo.....	94
5.3 O Presente histórico no grego antigo	100
5.4 Estudo semântico-aspectual e temporal do Presente histórico.....	106
5.5 O Presente histórico de Andócides.....	118
CONCLUSÃO	128
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE A – CASOS DE PRESENTE HISTÓRICO EM ANDÓCIDES	136

INTRODUÇÃO

A Grécia dos séculos IV e V a.C. ainda possuía uma cultura tradicionalmente oral na qual o ensino, as manifestações artísticas e a política eram conduzidos sobretudo oralmente. A oratória já possuía um papel bastante importante na sociedade, ela era o meio utilizado para mostrar novas ideias, formas de expressão e novos métodos de argumento (GAGARIN, 1998). Além disso, a oratória era importante principalmente por ser o instrumento de atuação política, o que reflete o grande valor que a sociedade do período clássico atribuía à fala. A escrita, apesar de praticada, ainda não apresentava convenções³ gramaticais muito rígidas e era utilizada, principalmente, para fins de memória, armazenamento e sobrevivência de textos considerados importantes na época.

Nesse momento, a publicação de textos já era uma prática comumente utilizada. Surgia o que se chama de ‘oratória prática’, isto é, a prática de escrever os discursos produzidos para ocasiões reais da vida pública. Esta prática teve início nos tribunais e depois se expandiu para as assembleias de Atenas. Isso, conseqüentemente, aumentou o número de profissionais que trabalhavam com a escrita, os logógrafos (GAGARIN, 1998). Porém, a relação dos gregos com a escrita nem sempre se deu de forma natural, ou seja, alguns pensadores criticavam a prática da escrita por outros autores, principalmente por considerar que ela representava certa manipulação de ideias, na medida em que a escrita podia adulterar a verdade (Plat. *Phaedrus*, 274-5c). Além disso, dificilmente um cidadão teria a possibilidade ou a necessidade de ler um livro. Estes eram utilizados pelos historiadores e estudiosos da época, já que exigiam muita habilidade para serem decifrados, além do fato de o serviço ser feito, em geral por escravos (THOMAS, 2005).

Além disso, criticava-se a escrita como método de ensino e principalmente aqueles que escreviam discursos para serem lidos e não pronunciados. Existia certo tipo de receio contra os discursos escritos, estimulado pela suspeita de que a escrita poderia negligenciar a verdade em favor do artifício (THOMAS, 2005).

³ A língua grega clássica apresentava diversos dialetos, como o dórico, eólico, ático e jônico. No século V a.C., devido à ascensão de Atenas, que passou a ser considerada o centro cultural e político da Grécia e, por isso, atraía intelectuais de todas as partes, o dialeto ático tornou-se o mais difundido na Grécia e permaneceu deste modo até o final do séc IV a.C., quando surgiu a *koiné*, a língua comum. Portanto, devido à grande mistura de diferentes dialetos, a escrita do período clássico não apresentava uma forte unificação, demonstrando frequentes diferenças na grafia das palavras entre os autores.

A acentuação e a pontuação dos textos ocorreram no século III a.C. e apenas por volta do século I a.C./I d.C. surgiu a primeira gramática. Portanto, no período clássico, ao qual se refere esta pesquisa, não existia ainda uma normatização da escrita, o que evidencia ainda mais o caráter oral da escrita na Grécia Clássica. Até mesmo as inscrições públicas de Atenas registravam os decretos da assembleia tal como eles eram passados, ou seja, em sua forma falada, do mesmo modo que eram lidos na assembleia (THOMAS, 2005).

Apesar de não existir uma gramática da língua grega, isto é, um livro normativo sobre a língua, no período clássico, a escrita possuía diferentes graus de formalidade. Por exemplo, a escrita utilizada no contexto judicial possuía um grau de formalidade e uma rigidez muito maior do que aquela das poesias. Há ainda diferentes graus de oralidade nos textos escritos para serem pronunciados (*agonistikê lexis*) e naqueles feitos para serem lidos (*graphikê lexis*) (Aritot. *Rh.* 3). Portanto, é possível identificar traços de oralidade presentes na escrita grega por meio de algumas estruturas, expressões, estilo e até mesmo por partículas e verbos.

Durante essa época, viveu um orador político chamado Andócides, que nasceu por volta de 440 a.C. e pertenceu a uma família rica e antiga de Atenas que, além da fortuna, era conhecida pela longa trajetória política. Seus antepassados participaram ativamente de diversas expedições e embaixadas na Grécia.

Andócides ingressou na vida política aproximadamente aos vinte anos, em 415 a.C., ao participar das *ἐταιρείαι*, um grupo político de caráter oligárquico formado por jovens aristocratas, responsável por escândalos como a mutilação das estátuas de Hermes⁴ e, a tentativa de derrubar a democracia em 411 a.C. Acredita-se que Andócides tenha participado ativamente da vida pública de Atenas ao longo de sua vida, já que em 392/1 a.C. foi um dos membros da embaixada de paz a Esparta na tentativa de reconciliá-la com Atenas. Após esta data, não há mais registros sobre a vida do orador.

Sobreviveram apenas quatro discursos de Andócides: *Sobre seu retorno* (409 a.C.), *Sobre os Mistérios* (400 a.C.), *Sobre a paz com Esparta* (392 a.C.) e *Contra Alcibíades* (415 a.C.). Juntos, esses discursos compõem a maior fonte biográfica de Andócides atualmente e estão entre os mais antigos do gênero retórico; neles podem ser encontradas diversas evidências históricas do período clássico na Grécia, além de aspectos culturais e sociais de

⁴ Na mitologia, Hermes era considerado o deus dos viajantes. Em Atenas, as estátuas de Hermes ficavam nas portas das casas para simbolizar boa sorte. A mutilação das estátuas causou grande tensão e pânico na cidade e os cidadãos atribuíram este acontecimento como a causa do fracasso da expedição à Sicília em 411 a.C.

Atenas. Os textos de Andócides também dialogam com grandes autores como Tucídides e Xenofonte (EDWARDS, 1995).

Nada se sabe sobre a educação de Andócides. Aparentemente, ele não teve educação formal e aprendeu oratória provavelmente pelo do contato com sofistas de sua época⁵. Andócides não foi um logógrafo e nem um *rhetor*⁶, porém sua oratória era extremamente hábil, o que lhe conferiu um lugar entre os dez maiores oradores áticos⁷.

Nem sempre o estilo de Andócides agradou os críticos. Na antiguidade, possuía uma reputação bastante desprestigiada, dotado de um estilo ultrapassado, fora do modelo de oratória ática, e por vezes criticado em tentar ser *πολιτικὸς ῥήτωρ* (orador político). Até o século XVIII, era considerado pelos estudiosos um “amador”, porém, hoje, a prosa de Andócides é muito valiosa, pois seus discursos retratam a língua grega com a fluência oral do século V e início do século IV a.C., justamente pelo fato de ele falar em público apenas quando necessário, pela falta de treino, pela despreocupação com a forma e, principalmente, pela readaptação dos discursos para os leitores (EDWARDS, 1995).

Poucos autores se dedicam ou se dedicaram ao estudo da prosa de Andócides apesar de seu grande valor, como citado anteriormente. Por isto, esta pesquisa pretende trazer uma nova abordagem aos textos do orador ao identificar uma marca de oralidade proeminente em sua escrita, a saber, o Presente histórico⁸, mais especificamente nos discursos *Sobre os mistérios* e *Sobre seu retorno*, e explicar os motivos e circunstâncias em que ocorre.

O primeiro capítulo conta com a contextualização do mundo antigo, desde a Grécia arcaica à Grécia clássica, a fim de se definir os parâmetros de uma cultura oral lidando com o aparecimento de um novo meio linguístico, bem como o surgimento e o papel que a oratória tinha nessa sociedade de bases orais.

⁵ Maidment, 1941.

⁶ Logógrafo e *rhetor* eram duas profissões comuns da Grécia Clássica. Logógrafo era o nome que se dava ao profissional que escrevia discursos. *Rhetor* se refere aos oradores públicos, ou retóricos (LIDELL&SCOTT, 1940).

⁷ O cânon dos dez oradores foi fixado pelos eruditos da Biblioteca de Alexandria na época helenística (séculos III e II a.C.), para que as gerações futuras pudessem estudar as obras e os estilos dos dez maiores oradores da Grécia clássica, a saber, Antífonte, Andócides, Lísias, Isócrates, Iseu, Ésquines, Licurgo, Demóstenes, Hipérides e Dinarco.

⁸ Para fins de análise, utilizou-se a letra maiúscula nos tempos “Presente”, “Imperfeito”, “Presente histórico”, “Futuro” e “Passado” para se referir às classes verbais e a minúscula para se referir ao tempo cronológico ou ao sentido geral dos termos, “presente”, “passado” e “futuro”.

No segundo capítulo, há toda a história e trajetória de Andócides, assim como seu estilo de oratória natural, o que vem sendo fonte de admiração para estudiosos da prosa do período clássico devido a sua vividez e proximidade com a língua falada da época. Este capítulo também conta com o estudo retórico dos dois discursos de Andócides a serem analisados nesta pesquisa.

O capítulo três trata das marcas de oralidade na escrita de Andócides. Conta com o estudo das diferentes estratégias orais que podem aparecer na escrita e a distinção entre estilo oral e escrito apontada por Aristóteles. A partir disso, é constatado o surgimento do Presente histórico como uma estratégia oral nos textos do orador.

No quarto capítulo, será iniciado o estudo sintático diacrônico do verbo na Grécia antiga para se determinar como ocorria o emprego do Presente histórico e por que o uso deste tempo pode ser considerado uma marca de oralidade nos discursos de Andócides, levando em conta as distinções temporais e aspectuais deste e dos outros tempos verbais a serem considerados neste estudo.

O quinto e último capítulo traz considerações sobre o uso e o entendimento do tempo pelos gregos do período clássico sob um ponto de vista semântico. Trata-se do estudo aprofundado do Presente histórico na língua grega e traz novas abordagens para a definição deste tempo dialogando com estudos contemporâneos do referido tempo em outros autores na medida em que traz usos peculiares do Presente histórico em Andócides; contribuindo, desse modo, para a discussão acadêmica de como se deve categorizar o uso desse tempo tão paradoxal para os parâmetros linguísticos do período clássico.

Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a relação entre oralidade e escrita no século V a.C. na Grécia em Andócides. Esta relação será concentrada no uso do Presente histórico.

A investigação da oralidade e da escrita não se dará apenas em nível textual, mas também no âmbito cultural, já que se pretende investigar a relação dos gregos com a escrita e o contexto sociocultural no qual o orador estava inserido. Além disso, pretende-se fazer um

estudo sintático e semântico dos tempos verbais em grego contemplados nesta pesquisa, sob o olhar dos gramáticos contemporâneos e antigos.

As seguintes questões norteiam esta pesquisa:

- a. Como o uso do Presente histórico em Andócides fornece elementos para o estudo da relação dos gregos com a escrita no séc. V a.C.?
- b. O Presente histórico pode ser compreendido como marca de oralidade nos discursos *Sobre os Mistérios* e *Sobre seu retorno*?
- c. Que fatores determinam o uso deste tempo verbal nos discursos de Andócides?

As hipóteses de pesquisa são as seguintes:

- a. O Presente histórico é uma marca de oralidade na língua constatada a partir do uso dos tempos verbais no grego antigo vinculado à ideia de tempo cronológico.
- b. O Presente histórico pode manter suas características aspectuais de Presente, isto é, de imperfectivo e ser compatível com a durabilidade em alguns casos.
- c. O Presente histórico é uma forma de autoinserção do orador no discurso sem se fazer perceptível.

Justificativa

A escolha de Andócides se dá, primeiramente, por causa da falta de estudos e pesquisa sobre ele de um modo geral, mas, sobretudo, em língua portuguesa, sobre ele. Atualmente, o foco dos estudos clássicos no Brasil se volta para nomes da prosa grega mais conhecidos e reconhecidos no campo da filosofia, história e medicina. O estudo de um *corpus* diferenciado contribui não apenas para o conhecimento do próprio autor, mas tem consequência direta nos estudos de retórica e linguística.

A busca pelo tema partiu da necessidade de se identificar mais aspectos que contribuam para o estudo da relação entre a oralidade e escrita no período clássico e também de se oferecer novas abordagens e novos argumentos para o assunto.

Os estudos sobre o Presente histórico no grego antigo ainda se encontram restritos a certos autores, o que faz com que sua classificação não seja tão abrangente como deveria para

que esta categoria fosse incluída nas gramáticas e manuais de grego antigo. Em português, o estudo do Presente histórico também permanece confinado a seu uso erudito, na escrita, no que se refere a fatos históricos, ignorando-se o seu uso oral, que é muito próximo daquele do grego antigo. Esta análise, portanto, pretende expandir o conhecimento sobre as características fundamentais do Presente histórico que o categorizam como tempo verbal ao mesmo tempo em que chama atenção dos estudiosos para o seu uso “não formal”.

Metodologia

A constatação das marcas de oralidade nos textos de Andócides parte de dois fatores; 1) a relação dos gregos com a escrita no período clássico, a qual era mais próxima da fala por conta da falta de uma sistematização normativa da língua, o que será investigado no capítulo 1; e 2) a falta de estudo formal por parte do orador, o que é um fator decisivo para seu emprego de figuras retóricas típicas da língua cotidiana.

A partir disso, recorreu-se ao texto grego para identificar essas marcas, que consistem na troca repentina de tempos verbais, mais especificamente, de tempos passados para o Presente histórico nos discursos *Sobre os Mistérios* e *Sobre seu retorno*. Para essa etapa, foi utilizada a edição bilíngue mais recente e confiável, a saber, a de Edwards, 1995. Após a coleta dos dados, todos os capítulos em que aparecerem o objeto de estudo foram traduzidos para o português. Essa tradução é literal, ou seja, o mais próxima possível da língua grega para elucidar tanto o objeto de análise quanto as características originais das orações no grego, como a subordinação e coordenação.

Após a tradução de todos os casos, partiu-se para a sua contextualização, o que envolveu a análise das motivações e circunstâncias nas quais o tempo ocorre. Após terem sido determinadas, foi feito estudo teórico e sistemático sobre os verbos no grego antigo, considerando sob um ponto de vista sintático e semântico o tempo e o aspecto no modo Indicativo dos tempos Aoristo Imperfeito e Presente. O estudo temporal e aspectual do Presente histórico permitiu a sustentação das hipóteses citadas no início desta pesquisa e, logo, a refutação de algumas regras estabelecidas para este tempo verbal, além de contribuir com a discussão acadêmica acerca do tema.

Por fim, a interpretação dos dados definiu os motivos pelos quais Andócides se utiliza dessas expressões particulares e as circunstâncias em que ocorre essa marca de oralidade em sua escrita. Uma vez realizados os objetivos desta pesquisa, eles contribuíram para o estudo e característica do estilo do orador e da oralidade na prosa do período clássico como um todo.

Devido à semelhança aspectual e temporal entre o português e o grego antigo – identificada e explanada neste estudo – foram consideradas algumas teorias semânticas do Português a fim de elucidar algumas características do Presente histórico no grego ainda não identificadas.

CAPÍTULO 1 – ORALIDADE NA GRÉCIA: TRADIÇÃO E CULTURA ORAL

A Grécia arcaica, que compreende os períodos de 800 a.C. a 480 a.C., apresentava uma cultura de base oral, isto é, uma cultura de comunicação, composição e transmissão orais. O ensino, as manifestações artísticas, a filosofia e a política eram transmitidos oralmente. A poesia era cantada e representada e os discursos públicos não eram lidos, mas pronunciados diante dos tribunais ou assembleias. Portanto, um grego, para estar inserido em tal sociedade e deter poderes políticos, tinha de ser capaz de falar bem em público (THOMAS, 2005).

Os textos orais, como as poesias, eram compostos livremente e variavam de acordo com a resposta dos ouvintes. Os compositores orais refletiam e desenvolviam o tema ao mesmo tempo em que eram capazes de modificá-lo de modo a atrair o interesse dos ouvintes. Dessa maneira, as expressões artísticas eram transmitidas em suas formas mais vívidas e fluidas. Porém, há controvérsias sobre o uso da escrita na composição dos poetas, como nos poemas homéricos, que ainda dividem opiniões de estudiosos se foram compostos oralmente ou com o auxílio da escrita⁹. Sendo assim, para ser considerada poesia oral, esta deve conter uma das três características: 1) ser composta oralmente (por improvisação); 2) ser comunicada oralmente (performada); e 3) ser transmitida oralmente (memorizada) (GENTILI, 1988).

Recitação e *performance* faziam parte do ensino na Grécia. De acordo com Robb (*apud* Imber, 2001, p. 211), a técnica de se recitar poesia épica era mimética, ou seja, o estudante não apenas lia em voz alta, mas imitava o autor e algumas de suas figuras épicas. Isto porque as técnicas de *performances* de textos orais vinham de uma longa tradição na qual, ao serem pronunciados, serviam para entreter os ouvintes. A própria definição de ‘poesia’ em Platão engloba o conceito de *ἀκοήν* (audição)¹⁰, que se refere à comunicação e transmissão oral. A atividade do rapsodo¹¹, também relatada por Platão, em *Íon*, consiste de

⁹ Ver: NAGY, Gregory. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas P, 1996; PAGE, Denys L. **History and the Homeric Iliad**. Berkeley: University of California P, 1959; PARRY, Adam, Ed. **The Making of Homeric Verse: The Collected Papers of Milman Parry**. Oxford: Clarendon, 1971.

¹⁰ Plat. *Rep.* 10, 603b.

¹¹ Recitador, artista ou cantor de poesia profissional.

performance com gestos de passagens memorizadas dos poemas homéricos (GENTILI, 1988).

Mesmo no período clássico, o ensino ainda recorria à memorização, como se observa em Platão, em *Protágoras*, ao relatar que, na escola, os alunos recebem os poemas dos bons poetas para estudá-los e aprendê-los de cor:

[325e] εὐκοσμίας τῶν παιδῶν ἢ γραμμάτων τε καὶ κιθαρίσεως: οἱ δὲ διδάσκαλοι τούτων τε ἐπιμελοῦνται, καὶ ἐπειδὴν αὐτὰ γράμματα μάθωσιν καὶ μέλλωσιν συνήσειν τὰ γεγραμμένα ὥσπερ τότε τὴν φωνήν, παρατιθέασιν αὐτοῖς ἐπὶ τῶν βάθρων ἀναγιγνώσκειν ποιητῶν ἀγαθῶν ποιήματα καὶ ἐκμανθάνειν ἀναγκάζουσιν, [...] (Prot. 325e).

Os mestres, por sua vez, seguem a prescrição e, então, assim que as crianças aprenderem as letras e estiverem prontas para compreenderem os textos escritos do mesmo modo que, até aí, compreenderam os sons, colocam-lhes sobre os bancos poemas de bons poetas, para que os leia e obrigam-nas a aprendê-los de cor, [...] (PINHEIRO, 1999).

Ainda no período clássico, a filosofia era estudada e praticada por meio de discussões orais habituais e os assuntos políticos eram também debatidos e proclamados diante de assembleias. Portanto, percebe-se o grande valor da palavra falada na cultura grega e de seu impacto sobre a sociedade da época.

O advento da escrita não suprimiu as bases orais da cultura grega. Durante um longo período, ela permaneceu em segundo plano, utilizada como recurso de memorização ou auxílio para a fala e, posteriormente, como a representação desta de modo a preservá-la. A cultura da Grécia antiga permitia que seus compositores se engajassem no aprendizado da memorização de poesias e canções tradicionais transmitidas oralmente e a aquisição desse novo meio comunicativo— um processo demasiadamente lento — não modificou substancialmente o sistema de comunicação nem o modo de pensar da cultura oral grega, que permaneceu por vários séculos até mesmo quando a escrita passou a ser considerada uma atividade literária autêntica (GENTILI, 1988).

1.1 Escrita na Grécia: os gregos e sua relação com a escrita

O alfabeto grego surgiu no século VIII a.C. Neste período, apareceram os primeiros registros de inscrições em pedras. Ao longo deste século, surgiram também as primeiras leis escritas e inscrições privadas de propósitos religiosos. No século VII a.C., a escrita começou a ser utilizada para marcar propriedade em vasos, túmulos, lápides, rotulagem e, posteriormente, passou a ser empregada publicamente pelas cidades-estados com sua forma inicialmente arcaica: letras maiúsculas, sem divisão entre as palavras ou acentos, e sem qualquer pontuação. No século V a.C., os textos escritos passaram a ser publicados, porém os livros eram raros e, apenas na segunda metade do século, começaram a circular e serem produzidos. Na realidade, eles eram papiros¹² grandes que exigiam muita habilidade e determinada postura para serem decifrados. Por isso, dificilmente um cidadão grego do período clássico lia um livro para entreter-se¹³ e o hábito de leitura iniciou-se já no final deste período (THOMAS, 2005).

Os autores dos primeiros livros também apareceram no início do século V a.C. Acredita-se que eles tinham apenas uma cópia de seus manuscritos em papiros, por isso, era comum que o lessem publicamente e seu público era limitado aos que compareciam às suas audiências. Em vista desta limitação, os autores começaram a distribuir cópias de seus escritos a certos interessados e também permitiam que estes fizessem cópias de suas obras. Desse modo, se deu o início da produção dos primeiros livros na Grécia (CASSON, 2001).

Ao final do período em destaque e início do século IV a.C., provavelmente já havia uma forma de produção organizada e produtiva para a comercialização de textos escritos (CASSON, 2001). Surgiram, então, os primeiros indícios de comércio de livros. Eles se tornaram mais comuns e eram utilizados principalmente pelos historiadores gregos. Apenas

¹² Os papiros eram rolos de papéis fabricados das tiras do caule da planta *Cyperus papyrus*. Tiras longas e finas retiradas dos caules recém-colhidos eram postas verticalmente lado a lado. Em seguida, uma segunda camada era posta horizontalmente e prensada. A propriedade adesiva da seiva natural da planta fazia com que as duas camadas se aderissem e formassem um papel macio, flexível e claro, excelente para a escrita. As folhas saíam das prensas em diversos tamanhos diferentes. A partir daí, eram coladas em grupos de 20 ou mais e enroladas para melhor manuseio e armazenamento. O lado horizontal era o mais escolhido para se escrever, por isso, ao enrolar os papéis, ele era voltado para o lado de dentro. Os rolos de papiros variavam em comprimento dependendo da quantidade de folhas; uma variação comum era de 3,2m a 3,6m, porém há rolos que chegam a 6 metros ou mais (CASSON, 2001).

¹³ Sobre a litura silenciosa, ver Sandra, 2008.

no século III a.C., houve a melhora na pontuação e acentuação das palavras, o texto tomou então a disposição tradicional da poesia (THOMAS, 2005) e a primeira gramática da língua grega, a de Dionísio, o Trácio, surgiu no século I a.C.¹⁴.

Por alguns séculos antes do século V a.C., a escrita permaneceu nas mãos de escribas, aristocratas, comerciantes e artistas. Até o século V a.C., ela também foi, por vezes, usada como um elemento extravisual, um adorno para a decoração de objetos a serem apreciados pelos não leitores. As letras eram usadas livremente e o artista tinha a liberdade de escolher onde colocá-las dentro do cenário. No século V a.C., já existia a prática de se escrever discursos, porém não se tem registro sobre o hábito de leitura dos gregos neste momento. Havia a prática da leitura silenciosa de textos pequenos, porém os livros não ofereciam condições ideais para uma leitura rápida (DA ROCHA, 2008). Apenas no início do século IV a.C., os documentos escritos passaram a ser aceitos em contextos legais e políticos (THOMAS, 2005) e, a partir daí, firmou-se a revolução alfabética na Grécia. Os textos desta época foram estocados para reutilização e memorização.

Segundo a opinião controvertida de Havelock, 1994, uma vez que os discursos foram escritos, aliviou-se a carga de sua memorização e aumentaram as energias para o pensamento conceitual. Porém, como observado ainda em *Protágoras*, a prática de memorização e recitação era recorrente e os textos escritos eram, antes de apenas lidos, interpretados para a audiência de modo a se aproximarem mais da comunicação oral.

A sociedade grega não incorporou completamente o uso da escrita à vida pública e cotidiana em um primeiro momento. Durante algum tempo, os gregos rejeitaram o seu uso tanto no ensino como nos tribunais, e, durante a Grécia clássica, parecia haver uma dicotomia em se tratando do meio escrito. De uma parte, Atenas se orgulhava de ter leis escritas e as considerava fundamentais para a democracia. De outra, Esparta se orgulhava de não precisar delas (THOMAS, 2005). De um lado, a grafia era a representação da fala; de outro não servia como prova nos tribunais, pois poderia ser facilmente negligenciada. Portanto, apesar da introdução da escrita e de seu uso no mundo grego, a tradição oral ainda permanecia forte nessa cultura, inclusive influenciando o próprio meio.

Platão foi um dos maiores críticos à escrita. Para ele, os textos escritos não representavam a verdade, apenas uma imagem do conhecimento, e sua leitura não tinha valor

¹⁴ A gramática de Dionísio, o Trácio, será tratada de forma mais aprofundada no Capítulo 4.

para o real conhecimento, principalmente para a filosofia, pois a filosofia escrita perde sua flexibilidade e a existência de livros filosóficos causa a deterioração da memória se forem usados como substitutos do conhecimento (KRAUT, 2006). Em seu diálogo, *Fedro*, é possível encontrar várias passagens em que o filósofo critica a escrita. Entre elas, seguem as mais expressivas:

A fala de Sócrates sobre a invenção do deus egípcio Teuth no palácio do rei Tamos e a conclusão de que a escrita fornece apenas a ilusão do aprendizado:

[275a] σύ, πατήρ ὢν γραμμάτων, δι' εὐνοίαν τούναντίον εἶπες ἢ δύναται. τοῦτο γάρ τῶν μαθόντων λήθην μὲν ἐν ψυχῆς παρέξει μνήμης ἀμελετησία, ἅτε διὰ πίστιν γραφῆς ἔξωθεν ὑπ' ἄλλοτρίων τύπων, οὐκ ἔνδοθεν αὐτοῦς ὑφ' αὐτῶν ἀναμνησκομένους: οὐκ οὖν μνήμης ἀλλὰ ὑπομνήσεως φάρμακον ἦρξες. σοφίας δὲ τοῖς μαθηταῖς δόξαν, οὐκ ἀλήθειαν πορίζεις: πολυήκοοι γάρ σοι γενόμενοι ἄνευ διδασχῆς πολυγνώμονες' [275b] εἶναι δόξουσιν, ἀγνώμονες ὡς ἐπὶ τὸ πλῆθος ὄντες, καὶ χαλεποὶ συνεῖναι, δοξόσοφοι γεγονότες ἀντὶ σοφῶν.' (Plat. Phaedrus, 275a-b).

Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a memorização. Quanto à transmissão do ensino, transmitistes aos teus alunos não a sabedoria em si mesma, mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! Não de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias, e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros! (GOMES, 2000).

Sócrates compara a escrita a uma pintura, como uma imagem do real, sem vida própria e que não fala por si mesma:

[275d] [...] δεινὸν γάρ που, ὦ Φαῖδρε, τοῦτ' ἔχει γραφή, καὶ ὡς ἀληθῶς ὅμοιον ζωγραφία. καὶ γὰρ τὰ ἐκείνης ἔκγονα ἔστηκε μὲν ὡς ζῶντα, ἐὰν δ' ἀνέρη τι, σεμνῶς πάνυ σιγᾷ. ταῦτόν δὲ καὶ οἱ λόγοι: δόξαις μὲν ἂν ὡς τι φρονοῦντας αὐτοὺς λέγειν, ἐὰν δέ τι ἔρη τῶν λεγομένων βουλόμενος μαθεῖν, ἐν τι σημαίνει μόνον ταῦτόν ἀεὶ. ὅταν δὲ ἅπαξ [275e] γραφῆ, κυλινδεῖται μὲν πανταχοῦ πᾶς λόγος ὁμοίως παρὰ τοῖς ἐπαῖουσιν, ὡς δ' αὐτῶς παρ' οἷς οὐδὲν προσήκει, καὶ οὐκ ἐπίσταται λέγειν οἷς δεῖ γε καὶ μὴ. πλημμελούμενος δὲ καὶ οὐκ ἐν δίκη λοιδορηθεὶς τοῦ πατρὸς ἀεὶ δεῖται βοηθοῦ: αὐτὸς γὰρ οὔτ' ἀμύνασθαι οὔτε βοηθῆσαι δυνατὸς αὐτῷ. (Plat. Phaedrus, 275d-e).

O maior inconveniente da escrita parece-se, caro Fedro, se bem julgo, com a pintura. As figuras pintadas têm atitudes de seres vivos, mas, se alguém as interrogar, manter-se-ão silenciosas, o mesmo acontecendo com os discursos: falam das coisas como se estas estivessem vivas, mas, se alguém os interroga, no intuito de obter um esclarecimento, limitam-se a repetir sempre a mesma coisa. Mais: uma vez escrito, um discurso chega a toda parte, tanto aos que entendem como aos que não podem compreendê-lo e, assim, nunca se chega a saber a quem serve e a quem não serve. Quando é menoscabado, ou justamente censurado, tem sempre necessidade da ajuda de seu autor, pois não é capaz de se defender nem de se proteger a si mesmo. (GOMES, 2000).

Sócrates revela que o homem sábio é aquele que considera a escrita apenas como mero instrumento para relembrar aquilo que ele já conhece:

[277e] [...] ὁ δὲ γε ἐν μὲν τῷ γεγραμμένῳ λόγῳ περὶ ἐκάστου παιδιάν τε ἡγούμενος πολλὴν ἀναγκαῖον εἶναι, καὶ οὐδένα πάποτε λόγον ἐν μέτρῳ οὐδ' ἄνευ μέτρου μεγάλης ἄξιον σπουδῆς γραφῆναι, οὐδὲ λεχθῆναι ὡς οἱ ῥαψωδοῦμενοι ἄνευ ἀνακρίσεως καὶ διδαχῆς πειθοῦς ἔνεκα ἐλέχθησαν, ἀλλὰ τῷ [278a] ὄντι αὐτῶν τοὺς βελτίστους εἰδότην ὑπόμνησιν γεγονέναι, ἐν δὲ τοῖς διδασκομένοις καὶ μαθήσεως χάριν λεγομένοις καὶ τῷ ὄντι γραφομένοις ἐν ψυχῇ περὶ δικαίων τε καὶ καλῶν καὶ ἀγαθῶν ἐν μόνοις ἡγούμενος τό τε ἐναργὲς εἶναι καὶ τέλειον καὶ ἄξιον σπουδῆς: δεῖν δὲ τοὺς τοιοῦτους λόγους αὐτοῦ λέγεσθαι οἷον ὑεῖς γνησίους εἶναι, πρῶτον μὲν τὸν ἐν αὐτῷ, ἐὰν εὔρεθεὶς ἐνῆ, ἔπειτα εἴ τινες τούτου ἔκγονοί [278b] τε καὶ ἀδελφοὶ ἅμα ἐν ἄλλαισιν ἄλλων ψυχαῖς κατ' ἀξίαν ἐνέφυσαν: τοὺς δὲ ἄλλους χαίρειν ἐδῶν— οὗτος δὲ ὁ τοιοῦτος ἀνὴρ κινδυνεύει, ὦ Φαῖδρε, εἶναι οἷον ἐγὼ τε καὶ σὺ εὐξάμεθ' ἂν σέ τε καὶ ἐμὲ γενέσθαι. (Plat. Phaedrus, 277e-278b).

Quanto ao outro, ao orador que ambos gostaríamos de imitar, pensaria que um discurso escrito, seja sobre que assunto for, contém necessariamente uma grande soma de motivos de fantasia, pois nenhum discurso, seja em verso, seja em prosa, merece o dispêndio de um grande esforço para a sua composição, o mesmo se podendo dizer dos discursos recitados pelos

rapsodos, sem meditação e sem instrução, unicamente destinados a servir de instrumento de persuasão. Os melhores de todos os discursos escritos são os que têm por fim servir de memorandos aos que conhecem tais discursos e somente nas palavras cujo fito é a instrução, assim se gravando na alma, sobre o que é justo, belo e bom, somente nessas encontramos uma perfeição digna dos nossos esforços. Apenas estes discursos, e só estes, merecem o nome de filhos legítimos do orador, primeiro, porque ele mesmo os gerou sob a força da inspiração, segundo, porque são capazes de gerar, nas almas dos outros homens, irmãos que se mostram dignos da família de que descendem, quanto às demais espécies de discursos, tanto tu, Fedro, como eu, bem os podemos desprezar... (GOMES, 2000).

Por meio dessas passagens e da anterior sobre o ensino em *Protágoras*, nota-se que Platão interpretava a aprendizagem como rememorativa, levando em conta dois fatores: o conteúdo que se aprende, vindo de uma fonte exterior como uma figura, um livro, uma lição oral etc.; e o ato de aprendizado, o momento em que o aluno compreende a demonstração que tem diante de si e que se torna um saber para ele. Platão considera, então, o fenômeno do aprendizado como a recuperação de uma recordação, ou seja, aprender equivale a relembrar e colocar a memória em ordem (TRABATTONI, 2003). Sendo assim, a maior crítica de Platão quanto à escrita é de que ela não provoca a recorrência à memória e ao saber de cada um, e sim torna o aluno dependente do que está escrito para expressar o conhecimento.

Para o filósofo, a fixidez da escrita é negativa, pois tanto simula o saber quanto retira do ensinamento a capacidade de persuadir que é própria da situação oral (TRABATTONI, 2003), ou seja, pelo meio escrito, não há a troca do conhecimento nem a persuasão entre leitor e escritor como ocorre com o falante e o ouvinte nos diálogos. Na Grécia clássica, é importante se ter em mente um leitor-ouvinte devido à tradição de recepção dos discursos em falas públicas. Portanto, ele deve estar atento ao que ouve tanto quanto precisa recorrer à memória para ter um posicionamento crítico diante de uma discussão (DA ROCHA, 2010).

Além de criticar a escrita, Platão também não aprovava a atividade dos logógrafos. No mesmo discurso, *Fedro*, 257d, o pensador relata que os políticos mais importantes tinham medo de escrever seus discursos e serem chamados de sofistas¹⁵, ou seja, profissionais do

¹⁵ Sofistas eram como professores, geralmente estrangeiros, que ensinavam práticas de oratória para estudantes em troca de um pagamento. Foram duramente criticados pelos filósofos por não se atermem à verdade: “a principal acusação formulada por Platão bem como por Aristóteles pode ser inscrita no termo *pseudos*. *Pseudos* objetivo, o ‘falso’: o sofista diz o que não é, o não-ser, e o que não é verdadeiramente ente, os fenômenos, as aparências. *Pseudos* subjetivo, a ‘mentira’: o sofista diz o falso na intenção de enganar, utilizando, para obter

discurso, que se concentravam inteiramente no objeto que deveriam confeccionar, no objetivo do contratante e que não possuíam a intenção de comunicar algo interior e que concebiam como verdadeiro (TRABATTONI, 2003). A depreciação dos logógrafos parecia ser um consenso por parte da sociedade grega do período clássico. Em Alcídamente¹⁶, Demóstenes¹⁷ e Ésquines¹⁸, é possível encontrar indícios de que os logógrafos eram considerados sofistas por alguns autores (INNES, 2007).

Os logógrafos entregavam a seus clientes um *script* de um discurso que deveria ser utilizado pelo orador diante de uma audiência. Os oradores talentosos eram capazes de recitar ou recriar os textos memorizados, estabelecer uma relação com a audiência e provocar a ilusão de um discurso espontâneo. Porém, se utilizados por amadores, o *script* poderia se tornar monótono. Em tal situação, o orador poderia sentir-se constrangido e prejudicar a efetividade de seu discurso (MUIR, 2001).

Alcídamente criticou tanto o trabalho dos logógrafos como também o uso demasiado da escrita como auxílio da fala diante do público. Para ele, era necessário estabelecer um contato real com a audiência e a aparência do discurso espontâneo era vital para o orador diante dos tribunais ou da assembleia. Por isso, ele dedicou um discurso a esse tópico, *Sobre os sofistas* ou *Sobre aqueles que escrevem discursos escritos*. O seu propósito foi convencer o público de que um discurso improvisado, adaptado, direcionado para cada ocasião e cada tipo de público, se pronunciado, é superior àquele que se limita à escrita.

Percebe-se a constante depreciação da escrita em favor da fala, como na passagem que segue:

(3) Πρῶτον μὲν οὖν ἐντεῦθεν ἂν τις καταφρονήσειε τοῦ γράφειν, ἐξ ᾧ ἐστὶν εὐεπίθετον καὶ ῥάδιον καὶ τῇ τυχούσῃ φύσει πρόχειρον. Εἰπεῖν μὲν γὰρ ἐκ τοῦ παντίκα περὶ τοῦ παρατυχόντος ἐπιεικῶς, καὶ ταχεῖα χρῆσασθαι τῶν ἐνθυμημάτων καὶ τῶν ὀνομάτων εὐπορία, καὶ τῷ καιρῷ τῶν πραγμάτων καὶ ταῖς ἐπιθυμίαις τῶν ἀνθρώπων εὐστόχως ἀκολουθῆσαι καὶ τὸν προσήκοντα

êxito rentável, todos os recursos do logos, simultaneamente linguísticos (homônima dos termos), lógicos (raciocínio falso, sofismas), e racionais propriamente ditos (inaptidão para o cálculo e para a estratégia, tolice do outro).” (CASSIN, 2005).

¹⁶ *Sobre os sofistas*, 1, 6 e 13.

¹⁷ 19. 246.

¹⁸ 1. 94, 2. 180, e 3. 173.

λόγον εἰπεῖν. οὔτε φύσεως ἀπάσης οὔτε παιδείας τῆς τυχούσης ἐστίν' (Alcid. Soph. 3).

First, then, one would look down on writing from this point of view, that it is easy to acquire and simple and readily available to the natural disposition of anyone who happens to want it. For speaking on the spot in a fitting way about whatever presents itself, and employing a swift richness of argument and vocabulary, and following with a sure track the critical moment in affairs and people's inclinations, and using appropriate language is not a universal natural gift nor does it come from just any sort of training. (MUIR, 2001).

Por outro lado, havia aqueles que faziam o uso profissional da escrita, para disseminação e memorização de seus discursos, porque eram impedidos de falarem em público, como é o caso de Lísias que, por não ser cidadão residente de Atenas, não tinha o direito de participar da vida pública, restando-lhe apenas contribuir escrevendo discursos para os outros proferirem.

De maneira semelhante, Isócrates não era capaz de argumentar oralmente diante de uma assembleia por conta de uma deficiência. Isso fez com que ele escrevesse discursos para que outros os lessem. Antifonte era outro intelectual do século V a.C. que tinha aversão em falar em público e, por isso, não aparecia diante da assembleia ou de qualquer cena pública, a não ser em sua própria defesa. Ele começou a escrever discursos inteiros para que outros memorizassem e os proferissem por volta de 430 a.C. Por causa dessas práticas, surgiu a tradição dos grandes logógrafos que continuaram pelos séculos seguintes (GAGARIN, 1998).

Antifonte é considerado um dos primeiros a ter em mãos um texto escrito enquanto falava diante do tribunal¹⁹. Acredita-se que ele o tenha utilizado como um lembrete, e a partir de então, este ato tornou-se mais comum, porém, crê-se que a prática habitual era aquela relatada por Platão, em *Fedro*, de memorizar e proferir o discurso (MUIR, 2001).

Apesar de sua opinião a favor da supremacia da fala em relação à escrita, Platão não a rejeitou completamente, já que seus diálogos foram escritos por ele mesmo. Ainda em *Fedro*, 276d, ele declara que a escrita pode ajudar na memória dos mais velhos e auxiliar os estudantes no estudo da filosofia se utilizada propriamente. A preferência de Platão pela

¹⁹ A tradição acadêmica se divide entre Antifonte ou Pérecles serem o primeiro orador portando consigo o texto escrito como auxílio à memória.

oralidade independe da intenção de divulgação dos textos filosóficos, já que a escrita lhe era necessária para construir seus textos.

Portanto, a escrita poderia servir a um propósito, desde que acompanhada pelo diálogo filosófico (KRAUT, 2006). Por outro lado, acredita-se que Platão não tenha escrito seus pensamentos mais importantes²⁰, deixando-os apenas para a discussão filosófica. Assim, mais uma vez, pode ser vista a dicotomia de uma sociedade de tradição oral lidando com a vinda do letramento.

A preferência de Platão pelo discurso oral surge de sua incapacidade de compreender as implicações históricas dos dois modos de comunicação – o oral e o escrito – coexistindo no momento de transição entre um e outro, já que o filósofo estava ciente das necessidades culturais apenas de seu tempo (GENTILI, 1988).

Do mesmo modo, Alcídamente também faz uso da escrita para disseminar seus discursos e vê utilidade no meio, como ele próprio afirma, porém, sempre preservando lugar de maior destaque para a fala:

(31) Πρὸς δὲ τούτοις καὶ τῶν ἐπιδειξεῶν εἵνεκα τῶν εἰς τοὺς ὄχλους ἐκφερομένων ἄπτομαι τοῦ γράφειν. Τοῖς μὲν γὰρ πολλάκις ἡμῖν ἐντυγχάνουσιν ἐξ ἐκείνου τοῦ πρότου παρακελευόμεθα πείραν ἡμῶν λαμβάνειν, ὅταν ὑπὲρ ἅπαντος τοῦ προτεθέντος εὐκαίρως καὶ μουσικῶς εἰπεῖν οἴοι τ' ὄμεν· τοῖς δὲ διὰ χρόνου μὲν ἐπὶ τὰς ἀκροάσεις ἀφιγμένοις, μηδεπώποτε δὲ πρότερον ἡμῖν ἐντετυχηκόσιν, ἐπιχειροῦμέν τι δεικνύναι τῶν γεγραμμένων· εἰθισμένοι γὰρ ἀκροᾶσθαι τῶν ἄλλων <τοὺς γραπτ>οὺς λόγους, ἴσως ἂν ἡμῶν αὐτοσχεδιαζόντων ἀκούοντες ἐλάττοντα τῆς ἀξίας δόξαν καθ' ἡμῶν λάβοιεν. (Alcid. Soph. 31).

In addition, I employ writing for the popular dissemination of my display-performances too. For, whenever we are able to speak on any subject put before us with happy appropriateness for the occasion and with elegance, it is in this mode that we recommend those who meet us often to sample our ability; but for those who come to hear us after some time and for those who have never before met us, we try to show something of what we have done in writing. For those who have been accustomed to listen to the written speeches of others would perhaps, if they hear us speaking extempore, form a lower opinion of us than we deserve. (MUIR, 2001).

²⁰ Na *Sétima carta*, Platão afirma que não escreverá seus pensamentos mais importantes, mas os divulgará oralmente para seus estudantes. Esta afirmação é confirmada por Aristóteles, IV. 209b, 14-15 (KRAUT, 2006).

Segundo Thomas, 2005, a oralidade determina o estilo, o conteúdo e a mentalidade. Uma cultura oral tem relações imediatas com o ouvinte, portanto tem atitudes e expressões diferentes da escrita. A cultura oral possui uma escrita concentrada em estruturas paratáticas, e não hipotáticas, pois utiliza atitudes de pensamento que são imediatamente percebidas pelo ouvinte e captam sua atenção (GENTILI & CERRI, 1972).

No período clássico na Grécia, pode-se determinar o meio escrito como uma forma de expressão do grego antigo, mas não ainda como uma língua escrita propriamente, isto é, um sistema de convenções estável. A escrita era um recurso para preservar a comunicação oral e, possivelmente, a sintaxe de seus enunciados mimetizava a sintaxe dos enunciados orais. A escrita também não era meramente uma transcrição da fala, já que, mesmo de forma precária, havia algumas regras de pontuação, mesmo que regidas pelo ritmo, e um estilo próprio desse meio de comunicação, como registrou Aristóteles no livro 3 da *Retórica*.

1.2 Retórica e Oratória grega – estilo oral e escrito

A importância da oratória grega na sociedade pode ser encontrada vários séculos antes de seu estudo. No século VIII a.C., em Homero, é possível perceber o papel notável que essa representava para a sociedade antiga. Heróis como Aquiles, Odisseu, Hércules e outros tinham uma forte conexão com a arte, ou seja, eram excelentes ao falarem em público. A *Ilíada* e a *Odisseia* praticamente tratam as técnicas militares e as técnicas de retórica como igualmente importantes e podem ser encontradas em vários trechos características de argumento, arranjo e estilo, que mais tarde serão descritas nos manuais de retórica (KENNEDY, 2007). Um exemplo típico da relevância da oratória na cultura grega encontrada em Homero é a passagem da *Ilíada* referente a Aquiles e seu tutor Fênix, *Ilíada*, 9. 442-443, na qual o herói relata que seu professor o instruiu sobre todas as coisas, tanto a ser um orador como a fazer grandes feitos “*τοῦνεκά με προέηκε διδασκόμεναι τάδε πάντα, μύθων τε ῥητῆρ’ ἔμεναι πρηκτῆρά τε ἔργων.*” (Por isso, ele me enviou para aprender tudo isso, ser tanto um orador de discursos, como um executor de tarefas).

No século V a.C., por meio dos registros como os de Tucídides, é possível saber que as técnicas de oratória conduziam a liderança política da época (GAGARIN, 1998). Até este momento, a oratória era estritamente composta e transmitida oralmente e raramente preservada. Posteriormente, mesmo com o advento da escrita, era comum que a oratória política fosse feita oralmente e a habilidade de falar em público ainda era mais valiosa do que a habilidade de ler e escrever.

Os oradores do século V a. C. usavam a escrita mais como um auxílio para sua oratória, porém, esta ainda era o meio mais utilizado para se mostrar novas ideias, descobertas científicas, formas de expressão inovadoras e novos métodos de argumento (GAGARIN, 1998). Ao final do século V a.C. e início do século IV a.C., foram publicados os primeiros manuais de retórica e sistematizou-se o estudo da arte.

No período clássico na Grécia, a atenção dos intelectuais voltou-se da poesia para a prosa e foi mantida a forma de divulgação para amplas audiências por meio de leituras públicas ou discussões particulares com base na memorização dos textos em prosa (DA ROCHA, 2010). Esse gênero textual tinha caráter informativo e o objetivo de apresentar uma sintaxe menos extravagante e irregular como aquela das poesias. Era um texto produzido para ser estudado, portanto deveria ser compacto, preciso, regular e complexo, porém refletindo as expectativas de um discurso pronunciado, isto é entreter ou educar a audiência (COLE, 1991).

Não se tem conhecimento exato de um público-leitor no século V a.C. ou até mesmo do hábito de leitura dos gregos neste período devido à longa tradição de recepção de discursos por meio da recitação ou leitura em voz alta (DA ROCHA, 2010). O alvo que os escritores áticos tinham em mente eram os oradores públicos ou aspirantes da classe, já que os textos áticos dão a impressão de terem sido escritos para serem proferidos (COLE, 1991).

Os estudos de retórica se iniciaram, provavelmente, no século VI a.C. em um cenário em que os intelectuais jônicos viviam isolados dos áticos e raras eram as oportunidades de se juntarem para trocarem informação. Desse modo, surgiram os primeiros textos para circulação e a “protoretórica”, uma prática de demonstração de discursos em sua forma escrita para serem exercitados (COLE, 1991).

A retórica se concretizou como estudo a partir da contribuição de grandes logógrafos e sofistas como Antifonte, Górgias, Lísias, Teramenes, Isócrates, Teodetes, Corax e Tísias, Aristóteles e outros que postularam modelos de discursos ou oratória a serem seguidos.

O estudo da oratória possui duas linhas de tradição: aquela que enfatiza o lado lógico do sujeito, conhecida como aristotélica; e aquela na qual são enfatizados os aspectos literários, a isocrática. Para Isócrates, a retórica é um processo criativo que não pode ser reduzido a regras. Por outro lado, Aristóteles considera a retórica como um processo tanto produtivo como um método (KENNEDY, 2007).

No entanto, o filósofo se tornou o primeiro a sistematizar o estudo de retórica. Sua preocupação era desenhar um mapa geral do estudo e definir as relações das várias disciplinas das artes e ciências que eram até o século IV a.C. concebidas como áreas do conhecimento separadas. Em sua *Retórica*, pode-se perceber o uso da retórica primeiramente como ferramenta e, posteriormente, seu uso teórico de conteúdo político e ético (KENNEDY, 2007)²¹.

Como dito anteriormente, a escrita do período clássico não era regida por normas gramaticais – pois a primeira gramática surgiu apenas no século I a.C. –, mas pelas normas da oralidade. No entanto, havia certa diferença entre os discursos produzidos para serem pronunciados e aqueles feitos para serem lidos, o que indica um grau de formalidade presente na escrita deste período.

Na *Retórica*, Aristóteles diferencia o estilo escrito, *graphikê lexis*, do estilo oral, *agonistikê lexis*. O primeiro é caracterizado por *akribestatê*, o mais preciso, o último por *hipokritikotatê*²², o mais adequado para ser pronunciado. Cada tipo de retórica possui uma forma mais apropriada para o debate, por exemplo: o estilo escrito é mais conveniente ao discurso epidêitico, pois tem mais precisão na forma, já que seu objetivo era ser lido ou estudado. A retórica judicial e a deliberativa são mais próprias do estilo oral, a última mais do que a primeira, pois é o modo apropriado para o debate público (*Rh*, 3.12).

²¹ Primeiramente, Aristóteles caracteriza a retórica como uma *tekhnê* e explicita seus usos. Em seguida, define os meios de persuasão, as *písteis* do discurso, que podem vir do caráter do orador, *éthos*, do próprio texto, *logos* e da emoção por parte de ouvinte, *pathos*. As *písteis* podem ser artísticas e não artísticas. Não artísticas são aquelas que não são feitas pelo orador, como testemunhas, confissões, contratos etc. Artísticas são todas as formas de persuasão produzidas pelo orador. Aristóteles postula, então, os três tipos de retórica: *συμβουλευτικόν* (deliberativa), *δικανικόν* (judicial) e *ἐπιδεικτικόν* (epidêitica). Cada tipo de retórica possui configuração e propósitos específicos. A segunda parte da retórica aristotélica é dedicada ao *pathos*. O filósofo vai discorrer sobre a argumentação sob três pontos: o da emoção – isto inclui suscitar no ouvinte a raiva, inveja, vergonha, confiança entre outros – do caráter do orador para a audiência – incluindo o caráter dos jovens, bem-nascidos, poderosos etc. – e o da lógica – que engloba os paradigmas, as falácias, amplificação e outros. A terceira e última seção da retórica é dedicada ao estilo. Aqui, será abordado o estilo da prosa artística – ritmo, estilo periódico, estilo oral e escrito etc. – e a forma do discurso, abrangendo as partes necessárias do discurso *πρόθεσις* (tema) e *πίστις* (argumento), próemio, narrativa, epílogo e outros.

²² *ὑποκριτική* pertence a *ὑπόκρισις*, que, entre vários significados, corresponde à fala de um orador. Assim, *ὑποκριτική* é ‘aquilo que é adequado à fala ou ao pronunciamento’; faz referência também à *performance* e interpretação dos atores, que demandava maior interação com a audiência (LIDELL&SCOTT, 1940).

Akribeia é um conceito-chave no que se refere a estilo escrito. Para Alcídamente, a *performance* do discurso influencia seu estilo, isto é, aquele que escreve discursos para o tribunal deve evitar a precisão e imitar o estilo oral, além disso, sua escrita será melhor se menos se parecer com um texto escrito (Alcid. 13). Do mesmo modo, Tucídides apresentava uma preocupação ao utilizar a palavra mais precisa e relatar os acontecimentos com a máxima precisão possível (Thuc. 1.22).

A relação entre o orador e a audiência no discurso epidêitico é diferente daquela dos discursos judicial e deliberativo. O gênero epidêitico possui um espectador, ao passo que o deliberativo, uma assembleia, e o judicial, um júri. Com efeito, a diferença é que o objetivo dos últimos era persuadir o público-alvo pra que houvesse decisão ou interação imediata sobre o tema, enquanto que, no primeiro, esperava-se simplesmente que o espectador (*theôros*) absorvesse o tema do discurso (INNES, 2007).

Para Aristóteles, cada estilo possui um público diferenciado. O oral é direcionado diretamente a um público imediato, presente, já o escrito é voltado aos outros, os que não estão necessariamente presentes ou diretamente relacionados ao assunto e, por isso, tem maior público. Do mesmo modo, cada estilo tem sua própria caracterização, por exemplo, é possível utilizar a repetição no estilo oral, porém ela é duramente criticada na escrita. De maneira semelhante, os assíndetos²³ podem permear a prosa falada, enquanto que na escrita eles devem ser utilizados para o bom entendimento (*Rh* 3.12).

Mesmo os discursos escritos com o propósito de serem lidos ainda eram subordinados à fala. Para Aristóteles, o bom estilo escrito é aquele que facilita a boa *performance* oral do discurso. Além disso, o ritmo tem papel crucial em um texto escrito. O ritmo determina a pontuação final de cada período, já que permite um controle apropriado da respiração durante a fala. Assim, os períodos do estilo escrito são regidos pelo discurso oral, já que para ele, seria muito difícil identificar quando uma unidade de sentido está completa apenas com o uso da pontuação (INNES, 2007).

Acredita-se que não houve grande esforço de Aristóteles em estudar estilos particulares dos oradores. Para ele, a retórica não era uma disciplina crucial como foi para os retóricos, mas sim um elemento de instrução construído em um sistema ético e filosófico. Os exemplos de discursos judiciais e deliberativos utilizados pelo filósofo eram aqueles

²³ Ausência de conectivos.

familiares a ele e a seus discípulos, da literatura oral e que circulavam na época, contrariamente ao que ocorre com os discursos epidêuticos, aos quais Aristóteles provavelmente teria mais acesso, pois eram mais comumente escritos, e mais utilizados nos estudos com seus alunos (TREVETT, 1996).

Contudo, é por meio das constatações de Aristóteles que se conhece a maior parte dos preceitos sobre estilo oral e escrito na prosa do período clássico. Por muitos anos, os estudiosos concentraram as análises da oralidade na poesia épica, que era composta e transmitida oralmente, e pouca importância era dada a prosa. Porém nas últimas décadas, a atenção tem se voltado para a oratória, já que, como visto, a oralidade presente nos textos escritos de caráter performático é tão presente nesta quanto na poesia.

Uma das análises mais relevantes sobre o estudo da oralidade na oratória grega é Gagarin, 1999, que, em seu trabalho *The Orality of Greek Oratory*, faz uma comparação entre o estilo oral e escrito no século V a.C. contrastando os textos de Górgias como um orador, e de Antifonte como um logógrafo. Gagarin foi capaz de identificar diversas características típicas do estilo oral em Górgias, como paralelismo, parataxe, períodos relativamente simples que não estavam presentes na escrita de Antifonte, que, de maneira oposta, constrói seus argumentos por meio de estruturas sintáticas mais complexas, tipicamente dependentes de participípios. O estilo do logógrafo conta com argumentos novos, generalizações e análises, ao passo que o orador utiliza argumentos conhecidos e evita generalizações e análises. Além disso, o pesquisador destacou outras especificidades nos discursos, como o uso de antítese – simples e curtas no estilo oral, longas e complexas no estilo escrito –, a ordem das palavras – violada no estilo escrito – e o comprimento das orações – mais longas no estilo escrito. Esse estudo levou a um contraste entre clareza e simplicidade como características da oralidade e obscuridade e complexidade como características da escrita da prosa do período clássico.

A pesquisa sobre o estilo oral e escrito dos séculos V e IV a.C. ainda tem muito a esclarecer sobre como a oralidade interferia na escrita e nos costumes tradicionais em geral. Este trabalho pretende contribuir com as discussões atuais sobre o tema com a análise de alguns dos discursos de Andócides e ênfase no uso dos tempos verbais.

CAPÍTULO 2 – ANDÓCIDES: O ORADOR E SEU ESTILO NATURAL

2.1 Vida e obra de Andócides

Andócides nasceu por volta de 440 a.C.²⁴. Era filho de Leógoras e tinha uma única irmã²⁵. Pertenceu a uma família rica e antiga de Atenas²⁶ que, além da fortuna, era conhecida pela longa trajetória política. Seu bisavô, Leógoras, lutou contra o governo de Pisístrato²⁷, seu avô, Andócides, foi um dos dez enviados para Esparta pela Paz dos Trinta Anos²⁸, liderou uma expedição à Mégara como general em 446/5 a.C. e outra ao lado de Péricles para Samos em 441/0. Seu pai, apesar de não ter sido tão bem sucedido quanto o avô, comandou uma embaixada para o rei da Macedônia em 426 a.C. (EDWARDS, 1995). Andócides ingressou na vida política aproximadamente aos vinte anos, em 415 a.C., quando tomou parte nas

²⁴ Data sugerida por Edwards, 1995, MacDowell, 1989, e Maidment, 1941, confirmada por Lísias (6.46), que diz que Andócides já tinha mais de quarenta anos em 400 a.C. (data de sua acusação): “*φέρει δὴ, εἰς τί σκεψαμένους χρῆ ὑμᾶς Ἀνδοκίδου ἀπογηφίσασθαι; πότερον ὡς στρατιώτης ἀγαθός; ἀλλ’ οὐδεπόποτ’ ἐκ τῆς πόλεως ἐστρατεύσατο, οὔτε ἱππεὺς οὔτε ὀπλίτης, οὔτε τριήραρχος οὔτ’ ἐπιβάτης, οὔτε πρὸ τῆς συμφορᾶς οὔτε μετὰ τὴν συμφορὰν, πλεον ἢ τετταράκοντα ἔτη γεγονώς.*” (Sendo assim, de qual consideração vós absolveis Andócides? A de um bom soldado? Mas ele nunca foi a nenhuma expedição fora da cidade, nem na cavalaria, nem na infantaria, nem como capitão de barco nem de trirreme, nem da marinha, nem antes da tragédia nem junto com a tragédia, embora tenha já atingido mais de quarenta anos); em Andoc. 2.7, o orador fala de sua juventude em 415 a.C.: “*ὅς εἰς τοσοῦτον ἦλθον δυσδαιμονίας, εἴτε χρῆ εἰπεῖν νεότητί τε καὶ ἀνοίᾳ τῆ ἐμαντοῦ, εἴτε καὶ δυνάμει τῶν πεισάντων με ἐλθεῖν εἰς τοιαύτην συμφορὰν τῶν φρενῶν, [...]*” ((eu) que cheguei a uma grande miséria, é necessário dizer, se pela minha juventude e tolice, se pelo poder dos que me persuadem a ir para tal circunstância de pensamentos, [...]). Essa data também é confirmada em Plut. Vit. Dec. 2, no qual Plutarco afirma que Andócides era aproximadamente dez anos mais velho do que Lísias: “[...] ἀρχὴ δ’ αὐτῷ τῆς γενέσεως ὀλυμπιάς μὲν ἑβδομηκοστὴ ὀγδόη, ἄρχων δ’ Ἀθήνησι Θεογενίδης: ὥστ’ εἶναι πρεσβύτερον αὐτὸν Λυσίου ἔτεσι πού ἑκατόν.” (E a origem de seu nascimento (se deu) na septuagésima oitava olimpíada, quando Teogenídes era o arconte dos atenienses: sendo ele, assim, mais velho do que Lísias por volta de dez anos).

²⁵ Andoc. 1.50.

²⁶ Em seu discurso *Sobre os Mistérios*, Andócides revela o seguinte: *σκέψασθε τοίνυν καὶ τάδε, ἂν με σφύσητε, οἷον ἔχετε πολίτην: ὅς πρῶτον μὲν ἐκ πολλοῦ πλοῦτου, ὅσον ὑμεῖς ἴστε [...]* (1.144) (Portanto, vós examinastes isso, se me salvardes, tereis este tipo de cidadão: que, primeiro, fora muita riqueza, como vós sabeis [...]); e (1.147)[...] *οἰκία δὲ πασῶν ἀρχαιοτάτη καὶ κοινοτάτη ἀεὶ τῷ δεομένῳ.* ([...] e (nossa) casa de todas a mais antiga e sempre de portas abertas para quem precisa.).

²⁷ Andócides cita os feitos de seu bisavô Leógoras em duas passagens: Andoc. 1.106: “*οἱ γὰρ πατέρες οἱ ὑμέτεροι γενομένων τῆ πόλει κακῶν μεγάλων, ὅτε οἱ τύραννοι μὲν εἶχον τὴν πόλιν, ὁ δὲ δῆμος ἔφευγε, νικήσαντες μαχόμενοι τοὺς τυράννους ἐπὶ Παλληνίῳ, στρατηγούοντος Λεωγόρον τοῦ προπάππου τοῦ ἐμοῦ καὶ Χαρίου [...]*” (Pois quando os grandes males aconteciam na cidade no tempo em que, por um lado, os tiranos chegavam a ela, e por outro, o povo fugia, vossos pais venceram as batalhas contra os tiranos perto de Palénio, com meu bisavô Leógoras sendo general e Cárias [...]); e Andoc. 2.26: “*[...] ὅτι ὁ τοῦ ἐμοῦ πατρὸς πάππος Λεωγόρας στασιάσας πρὸς τοὺς τυράννους ὑπὲρ τοῦ δήμου, [...]*” (que o pai do meu avô Leógoras formou um partido contra os tiranos a favor do povo, [...]).

²⁸ Andoc. 3.6: “[...] καὶ ἠρέθησαν δέκα ἄνδρες ἐξ Ἀθηναίων ἀπάντων πρέσβεις εἰς Λακεδαίμονα περὶ εἰρήνης αὐτοκράτορες, ὧν ἦν καὶ Ἀνδοκίδης ὁ πάππος ὁ ἡμέτερος. οὗτοι ἡμῖν εἰρήνην ἐποίησαν πρὸς Λακεδαιμονίους ἔτη τριάκοντα.” (e foram escolhidos dez homens de todos os embaixadores atenienses para Esparta com plenos poderes para fazer a paz, dos quais um era Andócides, o meu avô. Eles fizeram a nossa paz com os espartanos por trinta anos.).

ἐταιρεῖται²⁹, um grupo de jovens aristocratas, de caráter político e com ideias oligárquicas³⁰, que em 411 a.C. tivera participação na tentativa de derrubar a democracia. Para eles, o orador pronunciou um de seus primeiros discursos – *Sobre os associados*³¹ -, do qual sobraram apenas dois fragmentos.

Nessa mesma época, Atenas preparava-se para enviar uma expedição à Sicília contra Siracusa sob o comando de Alcibíades, Nícias e Lâmaco, mas pouco tempo antes de ela sair do Pireu, houve um duplo escândalo, a profanação dos Mistérios de Elêusis, um ritual público com ênfase na revelação e salvação pessoal (JONES, 1997) e a mutilação das estátuas de Hermes, o deus dos viajantes, por um grupo de vândalos. As estátuas ficavam nas portas das casas para simbolizar boa sorte, e, sua mutilação causou então grande tensão e pânico na cidade e os cidadãos da pólis consideraram este acontecimento como a causa do fracasso da expedição à Sicília em 411 a.C.

Diante dos acontecimentos, foram feitas uma intensa investigação e uma assembleia na qual acusaram Alcibíades de participar das paródias dos sagrados Mistérios de Elêusis e o grupo ao qual Andócides pertencia de estar envolvido no escândalo da mutilação³². Por conta dessa denúncia, Andócides tornou-se um dos informantes do caso para garantir sua imunidade. Porém, seus direitos foram revogados pelo decreto de Isotímides³³, que impedia aqueles que cometessem algum crime e o confessassem de frequentarem os templos e a ágora de Atenas, ou seja, de qualquer atividade religiosa ou política na cidade. Diante disso, ele

²⁹ Andócides, ao citar a fala de seu primo Cármides em 1.49, revela que seu grupo de amigos e associados foram os responsáveis pela mutilação dos Hermes e descreve bem os tipos de reuniões e o modo como Eufíleto, o líder, comandou o grupo em 1.61-64.

³⁰ Plut. *Them.* 32.3 “καὶ τάφον μὲν αὐτοῦ λαμπρὸν ἐν τῇ ἀγορᾷ Μάγνητες ἔχουσι: περὶ δὲ τῶν λειψάνων οὐτ’ Ἀνδοκίδῃ προσέχειν ἄξιον ἐν τῷ Πρὸς τοὺς ἐταίρους λέγοντι, φαράσαντας τὰ λείψανα διαρρήψαι τοὺς Ἀθηναίους (ψεύδεται γὰρ ἐπὶ τὸν δῆμον παροξύνων τοὺς ὀλιγαρχικούς)”. (E os magnésios têm o esplêndido túmulo de Temístocles em sua ágora: e, com relação aos seus bens remanescentes, Andócides não é digno de merecê-los, ao falar em seu discurso *Sobre os associados* que os atenienses roubaram e espalharam seus bens remanescentes (pois, mente para o povo irritando os oligarcas));

Plut. *Alc.* 21.1: “ἐδόκει δὲ μισόδημος καὶ ὀλιγαρχικός Ὀνδοκίδης, ὑποπτον δὲ οὐχ ἥκιστα τῆς τῶν Ἑρμῶν περικοπῆς ἐποίησεν ὁ μέγας Ἑρμῆς, ὁ πλησίον αὐτοῦ τῆς οἰκίας ἀνάθημα τῆς Αἰγιῆδος φυλῆς ἰδρυμένος: [...]” (o Andócides parecia ser antidemocrata e um oligarca, suspeito acima de tudo de fazer parte da mutilação dos Hermes, o maior Hermes, aquele que estava colocado perto de sua casa, dedicado à tribo de Égido).

³¹ Em Plut. *Them.* 32.3 há evidências de seu discurso *Sobre os Associados* (*Πρὸς τοὺς ἐταίρους*).

³² Ao se tornar um informante, Andócides comprova em 1.37-68 a participação de seu grupo no atentado.

³³ Lísias 6.9 argumenta que o decreto de Isotímides foi feito para Andócides: “εἰς τοσοῦτον δὲ τόλμης ἀφῆκται, ὥστε καὶ λέγει περὶ τοῦ νόμου, ὡς καθήρηται ὁ περὶ αὐτοῦ κείμενος καὶ ἔξεστιν αὐτῷ ἤδη εἰσιέναι εἰς τὴν ἀγορὰν καὶ εἰς τὰ ἱερά [...]” (e tão grande audácia alcançou, que também fala sobre a lei, estabelecida acerca dele, estar abolida, e que já está permitido a ele entrar na ágora e nos templos [...]); e novamente em 6.24: “[...]καὶ προσεψηφίσασθε ὑμεῖς αὐτὸν εἶργεσθαι τῆς ἀγορᾶς καὶ τῶν ἱερῶν, ὥστε μηδ’ ἀδικούμενον ὑπὸ τῶν ἐχθρῶν δύνασθαι δίκην λαβεῖν.” ([...] e vós votastes impedindo-o de entrar na ágora e nos templos, e, mesmo que injustiçado pelos inimigos, de ser capaz de fazer justiça.).

preferiu o exílio a ter de viver sob tais condições³⁴. O orador passou a maior parte deste tempo em Chipre³⁵ trabalhando com atividades mercantis³⁶, como o fornecimento de madeira para mastros e remos, milho e bronze³⁷ para o exército ateniense enquanto tentava repetidas vezes voltar à Atenas. A primeira tentativa ocorreu em 411 a.C. no governo dos Quatrocentos³⁸, que resultou em sua prisão³⁹, e a segunda, durante a democracia já reestabelecida entre 410/6 a.C. quando proferiu seu discurso *Sobre seu retorno*, prometendo fornecer milho à Atenas, que estava sob domínio de Esparta, além de outros serviços secretos. O apelo não convenceu a audiência e, novamente exilado⁴⁰, Andócides viajou pela Sicília, Itália, Tessália, Jônia, pelo Peloponeso, Helésponto e por Chipre, onde possuía terras e riquezas⁴¹. Apenas em 403 a.C., após a queda dos Trinta⁴², Andócides reconquistou a cidadania ateniense e construiu uma carreira política⁴³, mas logo depois, em 400 a.C., foi a julgamento por violar o decreto de Isotímides e então proclamou seu discurso *Sobre os mistérios*, o qual garantiu seus direitos e sua permanência em Atenas.

Acredita-se que, nos dez anos seguintes, Andócides tenha participado ativamente da vida pública de Atenas, já que em 392/1 a.C. como um membro da embaixada de paz a Esparta proclamou seu discurso *Sobre a paz com Esparta* para tentar reconciliar as duas cidades. Ao falhar em convencer a assembleia, foi banido definitivamente da cidade por

³⁴ O próprio Andócides fala da sua decisão de se exilar voluntariamente, 2.10: “ἐπειδὴ δὲ χρόνον ὕστερον εἰσηλθέ μοι, ὥσπερ εἰκός, ἐπιθυμία τῆς τε μεθ’ ὑμῶν πολιτείας ἐκείνης καὶ διαίτης, ἐξ ἧς δευρὶ μετέστην, ἔγνων λυσιτελεῖν μοι ἢ τοῦ βίου ἀπηλλάχθαι, ἢ τὴν πόλιν ταύτην ἀγαθὸν τι τοσοῦτον ἐργάσασθαι, ὥστε ὑμῶν ἐκόντων εἶναι ποτέ μοι πολιτεύσασθαι μεθ’ ὑμῶν.” (depois que um tempo veio para mim, como é razoável, um desejo por aquela cidadania e maneira de vida convosco, que até agora me bani, sabia que era melhor para mim ou me livrar da vida ou fazer um bem de tal modo a essa cidade, com vosso consentimento ser em algum momento considerado cidadão entre vós.).

³⁵ Andoc. 1.4, 132, 2.20-1 e Lys. 6.26-28.

³⁶ Plut. *Vit. Dec.* 2.

³⁷ Andoc. 2.11.

³⁸ O conselho dos Quatrocentos foi um golpe oligárquico instaurado em 411 a.C., no qual os atenienses foram obrigados a estabelecer um conselho de quatrocentos homens para governar a pólis. No mesmo ano, foi derrubado e substituído pelo governo dos cinco mil, o qual se afastou da oligarquia extrema e facilitou a retomada da democracia em Atenas em 410 a.C. (JONES, 1997).

³⁹ Andoc. 2.13-16, Lys, 6.26-7

⁴⁰ Lys. 6.28-9.

⁴¹ Ver n.10 e Lys. 6. 6.

⁴² O governo dos Trinta foi outro golpe oligárquico em Atenas, no qual, em 404 a.C., os atenienses foram forçados a estabelecer um conselho de trinta homens para cuidarem dos assuntos públicos até a criação de uma nova constituição. A democracia só fora reestabelecida novamente de forma gradual em 403 a.C. (JONES, 1997).

⁴³ Lys. 6.33.

Calístratos⁴⁴. Não se tem mais registros sobre a vida de Andócides após 392/1 a.C e acredita-se que tenha morrido logo em seguida sem família e sem filhos⁴⁵.

Além dos três discursos e dos fragmentos de *Πρὸς τοὺς ἐταίρους* citados anteriormente, ainda existe mais um texto atribuído ao autor, o *Contra Alcibiades*⁴⁶. Juntos, esses discursos compõem a maior fonte biográfica de Andócides atualmente. Sem dúvida, Andócides deixou um legado de escritos muito importante, pois estes são fontes do conhecimento para diversas áreas como a literatura, história, política e retórica.

Os textos de Andócides se encontram entre os mais antigos do gênero retórico; neles podem ser encontradas diversas evidências históricas do período clássico na Grécia, além de aspectos culturais e sociais de Atenas, dialogando com grandes autores como Tucídides e Xenofonte. (EDWARDS, 1995). Há, ainda, diversas leis presentes em suas obras, como o decreto de Patroclides⁴⁷, o decreto de Isotímides⁴⁸, as leis de Draco e Sólon⁴⁹, o decreto de Tisamenos⁵⁰ e o decreto de Demofantos⁵¹, que, apesar de utilizadas de maneira tendenciosa por Andócides, podem ajudar a traçar parâmetros de como a política interferia naquela sociedade e como era vivida pelos cidadãos atenienses⁵²; e seu discurso *Sobre a paz com Esparta* é o discurso deliberativo mais antigo sobre guerra e paz que sobreviveu do século V a.C. Porém, a oratória de Andócides, por muito tempo, foi ofuscada pela a de grandes autores de sua época como Demóstenes, Ésquines e Isócrates (MISSIOU, 2007).

⁴⁴ Plut. Vit. Dec. 2 “πεμφθεις δὲ περὶ τῆς εἰρήνης εἰς Λακεδαιμόνα καὶ δόξας ἀδικεῖν ἔφυγε.” (ao ter sido enviado para a Lacedemônia acerca da paz e fugiu tendo sido suspeito de injustiça.).

⁴⁵ Andoc. 1. 148 “τίνα γὰρ καὶ ἀναβιβάζομαι δεησόμενον ὑπὲρ ἑμαυτοῦ; τὸν πατέρα; ἀλλὰ τέθνηκεν. ἀλλὰ τοὺς ἀδελφοὺς; ἀλλ’ οὐκ εἰσί. ἀλλὰ τοὺς παῖδας; ἀλλ’ οὐπω γεγέννηται.” (Pois quem eu trarei para minha defesa? O pai? Mas já morreu. E os irmãos? Mas não existem. E os filhos? Mas ainda não nasceram.).

⁴⁶ *Contra Alcibiades* é considerado um discurso espúrio, pois não há referências a ele nos outros textos de Andócides e, do mesmo modo, em outros autores. Segundo Maidment, 1941, o discurso foi pronunciado por volta de 415 a.C. época em que Andócides ainda era muito jovem, ao passo que o próprio autor do texto diz ter uma carreira política distinta e ter servido em mais de seis expedições oficiais no oeste da Grécia e na Sicília.

⁴⁷ 1.73-80.

⁴⁸ 1.8; 1.71; 2.10; 2.24.

⁴⁹ 1. 81-83; 1.95-98; 1.111;

⁵⁰ 1.83-87

⁵¹ 1.96.

⁵² Até 2011, acreditava-se que as leis presentes nos discursos de Andócides fossem documentos legítimos. Porém, um estudo de Edwads & Canevaro, 2012, evidenciou que as informações sobre as leis contidas em *Sobre os Mistérios* de Andócides não são confiáveis e não devem ser utilizadas para reconstruir a história política de Atenas entre 410-399 a. C.

2.2 O estilo de Andócides

O estudo formal em oratória permitia aos oradores um uso mais elaborado da linguagem; por isso, acredita-se que a prosa do período clássico era elaborada ao ponto de se distanciar da língua falada da época, ao menos, era mais distante do que a língua retratada na poesia e nos diálogos. Sendo assim, a condição de Andócides como um orador nato permite que se tenha uma visão do que seria o mais próximo da fluência oral do período clássico.

Por vários séculos, o estilo de Andócides não agradou os críticos. Na antiguidade, possuía uma reputação bastante desprestigiada e sua oratória não constituía um modelo a ser seguido como o dos grandes oradores ou logógrafos.

Poucos contemporâneos de Andócides o citaram ou comentaram seu estilo. Um dos únicos a fazer isso foi Lísias, em seu discurso *Contra Andócides*, no qual ele não critica propriamente o estilo do orador, mas seu caráter, sua conduta e sua vida pública. A *Retórica* de Aristóteles, por exemplo, não cita seu nome em nenhum dos exemplos de modelos de oratória ática.

No século I a.C, Dionísio de Halicarnasso menciona Andócides duas vezes. Ele parece ter sido o único dentre os antigos a considerar o grande valor das obras de Andócides. Na primeira citação, Dionísio o compara aos grandes logógrafos como Antifonte e Lísias:

[...] πρὸς δὲ τοὺς ἐπὶ τὸν ἀρχαῖον βίον ἀναφέροντας τὴν Θουκυδίδου διάλεκτον ὡς δὴ τοῖς τότε ἀνθρώποις οὕσαν συνήθη, βραχὺς ἀπόχρη μοι λόγος καὶ σαφής, ὅτι πολλῶν γενομένων Ἀθήνησι κατὰ τὸν Πελοποννησιακὸν πόλεμον ῥητόρων τε καὶ φιλοσόφων οὐδεὶς αὐτῶν κέχρηται ταύτῃ τῇ διαλέκτῳ, οὐθ' οἱ περὶ Ἀνδοκίδην καὶ Ἀντιφῶντα καὶ Λυσίαν ῥήτορες οὐθ' οἱ περὶ Κριτίαν καὶ Ἀντισθένη καὶ Ξενοφῶντα Σωκρατικοί (D.H. *Thuc.* 51).

[...]But to those who refer Thucydides's language to its historical period and assert that it was familiar to the people at the time. I am content with a short and obvious reply: that none of the many orators and philosophers who lived in Athens during the Peloponnesian War used this style, neither Andócides, Anthiphon, Lysias and their fellow orators, nor Critias, Antisthenes, Xenophon and the other companions of Socrates. [...] (USHER, 1974).

Já na segunda vez em que Dionísio cita o orador, ele descreve como deve ser o modelo da prosa ática contemporânea, seguindo o modelo de Lísias, como pode ser observado nos textos de Andócides, Crítias e de outros autores:

καθαρός ἐστὶ τὴν ἐρμηνείαν πάνυ καὶ τῆς Ἀττικῆς γλώττης ἄριστος κανὼν, οὐ τῆς ἀρχαίας, ἣ κέχρηται Πλάτων τε καὶ Θουκυδίδης, ἀλλὰ τῆς κατ' ἐκεῖνον χρόνον ἐπιχωριαζούσης, ὡς ἔστι τεκμήρασθαι τοῖς τε Ἀνδοκίδου λόγοις καὶ τοῖς Κριτίου καὶ ἄλλοις συχνοῖς.”(D.H. Lys. 2).

He is completely pure in his vocabulary, and is the perfect model of the Attic dialect – not the archaic dialect used by Plato and Thucydides, but that which was in general currency in his day, as exemplified in the speeches of Andocides, Critias and many other orators. (USHER, 1974)

No século I, para Plutarco, o estilo de Andócides era simples e sem ornamentos “*ἔστι δ' ἀπλοῦς καὶ ἀκατάσκευος ἐν τοῖς λόγοις, ἀφελής τε καὶ ἀσχημάτιστος*” (Plut. Vit. Dec. 2) e Quintiliano considerava seu estilo antiquado (Quint. 12. 10. 21). Filóstrato, no século II, descreve a fala de Herodes, na qual diz ser melhor em tudo do que Andócides (Philostr. 2. 1. 14), Hermógenes criticava Andócides por tentar ser um *πολιτικὸς ῥήτωρ* sem sucesso, pois, segundo ele, seu estilo não era claro, nem lúcido, ou ordenado e quase sem técnica retórica (Hermog. II, 403).

Até o século XIX, Andócides foi considerado pelos estudiosos um “amador”. Somente a partir do estudo de Kingsbury, 1899, e outros contemporâneos, a postura em relação ao estilo e ao valor dos discursos de Andócides mudou. Kingsbury, 1899, constata que, oitenta e quatro por cento do vocabulário de Andócides é igual ao que pode ser encontrado em Aristófanes. Isso é um indício de que a linguagem empregada por ele em seus textos é tipicamente o ático cotidiano do século V a.C., considerando que as poesias cômicas como a de Aristófanes são o que se tem hoje de mais próximo da língua falada na Grécia clássica.

O estilo de Andócides é repleto de figuras de linguagem típicas da língua falada. As figuras etimológicas⁵³, a aliteração⁵⁴, paranomasia⁵⁵ e o anacoluto⁵⁶, entre outras

⁵³ 1, 19. 20. 30. 31. 44. 46. 52. 59. 67. 73. 76. 88. 90. 91 112. 117. 128. 144. 108; 2,3. 14. 23 .

características tornam seus discursos mais orais, assim como a inserção de parênteses explicativos⁵⁷. Porém, apesar das características mais orais de seus discursos e do que se sabe quanto a não ter tido uma educação mais formal, há evidências de que Andócides foi influenciado pelas técnicas retóricas do final do século V a.C., pois é possível encontrar figuras Gorgiânicas em seu estilo, como a antítese⁵⁸.

Ao longo de sua vida pública, os discursos de Andócides mostram uma crescente familiaridade com as técnicas retóricas dos sofistas, bem como uma melhora gradual em sua oratória (KENNEDY, 1958). Assim, três estágios permeiam o estilo de Andócides, em seu primeiro discurso, *Sobre seu retorno*, pode-se perceber certa ingenuidade ao tratar de opiniões políticas de forma arrogante. Em *Sobre os mistérios*, apresenta-se mais confiante e de forma mais fluida. Em seu último trabalho, *Sobre a Paz em Esparta*, nota-se mais formalidade seguindo o estilo da oratória deliberativa⁵⁹ (KINGSBURY, 1899).

Apesar de sua forma simplista, a oratória de Andócides é cuidadosamente construída. Encontram-se presentes em seus discursos estratégias retóricas para irritar, intrigar, emocionar e prender a atenção de sua audiência sem contar com o uso da elegância estilística. Entretanto, Andócides utiliza construções e expressões da língua cotidiana e se prende ao que deve ser dito, não à forma como deve ser dito (EDWARDS, 1995).

2.3 *Περὶ τῶν μυστηρίων* – Sobre os mistérios

Por volta de 403 a.C, Andócides voltou a Atenas acreditando estar protegido pela anistia e pela revisão da legislação que determinava que ninguém poderia ser processado por crimes que tivessem ocorrido antes do arcontado de Euclídes. Porém, três anos depois, ele foi processado por frequentar os mistérios de Elêusis, enquanto estava banido das atividades

⁵⁴ 1, 7. 10. 18. 19. 25. 30. 32. 33. 42. 51. 57. 59. 61. 62. 65. 67. 68. 73. 80. 89. 95. 106. 107. 111. 113. 115. 141. 145. 147. 149; 2, 10. 11. 17. 18. 23. 25. 26. 27; 3, 6. 8. 15. 18. 19. 28. 30. 31. 41.

⁵⁵ 1, 24. 61. 65. 81. 100. 107. 115. 127. 131. 138. 147; 2, 22; 3, 27.

⁵⁶ 1, 4. 16. 27. 29. 57. 88. 95; 2, 16. 17; 3, 33.

⁵⁷ 1, 15. 16. 18. 25. 27. 41. 47. 48. 53. 54. 56. 57. 58. 60. 62. 65. 66. 75. 88. 89. 90. 95. 99. 100. 111. 113. 117. 124. 127. 132. 138. 142. 144. 149; 2, 4. 7. 11. 15. 23. 26; 3, 3. 20. 21. 22. 28. 29. 31. 40.

⁵⁸ 1, 18, 30, 52, 57, 59, 63, 64, 71, 86, 93, 139, 144, 145; 2,3. 8. 9. 10. 22. 27; 3. 6. 17. 18. 23. 27. 28. 30. 41.

⁵⁹ Para um estudo detalhado sobre o estilo de Andócides, ver Kingsbury, 1899.

religiosas pelo decreto de Isotímides, e também por ter colocado um ramo de oliveira no altar de Elêusis em Atenas, o que era ilegal.

O discurso é um apelo aos atenienses para que garantam a permanência do orador na cidade após ser acusado de dois crimes: a profanação dos mistérios de Elêusis e a mutilação das estátuas do deus Hermes. Primeiramente, é necessário discorrer sobre os dois eventos para, então, explicar o discurso.

2.3.1 A profanação dos Mistérios de Elêusis

Os mistérios de Elêusis eram um ritual anual, um culto exclusivo com ênfase na salvação pessoal, que acontecia em honra às deusas Deméter, deusa da terra e da agricultura, e sua filha Perséfone, deusa do Hades. O rito era concentrado no mito do retorno de Perséfone trazida por Deméter de volta do Hades. Aqueles que participavam do ritual seriam abençoados ao alcançarem o mundo dos mortos⁶⁰ (JONES, 1997).

O culto era celebrado como um festival. Para que as pessoas, incluindo mulheres, homens, crianças e escravos, pudessem participar, era necessária uma iniciação, que consistia em uma série de cerimônias como purificação, sacrifício e apresentação ao chefe dos iniciados, que eram supervisionadas pelo arconte rei, *ἄρχων βασιλεύς*, seu assistente, *πάρεδρος*, e quatro superintendentes, *ἐπιμέλεται*. Os mistérios eram conduzidos por sacerdotes liderados pelos *ἱεροφάντης* (revelador das coisas sagradas), pelo Daiduco (portador da tocha) e pelo Arauto (EDWARDS, 1995).

O segundo dia consistia na revelação dos *ἱερά*, e o terceiro era devotado às libações e aos ritos para os mortos. No nono dia, os iniciados se dispersavam e, no décimo dia, o *βασιλεύς* relatava ao conselho de Atenas como tinham ocorrido os mistérios (EDWARDS, 1995).

⁶⁰ Depois que Hades levou Perséfone para o submundo, Deméter saiu a procura de sua filha pela Terra até chegar a Elêusis. Lá, em fúria, causou uma grande fome no universo, o que forçou Zeus a ordenar que Hades soltasse Perséfone. Porém, Hades deu a Perséfone sementes de romã, o que fez com que ela ficasse presa ao submundo – por ter provado a comida do submundo – durante a terça parte do ano, no inverno, podendo retornar à Terra na primavera. Em vista disso, Deméter restaurou a fertilidade dos campos e ensinou aos príncipes de Elêusis seus mistérios. (The Oxford Classical Dictionary).

O escândalo aconteceu porque, aparentemente, um grupo de homens estava realizando o ritual em casas privadas para entreter os amigos. O efeito foi terem ultrajado as crenças religiosas e, ainda mais sério, que divulgado o segredo dos mistérios para os não iniciados que, portanto, não estavam aptos a conhecê-los (MACDOWELL, 1998). Não se sabe exatamente como ocorreram as profanações dos mistérios de Elêusis relatadas por Andócides nesse discurso, mas é certo que os participantes agiram sem o consentimento dos sacerdotes e dos iniciados e Andócides foi acusado de mostrar os *ίερά* e proferir as palavras sagradas. Plutarco narra como supostamente tudo aconteceu:

έν δέ τούτω δούλους τινάς καί μετοίκους προήγαγεν Ανδροκλής ό δημωγός άλλων τε άγαλμάτων περικοπάς καί μυστηρίων παρ'οἶνον άπομιμήσεις τοῦ Αλκιβιάδου καί τῶν φίλων κατηγοροῦτας. ἔλεγον δέ Θεδωρον μέν τινα δρᾶν τὰ τοῦ κήρυκος, Πουλτίωνα δέ τὰ τοῦ δαδούχου, τὰ δέ τοῦ ίεροφάντου τόν Αλκιβιάδην, τοὺς δ' άλλους έταίρους παρεῖναι καί μνεῖσθαι μύστας προσαγορευομένους. (Plut. Alc. 19.1-2).

19. 1. Entretanto o orador Ândrocles apresentou como testemunhas uns escravos e uns metecos que acusaram Alcibíades e os seus amigos de terem mutilado outras estátuas e de terem parodiado os Mistérios debaixo do efeito do excesso de bebida. 2. Diziam que um tal Teodoro tinha feito de arauto, Pulítion de portador da tocha, Alcibíades de hierofante e que os outros elementos do grupo assistiram como espectadores, no papel de iniciados nos Mistérios. (FIALHO & RODRIGUES, 2010).

τήν μέν οὖν είσαγγελίαν οὕτως ἔχουσάν αναγράφουσι: 'Θεσσαλός Κίμωνος Λακιάδης Αλκιβιάδην Κλεινίου Σκαμβονίδην είσήγγειλανάδικεῖν περι τῶ θεώ, τήν Δήμητραν καί τήν Κόρην, άπομιμούμενοντά μυστήρια καί δεικνύοντα τοῖς αὐτοῦ έταίροις έν τῇ οἰκία τῆεαυτοῦ, ἔχοντα στολήν οἶανπερ ό ίεροφάντης ἔχων δεικνύει τὰίερά, καί όνομάζοντα αὐτόν μέν ίεροφάντην, Πουλτίωνα δέδα δούχον, κήρυκα δέ Θεόδωρον Φηγαῖά, τοὺς δ' άλλους έταίρους μύστας προσαγορεύοντα καί έπόπτας παρὰ τὰ νόμιμα καί τὰκαθεστηκότα υπό τε Εὐμολπίδων καί Κηρύκων καί τῶν ίερέων τῶν ἐξ Έλευσίνας. (Plut. Alc. 22.3).

4. Da denúncia pública, que ficou registada por escrito, consta o seguinte: “Téssalo, filho de Címon, do demo de Laquíades, acusa Alcibíades, filho de Clínias, do demo de Escambónides, de ter cometido um sacrilégio em relação às duas deusas, ao parodiar os seus Mistérios e os revelar aos seus companheiros, em sua própria casa. Envergando vestes similares às que leva o hierofante quando mostra os objectos sagrados, intitulou-se ele mesmo de hierofante, designou Pulítionportador da tocha, Teodoro, do demo de Fegeia, arauto, e chamou aos restantes companheiros mistas e eroptas⁵⁶, em violação dos preceitos e disposições instituídos pelos Eumólpidas, os Céricas⁵⁷ e os sacerdotes de Elêusis.” (FIALHO & RODRIGUES, 2010).

No que se refere à profanação dos mistérios de Elêusis, Andócides é acusado de duas *ἀσέβειαι* (impiedades): de atender aos mistérios enquanto estava banido pelo decreto de Isotímides, pois havia cometido uma impiedade e confessado, e de ter colocado um ramo de oliveira no altar de Elêusis durante os mistérios, o que era ilegal. Andócides se defende de duas formas, primeiramente afirmando que ele não cometeu impiedade alguma em 415 a.C. (Andoc. 1. 11-70) e, em segundo lugar, que o decreto de Isotímides não estava mais em vigor após a anistia e a revisão das leis em 403 a.C. (Andoc. 1. 71-91) (EDWARDS, 1995).

2.3.2 A mutilação dos Hermes

Este foi o segundo escândalo que aconteceu em 415 a.C. Pouco antes de a expedição à Sicília partir, os atenienses notaram que as estátuas de Hermes, que ficavam nas portas das casas e na ágora, haviam sido depredadas durante a noite. Entre as referências sobre o acontecimento, duas requerem mais atenção, o relato de Tucídides e o relato do próprio Andócides. O historiador conta que as estátuas foram mutiladas durante à noite e que não sabiam quem havia feito isso, mas que estavam oferecendo recompensas a quem informasse acerca do acontecimento e que o ato foi uma conspiração para a derrubada da democracia:

ἐν δὲ τούτῳ, ὅσοι Ἑρμαῖ ἦσαν λίθινοι ἐν τῇ πόλει τῇ Ἀθηναίων (εἰσὶ δὲ κατὰ τὸ ἐπιχώριον, ἢ τετράγωνος ἐργασία, πολλοὶ καὶ ἐνὶ δίοις προθύροις καὶ ἐν ἱεροῖς), μὴ νυκτὶ οἱ πλεῖστοι περιεκόπησαν τὰ πρόσωπα.

[2] *καὶ τοὺς δρᾶσαντας ἦδει οὐδεὶς, ἀλλὰ μεγάλοις μὲν ἡμῶν δημοσίᾳ οὗτοί τε ἐζήτοῦντο καὶ προσέτι ἐψηφίσαντο, καὶ εἴ τις ἄλλοτι οἶδεν ἀσέβημα γεγενημένον, μὲν μὲν ἀδεῶς τὸν βουλόμενον καὶ ἀστῶν καὶ ξένων καὶ δούλων.*

[3] *καὶ τὸ πρᾶγμα μειζόνως ἐλάμβανον: τοῦ τε γὰρ ἔκπλου οἰωνὸς ἐδόκει εἶναι καὶ ἐπὶ ζυνομοσίᾳ ἅμα νεωτέρων πραγμάτων καὶ δήμου καταλύσεως γεγενῆσαι. (Thuc. 6. 27. 1-3).*

In the midst of these preparations all the stone Hermae in the city of Athens, that is to say the customary square figures, so common in the doorways of private houses and temples, had in one night most of their faces mutilated.[2] No one knew who had done it, but large public rewards were offered to find the authors; and it was further voted that anyone who knew of any other act of impiety having been committed should come and give information without

fear of consequences, whether he were citizen, alien or slave.[3] The matter was taken up the more seriously, as it was thought to be ominous for the expedition, and part of conspiracy to bring about a revolution and to upset the democracy. (CRAWLEY, 1993)

Posteriormente, o historiador relata como Andócides foi persuadido por um de seus companheiros de cela, provavelmente Cármides, a se tornar um informante para garantir sua imunidade e o bem-estar da cidade. Assim, Andócides se declarou culpado, juntamente com seu grupo, da mutilação dos Hermes. Em consequência, ele e os que ele denunciara foram libertados da prisão.

[2] καὶ ὡς αὐτῶν διὰ τὸ τοιοῦτον ὀργιζομένων πολλοὶ τε καὶ ἀξιοὶ λόγοι ἄνθρωποι ἤδη ἐν τῷ δεσμοτηρίῳ ἦσαν καὶ οὐκ ἐν παύλῃ φερίετο, ἀλλὰ καθ' ἡμέραν ἐπεδίδοσαν μᾶλλον ἐς τὸ ἀγριώτερόν τε καὶ πλείους ἔτι ζυλλαμβάνειν, ἐν ταῦθα ἀναπαίθεται εἷς τῶνδεδεμένων, ὅσπερ ἐδόκει αἰτιώτατος εἶναι, ὑπὸ τῶν ζυνδεσμοτῶντινὸς εἶτε ἄρα καὶ τὰ ὄντα μηνῦσαι εἶτε καὶ οὐ: ἐπ' ἀμφοτέρα γὰρ ρεϊκάζεται, τὸ δὲ σαφές οὐδεὶς οὔτε τότε οὔτε ὕστερον ἔχει εἰπεῖν περὶ τῶν δρασάντων τὸ ἔργον.

[3] λέγων δὲ ἔπεισεν αὐτὸν ὡς χρή, εἰ μὴ καὶ δέδρακεν, αὐτὸν τεᾶδειαν ποιησάμενον σῶσαι καὶ τὴν πόλιν τῆς παρουσίας ὑποψίας παῦσαι: βεβαιότεραν γὰρ αὐτῷ σωτηρίαν εἶναι ὁμολογήσαντι μετ' ἀδείας ἢ ἀρνηθέντι διὰ δίκης ἐλθεῖν.

[4] καὶ ὁ μὲν αὐτός τε καθ' ἑαυτοῦ καὶ κατ' ἄλλων μηνύει τὸ τῶν Ἑρμῶν: ὁ δὲ δῆμος ὁ τῶν Ἀθηναίων ἄσμενος λαβῶν, ὡς ᾤετο, τὸσαφές καὶ δεινὸν ποιούμενοι πρότερον εἰ τοὺς ἐπιβουλεύοντας σφῶν τῷ πλήθει μὴ εἴσονται, τὸν μὲν μνηστὴν εὐθύς καὶ τοὺς ἄλλους μετ' αὐτοῦ ὅσων μὴ κατηγορήκει ἔλυσαν, τοὺς δὲ κατὰ αἰτιότητα κρίσεις ποιήσαντες τοὺς μὲν ἀπέκτειναν, ὅσοι ζυνηλέθησαν, τῶν δὲ διαφυγόντων θάνατον καταγόντες ἐπανεῖπον ἀργύριον τῷ ἀποκτείναντι. (Thuc. 6. 60. 2-4).

[2] In the state of irritation thus produced, many persons of consideration had been already thrown into prison, and far from showing any signs of abating, public feeling grew daily more savage, and more arrests were made; until at last one of those in custody, thought to be the most guilty of all, was induced by a fellow prisoner to make a revelation, whether true or not is a matter on which there are two opinions, no one having been able, either then or since, to say for certain who did the deed. [3] However this may be, the other found arguments to persuade him, that even if he had not done it, he ought to save himself by gaining a promise of impunity, and free the state of its present suspicions; as he would be surer of safety if he confessed after promise of impunity than if he denied and were brought to trial. [4] He accordingly made a revelation, affecting himself and others in the affair of the Hermae; and the Athenian people, glad at last, as they supposed, to get at the truth, and furious until then at not being able to discover those who had conspired against the commons, at once let go the informer and all the rest whom he had not denounced, and bringing the accused to trial executed as many as were apprehended, and condemned to death such as had fled and set a price upon their heads. (CRAWLEY, 1993)

Andócides dedica trinta e seis capítulos de seu discurso para tratar da mutilação dos Hermes. Primeiramente, ele discorre sobre a informação de Teucro e dos dezoito nomes denunciados por ele (Andoc. 1.34 e 35). Em seguida, ele narra o pânico em que a cidade se encontrava e a denúncia de Dioclídes: este dissera que, por engano, tinha acordado mais cedo e iniciado sua caminhada para coletar o dinheiro com um escravo; quando ele avistou um grupo de homens, escondeu-se e viu que eram aproximadamente trezentos homens em grupos de quinze ou vinte e que a luz da lua lhe permitiu identificar o rosto de muitos deles; após tê-los visto, continuara sua caminhada e no, outro dia, ouviu que as estátuas haviam sido mutiladas. Dioclídes, então, denunciara quarenta e dois homens incluindo os familiares de Andócides (Andoc. 1. 37 -47).

A partir do capítulo 48, Andócides discorre sobre o apelo de seu primo para que ele informe como tudo tinha acontecido e comenta a denúncia de Dioclídes a fim de prová-la falsa com sua informação (Andoc. 1. 48 – 60). E começa seu relato explicando o que tinha de fato acontecido. Segundo o autor, em uma das reuniões boêmias do grupo, Eufileto, o líder, propusera a mutilação, mas Andócides fora contra. Em seguida, ele fora montado em seu cavalo e caiu, machucando-se e sendo levado para casa inconsciente. Eufileto dissera, então, aos outros membros do grupo que Andócides tinha concordado com a mutilação e seguido adiante com o plano. Por essa causa, todos os Hermes tinham sido mutilados, menos aquele na porta da casa de Andócides (Andoc. 1. 61-2). Segue a referida passagem do discurso *Sobre os mistérios*:

[61] διὰ ταῦτα εἶπον τῇ βουλῇ ὅτι εἰδείην τοὺς ποιήσαντας, καὶ ἐξήλεξα τὰ γενόμενα, ὅτι εἰς-ηγῆσατο μὲν πινόντων ἡμῶν ταύτην τὴν βουλήν γενέσθαι Εὐφίλητος, ἀντεῖπον δὲ ἐγώ, καὶ τότε μὲν οὐ γένοιτο δι' ἐμέ. ὕστερον δ' ἐγὼ μὲν Κυνοσάργει ἐπὶ πωλίον ὃ μοι ἦν ἀναβάς ἔπεσον καὶ τὴν κλεῖν συνετρίβην καὶ τὴν κεφαλὴν κατεάγην, φερόμεός τε ἐπὶ κλίνης ἀπεκομίσθη οἴκαδε: (Andoc. 1. 61).

[62] αἰσθόμενος δ' Εὐφίλητος ὡς ἔχοιμι, λέγει πρὸς αὐτοὺς ὅτιπέπεισμαι ταῦτα συμποιεῖν καὶ ὁμολόγηκα αὐτῷ μεθέξειν τοῦ ἔργου καὶ περικόψει τὸν Ἑρμῆν τὸν παρὰ τὸ Φορβαντεῖον. ταῦτα δ' ἔλεγεν ἐξαπατῶν ἐκείνους: καὶ διὰ ταῦτα ὁ Ἑρμῆς ὃν ὄρατε πάντες, ὁ παρὰ τὴν πατρώαν οἰκίαν τὴν ἡμετέραν, ὃν ἡ Αἰγῆς ἀνέθηκεν, οὐ περιεκόπη μόνος τῶν Ἑρμῶντων Ἀθηνησιν, ὡς ἐμοῦ τοῦτο ποιήσοντος, ὡς ἔφη πρὸς αὐτοὺς Εὐφίλητος. (Andoc. 1. 61).

[61] Por causa dessas coisas, eu disse ao conselho que conhecia os que profanaram, e revelei os acontecimentos; que com certeza Eufileto propôs essa ideia em uma de nossas reuniões regradas a bebidas, e eu discordei. Então, certamente não aconteceu por causa de mim. E depois em Cinosarge,

eu, ao montar no pônei que era meu, caí, quebrei a clavícula, fraturei o crânio, e fui carregado deitado em uma esteira para casa.

[62] E Eufileto, tendo percebido como eu me encontrava, diz para eles que eu já fui persuadido a ajudar a fazer essas coisas e já tinha concordado com ele em participar na ação e em mutilar o Hermes, aquele perto de Forbas. E dizia estas coisas enganando aqueles: e, por causa destas coisas, o Hermes que todos veem, aquele perto da casa dos nossos ancestrais, o qual foi dedicado a Agírio, foi o único dos Hermes atenienses a não ser mutilado, como eu que havia de fazer isso, como disse para eles o Eufileto. (Andoc. 1. 62).

Nos capítulos posteriores (Andoc. 1. 63-70), Andócides fala dos resultados positivos de sua informação. Provavelmente, Andócides tinha provocado uma situação em que pudesse se livrar das responsabilidades do ato. Isso pode ser constatado em seu próprio relato, quando diz que os membros do seu grupo, ao saberem que ele não havia participado da mutilação, ficaram furiosos e o obrigaram a não denunciá-los.

Considerando as informações sobre os dois eventos, o discurso *Sobre os mistérios* inicia com a profanação dos mistérios, assunto ao qual Andócides dedica trinta e dois capítulos. Ele prefere começar o discurso com esse evento, pois, aparentemente, julga ser mais simples de explicação, já que de forma alguma ele estava envolvido nesse escândalo, de modo que ele não profanara os mistérios, não denunciara ninguém e não confessara sua culpa. O argumento utilizado por Andócides para se livrar dessas acusações é não fazer parte de nenhuma das listas dos informantes Andrômaco, Teucro, Agariste e Lido.

No discurso em questão, Andócides começa o relato de como aconteceu a mutilação dos Hermes a partir do capítulo 34, como já foi citado anteriormente, e discorre sobre as três denúncias; a de Teucro, Dioclídes e a sua própria. Após tratar do duplo escândalo, Andócides fala dos aspectos legais do julgamento (Andoc. 1. 71-91). Esta parte conta com o decreto de Isotímides, o decreto de Patroclides, as leis de Sólon e Draco e o conselho do Aerópago e várias leis de como e a quem elas devem ser aplicadas. Nesta parte, o orador ainda trata do exílio, dos juramentos de anistia e da relação com os que o acusaram.

A acusação foi feita por Cefísio e Meleto, como líderes, e Epícares e Agírio, como assessores. Andócides dedica parte de seu discurso para revelar quem são verdadeiramente aqueles que o acusam de tais impiedades e suas relações com as leis (Andoc. 1. 92-102; 110-136).

Do capítulo 110 em diante, Andócides vai se defender de outras acusações que sofreu. A primeira delas foi a de ter colocado o ramo de oliveira no altar de Elêusis, o que o orador prova ter sido feito, na verdade, por Cálías, com quem tinha um desafeto por causa da filha de Epílico, primo de Andócides. Ambos queriam a herdeira e, quando Andócides ameaçou levar o caso à justiça, Cálías forjou a cena de modo que suspeitassem de que o orador havia colocado o ramo de oliveira no altar de Elêusis. Além disso, Andócides revela todo o passado de Cálías: o pai deste se casara com uma mulher e com a mãe dela ao mesmo tempo e, por fim, ainda queria a filha de Epílico (Andoc. 1. 110-131). Além de Cálías, Andócides tinha mais dois inimigos aos quais ele dedica parte do discurso: Agírio e Cefísios. A inimizade com Agírio surgiu quando Andócides o impediu de lucrar com os impostos ao dar um maior lance para os contratos de arrecadação de impostos; com Cefísios, quando Andócides descobrira que ele desviou dinheiro e foi reclamá-lo (Andoc. 1. 132-40).

Os dez últimos capítulos compreendem o epílogo, no qual Andócides apela para a generosidade de Atenas, lembrando os serviços prestados por ele, os benefícios que a cidade terá se o admitir como cidadão e, por fim, o fato de ser o último de sua família.

É difícil precisar a participação de Andócides nos fatos e, principalmente, decidir se fora culpado ou não das acusações que sofreu. A situação de Andócides se encaixa em um dos crimes mais intrigantes da Grécia antiga e as evidências que se tem não são suficientes para resolvê-la. A principal evidência que se tem do escândalo de 415 a.C. se encontra nesse discurso, porém deve-se levar em conta que a informação provida por Andócides é bastante tendenciosa, já que se trata de seu próprio julgamento.

Atualmente, existem duas linhas de pensamento sobre a culpa de Andócides diante das acusações que sofreu, a de MacDowell, 1989, e a Edwards 1995. Para MacDowell, ele não participara da mutilação dos Hermes, apesar de estar envolvido indiretamente, mas participara das profanações dos mistérios, já que em seu relato sobre o caso ele suprimiu informações que o comprometeriam. Por outro lado, Edwards, acredita que houve a participação de Andócides na mutilação; porém ele era inocente em relação ao outro escândalo.

Para MacDowell, 1989, Andócides era culpado de profanar os mistérios, mas provavelmente, nunca se declarou culpado da mutilação. O estudioso reconstituiu o caso da seguinte forma: Andócides informou acerca da mutilação dos Hermes, como relatou em seu discurso (Andoc. 1. 60-66), mas permaneceu na prisão até que confessasse seu envolvimento

no caso dos mistérios. A fim de garantir sua imunidade, denunciou o próprio pai, Leógoras, e, após ser libertado, arrependido, ajudou o pai a se livrar das acusações de Espeusipo (EDWARDS, 1995).

Esta pesquisa segue a linha de Edwards, 1995, que declara Andócides inocente da profanação dos mistérios. Para Edwards, se o nome de Andócides constasse na lista de Lido, provavelmente, Filipo e Alexipo lembrariam de seu nome. De outro lado, para MacDowell, o nome de Andócides constava na referida lista, por isso o orador optou por não revelá-la em seu discurso. Para Edwards, 1995, Andócides não denunciou seu pai, pois se houvesse, ambos não poderiam escapar de serem processados. Para MacDowell, Andócides denunciou Leógoras a fim de garantir sua imunidade⁶¹. Para Edwards, Andócides não produz evidência alguma para mostrar que nunca confessou sua culpa e não se tem registros de que seus oponentes tenham produzido provas para incriminá-lo.

Este estudo, portanto, assim como o de Edwards, 1995, baseia-se nas narrativas de Tucídides e Plutarco sobre o caso de Andócides. Assim, o orador era culpado das acusações de mutilação dos Herms, porém inocente das acusações dos mistérios; por isso ele dedica a maior parte de seu discurso para se defender das primeiras⁶².

A seguir, encontra-se um esquema detalhado sobre o discurso *Sobre os mistérios*, adaptado de Maidment, 1941, p. 335, que deverá ser utilizado para contextualizar em que parte do texto se encontram os exemplos dos casos a serem analisados nos próximos capítulos:

Tabela 1 – esquema de *Sobre os mistérios*:

Proêmio:	
§§ 1-10	Introdução. Apelo por uma audiência justa: ordem em que as acusações serão respondidas.

⁶¹ MacDowell, 1989, apoia-se em Ag. Andoc. 21-4 para fazer tais alegações. Para Edwards, a passagem não contém detalhes suficientemente para que MacDowell faça tal análise, tampouco se sabe até que ponto esse relato é confiável.

⁶² Para discussões mais detalhadas sobre a relação entre Andócides e os crimes pelos quais ele foi acusado, ler MacDowell (1989), Edwards (1995), J.L. Marr, *Andocides' Part in the Mysteries and Hermae Affairs, 415 BC*, *Classical Quarterly* 21 (1971): 326 – 338; William D. Furley, *Andokides and the Herms: A Study of Crisis in Fifth-Century Athenian Religion* (BICS Supplement 65, London, 1996).

Narrativa:

§§ 11-33	A profanação dos mistérios de Elêusis
a.	§§ 11-18 Sobre as informações.
b.	§§ 19-24 Andócides nega que tenha denunciado o próprio pai.
c.	§§ 25-26 Andócides desafia a corte a provar que sua história é falsa.
d.	§§ 27-28 A recompensa dos informantes.
e.	§§ 29-33 A acusação deve ser punida por apresentar denúncias ultrajantes e não Andócides.
§§ 34-70	A mutilação dos Hermes
a.	§§ 34-35 A informação de Teucro.
b.	§§ 36-46 O pânico subsequente e a informação de Dioclídes.
c.	§§ 47 Lista dos familiares de Andócides denunciados.
d.	§§ 48-60 Apelo do primo Cármides para que Andócides conte como tudo aconteceu e suas razões para adotar tal apelo.
e.	§§ 61-64 A informação de Andócides
f.	§§ 65-70 Resultados benéficos da informação de Andócides.
§§ 71-91	O aspecto legal do caso
a.	§§ 71-79 os vários tipos de <i>ἄτιμοι</i> (desonras). O reestabelecimento de <i>ἄτιμοι</i> pelo Decreto de Patroclides.
b.	§§ 80 A readmissão dos exilados.
c.	§§ 81-89 A revisão das leis.
d.	§§ 90-91 O juramento de anistia.
§§ 92-102	Posição legal de alguns dos membros da acusação
a.	§§ 92-93 Cefísios.
b.	§§ 94 Meletus.
c.	§§ 95-102 Epícares.
§§ 103-105	Caso teste que provará o valor da anistia.
§§ 106-109	Paralelo histórico. A anistia durante as guerras pérsicas levaram ao apogeu o império ateniense.
§§ 110-116	O ramo do suplicante colocado no altar de Elêusis por Cálías. A falha do movimento.
§§ 117-123	Razão da desavença com Cálías: a filha de Epílico.
§§ 124-131	O passado de Cálías.
§§ 132-136	A desavença entre Andócides e Agírio.

§§ 137-139	O fato de Andócides ter navegado pelos mares tanto tempo a salvo mostra que ele não pode ser culpado de nenhuma ofensa contra os deuses.
Epílogo:	
§§ 140	Atenas possui a reputação de ser tolerante e generosa; ela deve preservar esta reputação.
§§ 141-143	Os serviços prestados pelos ancestrais de Andócides.
§§ 144-145	Benefícios que Andócides será capaz de conferir a Atenas se for absolvido.
§§ 146-150	Apelo final por clemência. Andócides é o último de sua família.

Fonte: Adaptado de Maidment, 1941, p. 335-7.

2.4 Características retóricas do gênero judicial em Andócides

Sabe-se que, na Atenas clássica, um indivíduo, para adquirir uma posição pública, não era submetido a eleições ou indicações para um cargo. Seu papel na política dependia de sua habilidade de conduzir a assembleia ou os jurados para votarem a favor de um processo ou em um dos litigantes do julgamento. O sucesso nunca era permanente, já que a vitória ou o veredito poderiam ser revertidos em qualquer tempo. Desse modo, em tal sistema, a oratória pública era o bem mais valorizado para quem almejasse tal posição (GAGARIN, 1998).

O interesse de Andócides em retórica era prático e pessoal, isto é, a arte era utilizada pelo orador para ganhar seus casos e não para demonstrar suas habilidades em oratória como era feito por Antifonte e Lísias, por exemplo. Por isso, ele recebeu a fama de “orador nato” no meio acadêmico (KENNEDY, 1958). Era possível que um grego no período clássico desenvolvesse a prática da oratória mesmo sem um estudo formal, pois como aponta Usher, 1990 (apud. INNES, 2007), os discursos forenses eram lidos como forma de entretenimento e instrução, bem como para o acesso a sua efetividade ao apresentar um caso, já que eram estudados como modelos literários.

Levando-se em conta essa informação, segue um estudo sobre a retórica no discurso *Sobre os mistérios* no que diz respeito ao gênero judicial postulado por Aristóteles na *Retórica*.

Há dois tópicos possíveis para o gênero em questão, *κατηγορία* (acusação) ou *ἀπολογία* (defesa) (*Rh.* 1. 10). O texto de Andócides é uma autodefesa e a acusação foi feita

por Lísias em seu discurso *Contra Andócides*. O próêmio deve conter o argumento para esclarecer à audiência qual é o propósito do discurso e para situá-la (*Rh.* 3. 14).

A narrativa deve durar o tempo necessário, porém a do acusado deve ser menor. Deve ser escrita no tempo passado, a menos que seja dramatizada, e tem de indicar o caráter de todas as partes. Esta parte também pode contar com um interrogatório, se for necessário (*Rh.* 3. 16). Quanto às *písteis* no julgamento, estas podem ser: Leis – escritas e não escritas –; Testemunhas – antigas e conhecidas, oráculos, provérbios ou recentes e conhecidas –; Contratos – válidos ou inválidos –; Torturas – testemunho de escravos – e Juramentos – dar ou fazê-los.

Neste tipo de retórica, o orador pode optar por dois fechamentos, o justo ou o injusto (*Rh.* 1. 15). Por fim, o epílogo tem a função de colocar o ouvinte favorável ao orador e contra o oponente. Ele deve utilizar *písteis* de amplificação ou minimização, provocar reações emocionais no ouvinte e retomar os pontos principais dos argumentos (*Rh.* 3. 19).

Aplicando-se os conceitos da retórica aristotélica, foi realizada uma análise do discurso em destaque. A primeira parte, que compreende os capítulos de 1 a 10, corresponde ao próêmio ou introdução, no qual o orador faz um apelo à audiência para que o ouça com boa vontade e designa a ordem em que discutirá cada argumento.

A Narrativa inicia-se com o capítulo 11 e termina com o capítulo 139. De 11 a 33, Andócides trata da profanação dos Mistérios de Elêusis; de 34 a 70, sobre a mutilação dos Hermes; de 71 a 91, dos aspectos legais, isto inclui argumentos sobre injustiça, decretos, leis, exílio e juramentos; de 92 a 102, o orador descreve a posição da acusação ante o caso; de 103 a 109, trata da anistia; de 110 a 136 ele acusa Cálías e Agírio e, de 137 a 139, trata de sua própria defesa.

No epílogo, que compreende os capítulos 140 a 150, Andócides apela para a generosidade de Atenas, enfatiza os serviços prestados por seus ancestrais, os benefícios que a cidade terá se admiti-lo novamente como cidadão e um breve apelo final.

Apenas por essa análise inicial do discurso de Andócides, pode-se perceber que sua oratória era bem elaborada, apesar de, como dito anteriormente, não se ter registro de que ele tenha estudado retórica formalmente. Percebe-se o uso de *písteis* típicas do discurso judicial, além do respeito à forma do texto e suas partes. Apesar de seu formato simplista, se

comparada a de outros grandes nomes como Lísias e Górgias, a oratória de Andócides é cuidadosamente construída no sentido de apresentar um grau de formalidade.

O tempo da narrativa também segue os padrões da Retórica de Aristóteles. Em sua maior parte, encontra-se no tempo passado, salvo algumas dramatizações, interação com a audiência (*Rh.* 3.16, 1417a), a convocação de testemunhas e os casos de oralidade que serão destacados e analisados nos capítulos seguintes.

Porém, como aponta Kennedy, 1958, a parte central não se divide em narrativa, prova e evidência como praticado por outros oradores do gênero. Essa apresenta uma ordem cronológica da narração e das provas, o que também segue a linha retórica publicada por Aristóteles (*Rh.* 3. 16. 1416b). Além disso, Andócides ignora algumas virtudes técnicas da narrativa ensinadas pelos profissionais em retórica como *σαφήνεια* (clareza), *πιθανότης* (persuasão) e mais ainda *συντομία* (brevidade).

Portanto, vê-se que Andócides adquiriu algumas técnicas retóricas ao ponto de utilizá-las com efetividade neste discurso, que hoje representa um dos mais antigos discursos de oratória política do período clássico que sobreviveu até os dias atuais.

2.5 *Περὶ τῆς ἑαυτοῦ καθόδου – Sobre seu retorno*

Este discurso foi proferido diante de uma assembleia muito antes do *Sobre os mistérios*, na segunda tentativa de retorno do exílio, aproximadamente de 410 a 406 a.C.⁶³. Neste discurso, pode-se ter uma ideia de como foi a vida de Andócides fora de Atenas até sua readmissão como cidadão em 403 a.C.

Como dito anteriormente, o decreto de Isotímides banuiu Andócides das práticas religiosas e políticas de Atenas. Em vista disso, ele preferiu se exilar voluntariamente⁶⁴. Após algum tempo longe de Atenas, Andócides esforçou-se para retornar e se livrar das imposições do decreto assegurando um suprimento de milho de Chipre para Atenas em uma época em

⁶³ Data sugerida por Edwards, 1995.

⁶⁴ Andoc. 2. 10.

que a pólis passava por uma grande escassez de alimento devido ao corte de fornecedores, após perder o controle de Helesponto e Bósforo em 411 a.C.

Andócides se concentra em mostrar os serviços por ele prestados a Atenas enquanto estava fora: ele ajudou a cidade a ganhar uma batalha naval e evitou a fome com um suprimento de milho de Chipe e, por isso, deveria ser admitido como cidadão.

Andócides trata dos tópicos sucintamente, pois não havia a necessidade de explicar o escândalo que o levou ao exílio – já que era conhecido pela maior parte de sua audiência – e nem de tentar provar sua inocência. Ele admite sua culpa, mesmo que vagamente, e prefere se concentrar em quais serviços ele poderia oferecer à cidade.

Nos primeiros dez capítulos, o orador faz uma introdução ao assunto se mostrando indignado com a oposição que encarava ao tentar retornar a Atenas (Andoc. 2. 1-5) e mostrando que é digno de solidariedade pela vida miserável que levou ao ter que decidir entre se recusar a entregar o nome daqueles que cometeram o crime e matar seu pai e a si mesmo, ou revelar tudo o que aconteceu e denunciar seus companheiros (Andoc. 2. 6-7). Então, ele comenta sua falta de sorte e que deve receber gratidão da cidade por ter aceitado viver na ruína (Andoc. 2. 8-9).

Em seguida, ele relata o que aconteceu durante o exílio, os serviços que prestou a Atenas e sua primeira tentativa de retorno (Andoc. 2. 10-16). Na seção das provas, ele afirma que deve ser gratificado por gastar sua própria fortuna em favor do estado, bem como seus serviços já prestados e os que estava fazendo no momento (Andoc. 17-23).

Nos quatro últimos capítulos, ele apela para que os atenienses deixem de lado seu ressentimento contra ele, visto seu arrependimento, e o readmitam (Andoc. 2. 24-28).

Um fato curioso deste discurso é que Andócides se refere a um serviço misterioso prestado por ele e conhecido apenas pelos membros do conselho: “*ἐμοὶ τοίνυν τὰ μὲν ἤδη εἰς ὑμᾶς πεπραγμένα σχεδόν τι ἅπαντες ἀνείδειτε, τὰ δὲ μέλλοντά τε καὶ ἤδη πραττόμενα ἄνδρες ὑμῶν πεντακόσιοι ἐν ἀπορρήτῳ ἴσασιν ἢ βουλή.*” (Andoc. 2. 19) (Agora, sobre meus serviços passados todos vós já soubestes, sobre os futuros e os que estão sendo feitos agora, o conselho em segredo revelou a quinhentos de vós homens); “*ἐδεξάμην δ’ ἂν ἀντὶ πάντων χρημάτων εἶναι ἐν ἀσφαλεῖ φράσει πρὸς ὑμᾶς ἅ καὶ τῇ βουλῇ ἐν ἀπορρήτῳ εἰσήγγειλα, ὅπως αὐτόθεν προήδετε.*” (Andoc. 2. 21) (Eu daria todos os bens em troca de estar em uma posição segura para revelar a vós as coisas que anunciei ao conselho em segredo, de maneira que

soubésseis de uma vez por todas). Ao provocar expectativas na audiência, Andócides não revela o serviço e apenas pede sua readmissão em gratidão por ele: “*νῦν δέ, ὦ Ἀθηναῖοι, εἴ μοι βουλευθεῖτε δοῦναι χάριν μικράν τε καὶ ἄπονον ὑμῖν καὶ ἅμα δικαίαν, πάνυ ἄν μοι τοῦτο ἐν μεγάλῃ ἡδονῇ γένοιτο. ὥς δὲ καὶ δικαία ἐστίν, εἴσεσθε.*” (Andoc. 2. 22) (Agora, então, ó atenienses, se quisésseis fazer a mim um pequeno favor e sem custar nada a vós e ao mesmo tempo justo, isso se tornaria muito prazeroso para mim. Como é justo, sabereis).

Andócides produziu um discurso aplicando diversas estratégias retóricas comuns ao discurso deliberativo⁶⁵, principalmente para provocar a compaixão da audiência, porém seu apelo não foi aceito. Acredita-se que isso possa ter acontecido por conta de seu tom insolente nos primeiros capítulos do discurso ao se referir aos seus oponentes e porque a democracia recém-restaurada ainda não era tolerante com os simpatizantes de ideias oligárquicas (MAIDMENT, 1941). Missiou, 2007, ainda atribui sua derrota ao fato de não ter conseguido convencer a audiência de que suas benfeitorias não tinham sido em benefício próprio, mas sim da democracia e, ainda, ao fato de que sua ideologia não era democrática, mas sim oligárquica (EDWARDS, 1995).

Como resultado de seu discurso mal sucedido, Andócides resolveu se exilar novamente e não conseguiu a permanência em Atenas até 403 a.C.

Segue um esquema adaptado de Maidment, 1941, do discurso *Sobre seu retorno*, a fim de auxiliar a contextualização dos dados a serem analisados:

Tabela 2 – esquema de *Sobre seu retorno*

Proêmio:	
§§ 1-9	a. §§ 1-5 Andócides diz que os oponentes responsáveis devem ser agentes de outros que permanecem escondidos; caso contrário, teriam levantado a mesma queixa quando ele estava em uma audiência com o conselho.
	b. §§ 6-7 Andócides é digno de pena por sua má sorte ao ter de escolher entre duas alternativas igualmente desprezíveis.
	c. §§ 8-9 Sua má sorte persistente.

⁶⁵ Ver seção 2.6.

Narrativa:	
§§ 10-16	Serviços às forças atenienses prestados por Andócides durante seu exílio. O tratamento que recebeu dos Quatrocentos por recompensa.
§§ 17-18	Todas as despesas que ele teve ao servir Atenas foram custeadas por ele mesmo. Outros homens foram recompensados por muito menos.
§§ 19-22	A insinuação de que Andócides fez propostas importantes ao conselho. Anúncio de que os navios carregados de grãos de Chipre estão à disposição.
§§ 22-23	Pedido para a exclusão de suas incapacidades em troca dos serviços prestados ao seu país.
Epílogo:	
§§ 24-25	Seu sincero arrependimento.
§§26	Os serviços prestados por seu ancestral, Leógoras, à democracia (isso leva à pressuposição de que ele se comportará da mesma maneira, caso lhe deem oportunidade).
§§ 27-28	Ele não guarda rancor pelo tratamento que recebeu dos atenienses no passado.

Fonte: Adaptado de Maidment, 1941, pág. 460-1.

2.6 Características retóricas do gênero deliberativo em *Sobre seu retorno*

Admite-se no meio acadêmico que o fracasso do discurso *Sobre seu retorno* tenha sido, antes de tudo, uma falha retórica. Estudiosos identificam que neste texto não há uma interação devida para com a assembleia, pouco uso da retórica sofisticada da época e um ‘tom insolente’ do orador.

O tema do discurso em si já se distancia do gênero deliberativo encontrado na retórica aristotélica, Como aponta Edwards, 1995, o discurso não é estritamente deliberativo, já que trata de um assunto privado, enquanto que a característica fundamental desse gênero são os assuntos públicos ou políticos.

De acordo com a *Retórica*, os discursos deliberativos são de dois tipos: protréptico (exortação) ou apotréptico (dissuasão). Concentra-se no tempo futuro, isto é, o orador deve relembrar o passado à audiência para, então, projetar o futuro (*Rh.* 1, 3, 1358b).

São dois tipos de fim: o vantajoso (*sympheron*) e o desvantajoso (*blaberon*) (*Rh.* 1, 3, 1358b) e os temas podem ser o possível e o impossível, sendo que os tópicos mais importantes a serem abordados nesse gênero são: finanças, guerra e paz, defesa nacional, importação e exportação e legislação (*Rh.* 1. 4. 1359b).

Os tópicos éticos referem-se à felicidade⁶⁶, ao bom (*agathon*) e ao vantajoso. (*Rh.* 1. 5. 1360b). Os tópicos sobre constituições englobam as legislações e o conhecimento sobre todas as formas de constituições (*politeia*), levando em conta os quatro tipos de constituição – democracia, oligarquia, aristocracia e monarquia – e seus respectivos fins – liberdade, riqueza, educação – e a tradição das leis junto com a autopreservação. As *písteis* da deliberação são o que é vantajoso e os meios de se adquirir conhecimento (*Rh.* 1. 8. 1365b).

Não é uma tarefa fácil identificar as características do gênero deliberativo neste discurso de Andócides por conta de sua própria divisão. O estilo retórico do texto não permite que se identifiquem as três partes principais do discurso com clareza devido ao fato de o orador ignorar algumas características como a sequência de fatos a serem apresentados durante o apelo no próêmio e a retomada do que foi dito no epílogo.

Os elementos típicos do gênero deliberativo encontrados foram: o argumento da boa e má sorte, referente aos tópicos éticos, no próêmio (*Andoc.* 2. 5-6, 9); o vantajoso, isto é, os serviços prestados por ele durante o exílio (*Andoc.* 2. 10-12) e por seus ancestrais (2. 26); a democracia, que se refere aos tópicos sobre constituições, encontra-se apenas no epílogo (*Andoc.* 2. 26-7) com o seu respectivo fim que visa à liberdade.

Kennedy, 1958, aponta três falhas retóricas no discurso de Andócides quanto aos meios de persuasão artísticos: as *písteis* do caráter, o apelo emocional e a prova lógica. Quanto ao caráter, o estudioso detectou um “ar de superioridade”, uma desconfiança por parte da assembleia em relação ao orador e o uso de uma declaração inapropriada⁶⁷. No que se refere ao apelo emocional, não há nenhuma tentativa do orador de conquistar o sentimento da audiência, uma prova disso é a forma abrupta com que o discurso termina. A respeito das provas, o único argumento utilizado por Andócides é aquele dos serviços prestados por ele durante o exílio sem recapitulações e os argumentos de probabilidade e justiça não são claramente desenvolvidos.

⁶⁶ Para Aristóteles, a felicidade significa a junção de sucesso (*eupraxia*) com a virtude ou a autossuficiência (*autarkeia*) na vida. A vida mais prazerosa é aquela acompanhada de segurança e abundância, de corpos e de posses. Para alcançar a felicidade, é necessário ser bem-nascido, ter muitas amizades, amizades valorosas, riquezas, numerosos e bons filhos, idade avançada, possuir as virtudes do corpo, boa reputação, ter honra, boa sorte e virtude (*Rh.* 1. 5. 1360b).

⁶⁷ *Andoc.* 2. 22.

Assim, é um consenso entre os especialistas em Andócides de que o discurso *Sobre seu retorno* não é um trabalho de um retórico profissional na tradição sofística, o que também reforça a hipótese de que ele não teve um treinamento formal em retórica, mas sim uma boa educação geral e um olhar treinado.

CAPÍTULO 3 – A FALA NA ESCRITA: ESTRATÉGIAS ORAIS NA ESCRITA DE ANDÓCIDES

Este capítulo tem por objetivo elucidar o que são as marcas de oralidade na escrita e quais as possíveis causas para o surgimento dessas estratégias tipicamente orais nos discursos do século V a.C., principalmente em Andócides. Primeiramente, será feita uma contextualização dos estudos linguísticos sobre a fala e a escrita, em seguida, será apresentada uma concepção do que era o estilo oral e escrito na Grécia clássica e, posteriormente, serão identificadas as marcas de oralidade em discursos e de que modo elas podem ocorrer.

A linguagem é constituída de significado, texto e expressão. Esta expressão pode ser escrita ou falada. A diferença entre os dois meios pelos quais a língua se expressa tem sido um alvo constante de discussões linguísticas. Em meio às diversas oposições entre os dois meios, está a do contexto. Vê-se que a fala é extremamente contextualizada, enquanto a escrita depende restritamente da retomada de contexto.

Em uma sociedade letrada, como muitas que existem atualmente, adultos e crianças fazem uso da forma escrita e falada da língua, já que o ato de ler e escrever está associado à educação formal desde seu início. Porém, a capacidade de falar vem antes da aquisição da escrita, pois aquela é menos consciente do que esta. Isto não torna o ato de falar mais importante do que o de escrever, mas mostra que as duas formas de expressão da língua têm objetivos diferentes (HALLIDAY, 1989).

Certamente, no período clássico na Grécia, os valores dados a uma forma e à outra eram diferentes do que se considera hoje. No capítulo 1, constatou-se a imensa importância que a fala possuía naquela sociedade e a dicotomia em ter que lidar com o surgimento de outro meio de comunicação linguístico, que por muitas vezes era criticado por vários estudiosos como sendo uma forma falaciosa da fala.

O capítulo mencionado, também apresentou o uso da escrita desde suas funções primárias, como as de servir de adorno para decoração de imagens e suas funções ritualísticas ligadas à religião e seu surgimento nos registros, demarcações de propriedades, contabilidade,

nas leis, até sua evolução para um sistema por meio do qual todas as palavras da língua puderam ser representadas e a inserção dele naquela sociedade.

A partir do momento em que a língua passou a ser utilizada em um sistema escrito, ela começou a ser objeto de estudos e especulações sobre ela começaram a surgir na filosofia e, mais tarde, nos estudos de retórica e de gramática. A partir de questionamentos sobre a língua, nasceu o estudo da linguagem, e esta apareceu em todas as grandes civilizações passadas, como na Babilônia, Grécia e Roma antigas, nas escolas hebraicas e árabicas, na Índia e na China. Assim, a gramática surgiu como uma teoria da língua escrita, na qual o estudo das principais unidades constituintes da língua passaram a ser reconhecidas e examinadas (HALLIDAY, 1989).

No capítulo 3 deste trabalho, é abordado o tópico do surgimento da primeira gramática do grego antigo, que se deu no século I a.C., de autoria de Dionísio, o Trácio. Devido à data deste acontecimento, a relação entre a fala e a escrita nos períodos anteriores ao helenístico era diferente daquela que se reconheceu após o surgimento da primeira gramática e daquela que existe hoje. Nas línguas sem gramática, as regras de acentuação, pontuação e concordância obviamente seguem os parâmetros da fala; por isso, acredita-se que a escrita destas línguas tenha uma proximidade maior com a fala, especialmente no caso da escrita de pessoas que não foram treinadas especificamente para escrever. Por isso, fenômenos típicos da fala como a repetição, a troca repentina de tempos verbais, anacolutos e as orações regidas por ritmos são tão comuns na grafia do período em questão.

Construções características da fala ocorrem na escrita também por conta da diferença de densidade entre as duas formas de expressão. A língua escrita é mais densa, enquanto a falada é mais esparsa, já que o modo como a informação se organiza nesta é mais intrincado do que aquele que se encontra na escrita por causa da interação entre os falantes, ausente na relação leitor/escritor, que estão separados no espaço e no tempo.

De um lado há, então, o discurso falado espontâneo e de contexto social partilhado e, de outro, o discurso escrito, que é geralmente expositivo e com compartilhamento de contexto social mínimo e ambos diferem primordialmente em seus objetivos comunicativos (TANNEN, 1983). Apesar dessa dicotomia, hoje a escrita pode ser um meio de comunicação tão rápido e eficiente quanto a fala, principalmente devido à ajuda da tecnologia que permite a comunicação escrita instantânea por meio de *chats online*, *e-mails*, *SMS* e outros, e em alguns contextos a fala está diluída na escrita, de modo que esta se transforma quase que em

uma transcrição daquela. Em cenários como este, em que a escrita é empregada de modo simultâneo, percebe-se que ela segue os padrões da fala e se aproxima dela justamente por conta desse seu objetivo comunicativo imediatista.

A coesão⁶⁸ é alcançada no discurso falado por meio de elementos paralinguísticos e no discurso escrito pela da lexicalização. Isto significa dizer que, na fala, o ritmo e a velocidade podem determinar a coesão e a pontuação dos textos. Essas características não estão presentes no meio escrito de modo suficiente para que haja coerência. Por isso, é necessário que o escritor utilize estratégias como conectivos para mostrar a relação entre as ideias, além da escolha de determinadas palavras e estruturas sintáticas. Percebe-se nos textos gregos de seu período mais antigo que o ritmo e o passo típicos da fala são utilizados para marcar o início e o término das *cola*⁶⁹, como provavelmente era feito na fala. Portanto, essas entre outras características apontadas anteriormente confirmariam a hipótese de que a língua escrita do período clássico pode ser vista como uma ‘pseudoescrita’, considerada escrita por causa do uso do meio, porém, constituída de um subsistema sem regras normativas – apenas de estilo – que seguia normas de um sistema maior, aquele da fala.

Ao se levar em conta que tudo o que restou da língua grega antiga encontra-se na forma escrita, toma-se este meio como ponto de partida para se determinar um estudo histórico da oralidade nessa cultura.

⁶⁸ Entende-se aqui que coerência e coesão são dois conceitos distintos. Coerência se refere à ligação dos elementos formativos de um texto. Ela dependerá da continuidade de elementos descritos e inscritos no texto e depende exclusivamente da competência textual do leitor/escritor. A coesão, por sua vez, diz respeito ao modo de ligação entre os elementos textuais numa sequência e à associação consistente desses elementos. A coesão não é uma condição necessária e suficiente para constituir um texto, porém é fundamental para o seu entendimento. A coesão textual geralmente pode ser obtida por meio de quatro procedimentos gramaticais elementares: substituição, reiteração, conjunção e concordância. (CEIA, Carlos). Retirado de: E-dicionários de termos literários: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=639&Itemid=2>. Acesso em 10/10/13.

⁶⁹ De acordo com West, 1992, “O *cólon* é uma sentença simples de não mais do que doze sílabas. Alguns tipos de *cola* podem ser usados como versos (períodos curtos), mas no geral, *cola* são subdivisões de períodos. O que lhes dá sua identidade é principalmente sua reaparição em outros contextos, seja na mesma ou em outras composições.”.

3. 1 O estilo oral e o escrito

Aristóteles, na *Retórica*, contrastou o estilo oral e o escrito. Havia uma distinção entre os textos escritos para serem declamados e aqueles escritos para serem lidos e esta distinção era parte do estilo, sendo eles respectivamente *ἀγωνιστική* (estilo oral) e *γραφική λέξις* (estilo escrito). O primeiro se refere às estruturas que funcionam como a narrativa oral e o segundo compõe a narrativa escrita, (Rh. 3, 12, 1413b). Além disso, o filósofo destaca que cada estilo é apropriado para cada gênero de debate e para propósitos específicos:

[...]καὶ παραβαλλόμενοι οἱ μὲν τῶν γραφέων λόγοι ἐν τοῖς ἀγῶσι στενοὶ φαίνονται, οἱ δὲ τῶν ῥητόρων, εὖ λεχθέντες, ἰδιωτικοὶ ἐν ταῖς χερσίν. αἴτιον δ' ὅτι ἐν τῷ ἀγῶνι ἀρμόττει τὰ ὑποκριτικὰ: διὸ καὶ ἀφηρημένης τῆς ὑποκρίσεως οὐ ποιοῦντα τὸ αὐτῶν ἔργον φαίνεται εὐήθη, οἷον τὰ τε ἀσύνδετα καὶ τὸ πολλάκις τὸ αὐτὸ εἰπεῖν ἐν τῇ γραφικῇ ὀρθῶς ἀποδοκιμάζεται, ἐν δὲ ἀγωνιστικῇ οὐ, καὶ οἱ ῥήτορες χρῶνται: ἔστι γὰρ ὑποκριτικῇ.(Aristot. Rh. 3, 12, 2).

On comparison, some written works seem thin in debates, while some speeches of [successful] orators seem amateurish when examined in written form. The case is that [their style] suits debate. Thus, things that are intended for delivery, when delivery is absent, seem simple minded, since they are not fulfilling their purpose; for example, 'asyndeta' and constant repetitions are rightly criticized in writing but not in speaking, and the orators use them; for they lend themselves for oral delivery. (KENNEDY, 2007).

O estagirita utilizou o adjetivo *ὑποκριτικῇ*⁷⁰ (aquilo que é adequado aos discursos pronunciados) – em oposição ao adjetivo *ἀκριβεστάτη* (o mais preciso, designado para a escrita) –, que se refere à performance dramática e vívida do orador como característica do estilo agonístico. Isto implica que o estilo *ὑποκριτική* era aquele mais próximo da fala cotidiana enquanto que aquele ligado à escrita se afastava um pouco desse uso da língua para tornar-se mais preciso e agradável de ser lido. Por meio dessa constatação de Aristóteles,

acredita-se que os discursos escritos para serem pronunciados (deliberativo e judicial) possuem um grau de oralidade maior do que aqueles escritos para serem lidos (epidêuticos).

Partindo dessas considerações, será iniciada uma análise sobre a oralidade na escrita de Andócides levando em conta os estudos sobre oralidade contemporâneos da linguística e também aqueles voltados para o período clássico na Grécia.

3.2 Oralidade na escrita

Primeiramente, é necessário explicar o que são as marcas de oralidade e de letramento em um discurso, seja ele falado ou escrito. Estratégias orais são aquelas que requerem a máxima contribuição da audiência ao se referirem a informações suplementares e interpretações que dependem de elementos paralinguísticos e não verbais em vez de elementos lexicais. As estratégias de letramento são mais descontextualizadas, demandam menos contribuição da audiência ao lidar com informações necessárias e que dependem da lexicalização para demonstrar a atitude do autor e a relação entre as partes do texto. Portanto, as estratégias de letramento se formalizam no discurso por meio de construções sintáticas complexas enquanto as orais se manifestam por padrões de entonação específicos (TANNEN, 1983).

Existem diferentes graus e formas de oralidade no texto e, mesmo em culturas que não utilizam o recurso da escrita, há diferentes estratégias para a concepção de situações diversas como uma conversa familiar, uma explicação prática, relatos, adivinhações e provérbios, contos e poesia, oratória política, canções fúnebres, discursos legais e religiosos. Assim, mesmo em sociedades orais, há um completo espectro linguístico de concepção que varia entre enunciados formais e informais, apesar de ele não ser tão extenso quanto nas culturas letradas (OESTERREINCHER, 1997).

Estratégias tipicamente associadas ao discurso falado podem ser utilizadas na escrita, do mesmo modo que as estratégias tipicamente atribuídas à escrita podem ser realizadas na fala. Assim, tanto o discurso falado quanto o escrito podem refletir estratégias orais ou da escrita (TANNEN, 1983).

No discurso falado, as estratégias de oralidade ocorrem de acordo com os diferentes tipos de fluência oral, como a fala longa com poucas pausas ou a fala apropriada, com coerência semântica e uso criativo da língua. Em contraste, as estratégias de letramento na fala dependem de relações intertextuais e o uso da língua é mais restrito ao significado das palavras ou ao seu uso específico do que ao social⁷¹ (TANNEN, 1983).

Já no âmbito da escrita, para o qual se volta esta pesquisa, os diferentes graus de letramento acompanham determinados gêneros textuais. É comum o uso específico da língua por uma determinada comunidade, como o dos termos científicos, jurídicos e outros, em gêneros como artigos científicos, leis, contratos, livros de áreas específicas etc. Percebe-se neste caso uma mínima interação com o leitor, diferentemente do que ocorre com textos literários, os quais estão repletos de estratégias de oralidade em diferentes graus com o intuito de capturar e interagir com o leitor.

Além disso, o ritmo desempenha papel fundamental nas estratégias orais em textos escritos, pois ele contribui tanto para a conversação quanto para música, poesia e oratória devido ao impacto que elas têm sobre a audiência. O ritmo é o que movimenta e envolve emocionalmente a audiência (TANNEN, 1983).

As estratégias orais e de letramento aparecem no discurso de acordo com o objetivo comunicativo do autor. Em suma, de acordo com Tannen, 1983, elas se comportam como descrito na tabela a seguir:

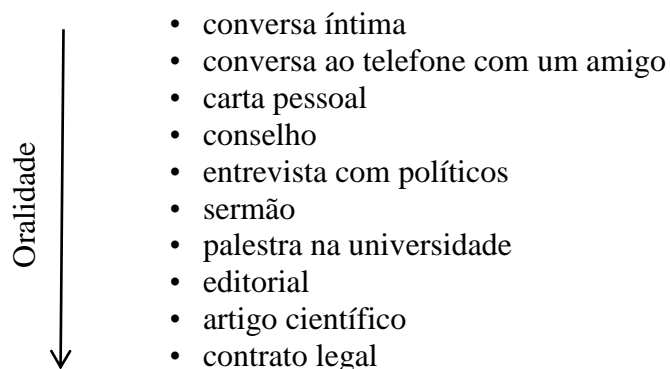
⁷¹ Ao mencionar o uso social da língua, entende-se que, de um lado, está o emprego restrito ou específico da língua, ou puramente linguístico, que leva em conta os significados e, de outro, o social, ou seja, o uso contextualizado, que está ligado ao sentido das palavras. Desse modo, sentido é o significado interno de uma palavra construído socialmente. De acordo com Vygotsky, 2009, “o sentido de uma palavra é a soma de todos os acontecimentos psicológicos que essa palavra desperta na nossa consciência. É um todo complexo, fluido, dinâmico que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado mais não é do que uma das zonas do sentido, a zona mais estável e precisa. Uma palavra extrai o seu sentido do contexto em que surge; quando o contexto muda o seu sentido muda também. O significado mantém-se estável através de todas as mudanças de sentido.” Assim, o uso social da língua tratado nesta pesquisa é uma indicação de oralidade no texto, visto que, em situações orais, os falantes compartilham do mesmo contexto social e, logo, dos sentidos de cada palavra.

Tabela 3 – Estratégias orais e de letramento:

Estratégias orais	Estratégias de letramento
Máxima contribuição da audiência	Menos contribuição da audiência
Padrões de entonação específicos	Estruturas sintáticas complexas
Dramatização	Lexicalização
Repetição de sons e palavras, uso criativo da língua, uso recorrente de metáforas, construções sintáticas paralelas e ritmo.	Coerência semântica, relações intratextuais, uso do significado da palavra (não leva em conta o significado social).
Foca o envolvimento interpessoal	Foca o conteúdo
Objetivos comunicativos	

Fonte: Tannen, 1983.

Segundo Oesterreincher, 1997, cabe ao falante ou escritor determinar suas estratégias comunicativas e estas serão marcadas por diferentes graus de densidade de informação, integração, compacidade, explicitação, complexidade, elaboração e planejamento discursivo. Assim, cada texto ou enunciado entrará em conformidade com certas tradições discursivas e refletirão configurações específicas das estratégias e condições comunicativas. O autor traz uma lista dos eventos comunicativos e das tradições discursivas variando entre o grau mais informal/oral para o mais formal/letrado:



Cabe então ressaltar o que é a oralidade nos textos aqui destacada. Marcas de oralidade são aquelas típicas da fala, da língua em sua forma individual e interativa. Um

discurso falado transcrito não configura uma marca de oralidade no texto, neste caso há apenas uma troca de meio. A oralidade em um texto refere-se às escolhas comunicativas feitas pelo escritor ou falante em seu texto variando, entre outros aspectos, o grau de formalidade do uso da própria língua.

Com relação à Grécia antiga, considerando que haja somente documentos escritos da língua grega antiga, podem ser encontrados apenas traços ou indicações de oralidade nos textos, não evidências concretas de que realmente existiam tais categorias.

Oesterreicher, 1997, que em seu artigo *Types of Orality in Text* aplicou os conceitos e teorias sobre o tema em discursos e na poesia épica em latim, explicita oito tipos de oralidade nos textos e para tal classificação, ele leva em conta categorias como a competência linguística do escritor, o domínio das normas do discurso, o tipo de discurso, o envolvimento do escritor, a intensidade de planejamento e a intenção estética. Além dessas, também considerou as categorias de recepção. Os oito tipos são:

1. Escrita por pessoas semiletradas⁷²: este tipo de oralidade é produzido por pessoas que não são familiares com as possibilidades e requisitos da comunicação escrita.
2. Escrita por uma pessoa bilíngue em uma situação diglósica: esta pode ser encontrada na escrita de pessoas bilíngues em uma situação na qual uma língua domina a outra.
3. Escrita relaxada: é feita por pessoas que têm total domínio linguístico e textual das normas, mas que por motivos como familiaridade com o receptor, pressa ou espontaneidade usam elementos de oralidade em seus textos.
4. Registros de transações de fala: ocorrem com citações palavra-a-palavra transmitidas do discurso direto e textos legais que registram insultos, ofensas ou difamações.
5. Escrita ajustada a leitores de baixa competência: são marcas de oralidade de textos selecionados nos quais o escritor tenta ajustar as expressões linguísticas à capacidade intelectual de seus leitores.

⁷² O termo utilizado por Oesterreicher, 1997, é *semiliterated*, que corresponde à “semianalfabeta”, porém, considerando a cultura oral da Grécia, onde não existia o analfabetismo ligado à educação como aquele que se tem hoje, o termo mais pertinente para a tradução foi “semiletrada”.

6. Escrita sujeita às “simples” tradições de discurso ou gêneros: a oralidade nos textos refere-se às estratégias comunicativas que resultam de uma orientação estrita à simplicidade conceitual da língua e da composição.
7. Escrita de acordo com o estilo simples da retórica: manifesta-se tipicamente na literatura. Neste caso, ocorre o emprego intencional da língua simples em oposição ao que se chama de maneirismo ou retórica bombástica. É utilizada a fim de criar um efeito de espontaneidade, simplicidade e facilidade.
8. *Mimesis* da imediaticidade ou simulação da oralidade: também típica da literatura. Neste caso, a imitação do discurso casual funciona como um dispositivo literário que assinala as características das pessoas e de suas disposições afetivas para marcar constelações dramáticas e comunicativas.

Em se tratando dos textos de Andócides, levando-se em conta o fato de ele não ser um orador profissional, as marcas de oralidade somente poderiam aparecer em duas das oito classes apresentadas anteriormente, em 1) pelo semiletramento; e em 7) de acordo com o estilo simples da retórica.

Na teoria de Oesterreicher, 1997, a oralidade em textos escritos por semiletrados ocorre por autores que não dominam a variação linguística apropriada para o texto pretendido ou que não estão cientes dos requisitos organizacionais de um texto ou de suas estruturas argumentativa e temática. Geralmente, os semiletrados utilizam elementos linguísticos e procedimentos que são alheios à escrita e mostram as características típicas da língua falada, como anacolutos, repetições, referências vagas e inconsistência de orientações dêiticas. Além disso, há violação da norma escrita por meio de variações gramaticais e lexicais e, conseqüentemente, a falta de familiaridade com o meio escrito traz o exagero, hipercorreção e imitação de normas estilísticas.

Não se pode dizer que a escrita de Andócides não estivesse em conformidade com variações linguísticas ou com requisitos organizacionais de seus discursos, já que, como apontado anteriormente na seção 2.4, a oratória de *Sobre os mistérios* e, de certa forma a de *Sobre seu retorno*⁷³, foi construída dentro dos padrões da retórica Aristotélica, o que indica que ele tinha conhecimento de gênero textual e das *písteis* de cada tipo de retórica, ainda que pudesse não ser teórico, mas empírico. Porém, como foi apontado no capítulo 2, expressões típicas da fala como repetições e anacolutos são constantes na oratória de Andócides, o que

⁷³ Ver seção 2.6.

significa que há uma grande interferência da oralidade em seus discursos mesmo com o domínio da forma escrita.

Do mesmo modo, não é correto afirmar que havia qualquer violação da norma escrita no período clássico, já que neste período não existia ainda um manual completo que determinasse o uso desta como as gramáticas que se têm hoje. A *Retórica* de Aristóteles apontado anteriormente trata do ponto de vista comunicativo e não formal da língua. Segundo Rocha, 2008, os historiadores do século V a.C., bem como seus contemporâneos, não se preocupavam ainda com os modos de comunicação de seus textos, e o debate dos sofistas acerca de especificações da escrita surgiu apenas no século IV a.C.

Contudo, de certa forma, há uma oralidade presente nos discursos de Andócides advinda da semiletralidade não apenas do autor, mas de grande parte da sociedade dessa época, visto que essas inserções de oralidades, principalmente no que se refere ao Presente histórico, eram típicas em inúmeros autores, como Górgias, por exemplo, que faz uso do estilo oral, ao empregar pequenas *cola* com assonâncias e simetria, o que causa um grande impacto acústico e deve certamente pressupor a performance oral (INNES, 2007).

O segundo grupo ao qual se encaixa a oralidade presente nos textos de Andócides é aquela nomeada por Oesterreicher de “escrita proveniente do estilo plano de retórica”. Este estilo é motivado esteticamente e não objetiva apenas a imitação da língua falada, mas criar propositadamente a impressão de naturalidade da língua falada.

De acordo com Dionísio de Halicarnasso, um dos maiores críticos literários da antiguidade, o estilo grandioso e o plano podem ser definidos da seguinte forma:

[...] ἡ μὲν οὖν ἐξηλλαγμένη καὶ περιττὴ καὶ ἐγκατάσκευος καὶ τοῖς ἐπιθέτοις κόσμοις ἅπασι συμπληρωμένη λέξις, ἥς ὄρος καὶ κανὼν ὁ Θουκυδίδης, ὃν οὐθεὶς οὐθ' ὑπερεβάλετο τῶν ἐπιγινομένων οὔτε εἰς ἄκρον ἐμιμήσατο, τοιαύτη τις ἦν. 2. ἡ δὲ ἑτέρα λέξις ἡ λιτὴ καὶ ἀφελὴς καὶ δοκοῦσα κατασκευὴν τε καὶ ἰσχύον τὴν πρὸς ἰδιώτην ἔχειν λόγον καὶ ὁμοιότητα πολλοὺς μὲν ἔσχε καὶ ἀγαθοὺς ἄνδρας προστάτας συγγραφεῖς τε καὶ φιλοσόφους καὶ ῥήτορας, καὶ γὰρ οἱ τὰς γενεαλογίας ἐξενέγκαντες καὶ οἱ τὰς τοπικὰς ἱστορίας πραγματευσάμενοι καὶ οἱ τὰ φυσικὰ φιλοσοφήσαντες καὶ οἱ τῶν ἠθικῶν διαλόγων ποιηταί, ὧν ἦν τὸ Σωκρατικὸν διδασκαλεῖον πᾶν ἔξω Πλάτωνος, καὶ οἱ τοὺς δημηγορικοὺς ἢ δικανικοὺς συνταττόμενοι λόγους ὀλίγου δεῖν πάντες ταύτης ἐγένοντο τῆς προαιρέσεως. ἐτελείωσε δ' αὐτὴν καὶ εἰς ἄκρον ἤγαγε τῆς ἰδίας ἀρετῆς Λυσίας ὁ Κεφάλου, κατὰ τοὺς αὐτοὺς χρόνους Γοργία τε καὶ Θουκυδίδη γενόμενος. [...] (D.H. Dem. 1-2)

This passage illustrates the striking, elaborate style which is remote from normality and is full of every kind of accessory embellishment. Thucydides is the standard and pattern of this style, and no subsequent writer employed it to the greater effect or imitated him with complete success. 2. The second kind of style is plain and simple. Its artistry and power seem to consist in its resemblance to the language of ordinary speech. This style had many successful exponents among the historians, the philosophers and the orators. Indeed, it was the style chosen by the genealogists, those who deal with local history, the natural philosophers and the moral philosophers who write dialogues. Including the entire Socratic School except Plato; and almost all those who composed political and forensic speeches chose this style. The man who perfected it and realized its potential as a distinct style was Lysias the son of Cephalus, a contemporary of Gorgias and Thucydides.

Na passagem “*καὶ ἰσχὺν τὴν πρὸς ἰδιώτην ἔχειν λόγον*” (e a força do discurso está no uso comum) percebe-se o uso do adjetivo *ἰδιώτης* para identificar o discurso. Este substantivo possui diversos significados, entre eles: “privado, pessoal, individual; homem comum, plebeu; discurso cotidiano; leigo; sem prática, sem habilidade” (LIDDELL & SCOTCH, 1897). Por essas definições, pode-se concluir que Dionísio atribuía ao estilo plano o discurso escrito de acordo com a fala comum e cotidiana, particular de cada um, o que reforça a hipótese de que esse era um estilo mais oral, sem a elaboração típica da escrita.

Hermógenes, um retórico grego do século I d.C, também se dedicou ao estudo dos estilos. Para ele, o estilo grandioso – ou a grandeza do estilo (*μέγεθος*) – é oposto ao estilo vulgar (*εὐτελής*), pois este está próximo da claridade excessiva (Hermóg. I, 241). O retórico não fornece mais elementos para que se identifique o estilo vulgar, porém este pode ser definido a partir da oposição de uma das figuras do estilo grandioso que é a Solenidade. Esta se opõe à Simplicidade, que por sua vez, se aproxima da vulgaridade, pois trata de feitos vulgares ou cotidianos, e ela está presente geralmente nos discursos privados, como os de Lísias e raramente nos discursos públicos (Hermóg. II, 324).

Percebe-se que tanto Hermógenes quanto Dionísio de Halicarnasso atribuem o estilo plano ou vulgar a Lísias, porém nenhum deles o atribui a Andócides, apesar de sua semelhança. Desse modo, o julgamento da oralidade nos textos de Andócides como advinda do estilo plano é um tanto antecipado, pois como visto no capítulo anterior, Andócides não teve um estudo formal e a incorporação das técnicas de oratória dos sofistas veio pouco a pouco em seu estilo, sendo mais presente em seus últimos discursos. Então, é precipitado julgar que ele tenha feito o uso dessa linguagem mais natural da fala propositalmente.

Realmente, o estilo simples permeia a oratória de Andócides, como classificou Dionísio de Halicarnasso ao colocá-lo no mesmo padrão de oratória de Lísias⁷⁴, porém não se pode afirmar com certeza se esse era seu estilo retórico ou seu uso particular da escrita. O fato é que, um discurso no qual predomina a linguagem cotidiana é mais propenso a marcas de oralidade do que um discurso pautado nas normas da escrita ou composto com o intuito de ser estudado e não proferido diante do público.

As marcas de oralidade na escrita do século V a.C. podem ocorrer de diversas formas. ROCHA, 2008, aponta aquelas provenientes da intrusão do narrador no discurso, que são a mudança repentina de tempos verbais, do passado para o presente, explanações inesperadas com ou sem *γάρ* (pois) que alteram a sintaxe esperada; estruturas sintáticas estranhas que mostram o movimento do narrador entre os diferentes níveis da narrativa; o uso de advérbios dêiticos como *ἔνυ*; referências ao leitor no imperativo e a autorreferência do autor no discurso. Além dessas, há a recorrente incidência de *καί*, indicando estruturas paratáticas típicas da fala, e, como constatou Gargarin, 1999, a rima, o paralelismo e as estruturas oracionais mais simples.

Mesmo com o uso da escrita já estabelecido ao final do século V a.C., um texto dessa época refletia, em certo grau, um esforço para englobar as características de um discurso de performance oral (COLE, 1991), já que grande parte da oratória desse período era feita oralmente. Por isso, as marcas de oralidade, principalmente em textos narrativos e nas poesias, estão tão enraizadas na escrita dessa sociedade.

Os dois discursos de Andócides, *Sobre os mistérios* e *Sobre seu retorno*, estão repletos de marcas de oralidade. Nesta pesquisa, será enfatizada a mais proeminente nesses textos que é o Presente histórico, a ser tratado mais profundamente nos capítulos 4 e 5. No entanto, neste momento, é importante apontar, brevemente, as várias marcas encontradas na prosa do século V a.C, mais especificamente nos discursos de Andócides estudados nesta pesquisa, acompanhadas de sua referência.

- 1. Interação com a audiência:** qualquer tipo de interação torna o texto mais vívido, além de prender a atenção dos receptores. Algumas figuras retóricas caracterizam esta interação e estão presentes nos textos estudados de Andócides. São elas⁷⁵:

⁷⁴ Ver seção 2.2, pág. 36.

⁷⁵ Cf. KINGSBURRY, 1899.

- a. Prosopopeia: ocorre a introdução de pessoas ausentes como se estivessem presentes: 1. 4. 11. 49. 63. 90. 101. 116. 126. 135; 2. 14.
 - b. Apóstrofe: acontece quando o orador se volta para o júri referindo-se a outra pessoa. Geralmente, ocorre quando se direciona a seus oponentes ou às testemunhas. Em Andócides, encontra-se esta figura em: 1. 18. 95. 99. 112. 150.
 - c. Há casos em que o orador interage diretamente com os juízes individualmente. São estes: 1. 29. 37. 46. 57. 69.
 - d. Assíndeto: esta é a omissão de conectivos. Como citado anteriormente por Aristóteles (Rh. 3. 12, 2), esta figura é própria do estilo agonístico, do estilo natural e fluido da língua. Em Andócides, encontra-se a figura em: 1. 18. 22. 38. 40. 42. 43. 48. 119. 122. 126.
- 2. Sinalização:** é empregada quando o falante deseja situar a audiência dos fatos, tornando-os mais fáceis de serem acompanhados pelos ouvintes. Ocorre em: 1. 1. 2. 8. 10. 14. 15. 16. 17. 19. 24. 25. 26. 27. 31. 34. 39. 43. 46. 47. 70. 74. 105. 113.
- 3. Ritmo:** é uma das características básicas de estratégia oral em construções paralelas (TANNEN, 1983). Além disso, é usado com propósito mnemônico tanto pelos poetas como pelos oradores, pois a definição de certo passo durante todo o discurso auxilia no acompanhamento do desenvolvimento argumentativo. O ritmo também está ligado à repetição, por isso, algumas figuras retóricas podem representar ambas as estratégias. Nos discursos referidos podem ser encontradas:
- a. Aliteração: esta é a repetição recorrente da mesma letra no início de sucessivas palavras. Não se pode dizer que Andócides empregue esta figura intencionalmente, mas pode-se confirmar que ele não evita a recorrência do mesmo som. Pode ser encontrada em: 1. 7. 10. 18. 19. 25. 30. 32. 33. 42. 51. 57. 59. 61. 62. 65. 67. 68. 73. 80. 89. 95. 106. 107. 111. 113. 115. 141. 144. 145. 147. 149; 2. 10. 11. 17. 18. 23. 25. 26. 27.⁷⁶
 - b. *Parechesis*: é a repetição de palavras de som semelhante de radicais diferentes. Encontrada em: 1. 74. 131; 2. 24.⁷⁷

⁷⁶ Cf. KINGSBURRY, 1899.

⁷⁷ Cf. KINGSBURRY, 1899.

- 4. Autoinserção do autor:** esta estratégia da oralidade pode se dar de duas formas, explícita ou implicitamente.
- a. Na forma explícita, o autor se insere para fazer um comentário, ou para compor o cenário atuando como uma das personagens e, ainda, abruptamente a fim de interromper o curso da narrativa com um comentário que julgue de extrema importância. Nos textos de Andócides, esta forma de autoinserção ocorre em: 1. 4. 6. 9. 19. 20. 23. 24. 29. 30. 32. 33. 51-60. 68. 72. 89. 99. 101.102. 106. 113. 114. 129. 130. 133. 139. 140. 141. 144. 145. 148-150.
 - b. Na forma implícita, o autor se utiliza de outros mecanismos para não se fazer perceptível. Estes mecanismos podem ser um comentário ou apelo positivo ou negativo na terceira pessoa, pois dessa forma o autor se coloca como ‘imparcial’ diante dos fatos. A autoinserção de forma implícita nesta pesquisa se manifesta por meio do uso do Presente histórico⁷⁸, no qual o orador chama a atenção para algum fato importante sem se fazer perceptível. Esta marca de oralidade ocorre em: 1.15. 17. 21. 25. 27. 30. 34. 37. 43. 48. 62. 65. 71. 112. 115. 121. 127. 130; 2, 15. 16. Além desse modo, o autor pode se inserir na narrativa implicitamente ao falar dele próprio por meio da voz de outra personagem, como em: 1. 4. 49.
- 5. Paralelismo:** este tipo de construção, seja, ela sintática ou semântica, sem dúvida é mais fácil de ser captada pelo ouvinte, além de constituir uma característica essencial da literatura oral, como observa Gargarin, 1999, no estilo de oratória de Górgias. Esta estratégia de oralidade permeia os discursos de Andócides e vários outros autores contemporâneos a ele.
- 6. Estruturas paratáticas:** geralmente, o discurso falado é constituído de estruturas paratáticas, isto é, de orações em sua maior parte curtas que se coordenam entre si muitas vezes em uma longa sequência. Estas estruturas são mais simples e requerem menos esforço do falante para relacionar as orações de um período, além de representar uma sucessão de eventos que não são necessariamente consecutivos de forma mais fluida. Os textos escritos, já que são mais lentos e envolvem um grau de atenção e dedicação maior do escritor, normalmente são repletos de estruturas hipotáticas para relacionar as

⁷⁸ As propriedades intrínsecas do Presente histórico em Andócides serão tratadas no capítulo seguinte.

orações e que em sua maioria são mais complexas. Nos discursos de Andócides, os períodos subordinados, aqui considerados apenas os que iniciam por *ὅτι* (que), somam apenas 67 ocorrências⁷⁹, ao passo que os períodos coordenados, aqui considerados os que se iniciam pela conjunção aditiva *καί* (e), são mais de 800.

7. Repetições: Andócides utiliza diversas figuras de repetições. Segundo Kingsburry, 1899, elas ocorrem em Andócides mais comumente para enfatizar um tópico; em alguns casos por negligência ou pobreza de vocabulário, e raramente para fins estilísticos. As figuras de repetição empregadas em seus discursos são⁸⁰:

- a. Paronomásia: é a forma mais simples de repetição de uma palavra na qual a mesma palavra é repetida sem se levar em conta a posição que ocupa nas orações. Esta figura foi encontrada em: 1, 2, 4, 7, 12, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 30, 32, 36, 39, 40, 42, 73, 80, 82, 86, 99, 111, 116, 127, 128, 131, 134, 138, 143; 2, 1, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 17, 24.
- b. (Ep)anáfora: ocorre quando a palavra repetida está em primeiro lugar na oração. Foram encontradas as seguintes ocorrências: 1, 3, 18, 35, 38, 49, 50, 56, 62, 72, 74, 89, 93, 104, 105, 116, 140, 144, 147, 148; 2, 8, 22.
- c. Poliptoton: é a repetição de uma palavra com variação de caso: 1, 7, 8, 20, 27, 36, 73, 75, 82, 89, 102, 109, 110, 114, 128, 133, 136; 2, 12.
- d. Antístrofe: é simbolizada pela repetição de uma palavra ao final de orações sucessivas. Pode ser encontrada em: 1, 59, 86, 90, 92, 105, 114, 120; 2, 1.
- e. Epanástrofe: acontece quando uma palavra que marca o final de uma oração abre a oração seguinte. Também conhecida como *παλιλλογία*, *ἀναδίπλωσις*, *ἐπαναδίπλωσις*, *ἀναστροφή* ou *ἐπαναστροφή*. Ocorre em 1, 59, 89.
- f. Κύκλος: dá-se quando a mesma palavra termina uma oração e começa a próxima sem que haja mudança de caso, pessoa, número ou tempo. É encontrada em 1, 25, 40, 81, 82, 99, 125, 136, 146; 2, 19.

⁷⁹ 1, 4, 6, 7, 8, 12, 15, 20, 23, 24.(2x) 26.(2x) 30.(4x) 39.(3x) 40, 41, 42, 48, 52, 56, 61.(2x) 62, 63.(2x) 64.(4x) 75, 86, 93.(2x) 94, 99, 102, 106, 109, 110, 112, 113, 114, 115.(3x) 116, 118, 120, 130.(2x) 135, 140, 141; 2, 4, 5, 8, 18, 20, 21, 26, 27.

⁸⁰ Cf. KINGSBURY, 1899.

g. Figura etimológica: ocorre quando duas palavras de mesmo radical são utilizadas em conexões gramaticais. Esta figura é encontrada frequentemente nas prosas inartísticas, provérbios e fábulas e refletem o uso popular da língua. Acontece em 1. 19. 20. 28. 30. 44. 46. 52. 59. 67. 73. 80, 88. 90. 91. 103. 107. 112. 117. 128. 144. 147; 2. 3. 14. 23.

8. Figuras Gorgiânicas: Algumas figuras retóricas foram frequentemente utilizadas por Górgias para compor seu estilo; por isso, deu-se o nome de figuras gorgiânicas. São elas: antítese, *parison*, *paromoion* e paronomásia. Acredita-se que Andócides, Antifonte e Lísias tenham utilizado as figuras gorgiânicas por serem contemporâneos ao estágio mais remoto da retórica (KINGSBURRY, 1899). Além disso, como destacado no capítulo 2, acredita-se que provavelmente Andócides tenha tido contato com os sofistas de sua época, entre eles Górgias. As figuras que podem ser encontradas na escrita do orador são, portanto:

a. Paronomásia: além daquelas apontadas nas repetições, há outro uso específico da paronomásia que se refere à repetição de uma palavra que é entendida de formas diferentes nos dois casos de ocorrência, como se fosse um trocadilho. Esta está presente em: 1. 24. 61. 65. 81. 100. 107. 115. 124. 127. 131. 138. 147; 2, 22.

b. *Parison*: esta figura ocorre quando as cola são iguais na duração. Pode ser vista em: 1, 30. 31. 45. 64. 71. 105. 139; 2, 22.

c. Antítese: acredita-se que as antíteses encontradas em Andócides são, em sua maioria, inatas da língua grega, ou seja, advindas do uso cotidiano da língua, pois raramente ele as utiliza de maneira artística para torná-las mais proeminentes (KINGSBURRY, 1899). Elas aparecem em: 1, 18. 30. 52. 57. 59. 63. 64. 71. 86. 93. 103. 139. 144. 145; 2, 3.8.9. 10. 22. 27.⁸¹.

9. Anacoluto: a palavra é derivada do grego ἀνακόλουθος, que significa ‘inconsequente’, ‘inconsistente’, e mais especificamente, uma anomalia gramatical de flexões ou de construções trocadas (Liddell & Scotch, 1897). Não raro, na fala, ocorre constantemente a troca repentina de um assunto para outro sem que se conclua o pensamento anterior, porém sem se causar estranheza no ouvinte, já que ambos compartilham de um mesmo contexto

⁸¹ Cf. KINGSBURRY, 1899.

imediatos que os permite seguirem o fluxo de vários assuntos simultâneos. Em uma escrita normativa, esta figura não é encontrada, a menos que utilizadas por alguém sem total domínio do sistema ou em casos de transcrição da fala. Porém, essa figura é constante em oradores do período clássico e inclusive estudada por retóricos. Em Andócides, esta pode ser encontrada em: 1. 4. 16. 27. 29. 57. 88. 95; 2. 17. 17.⁸².

10. Parêntesis explicativo: essas estruturas têm função explicativa e também são amplamente utilizadas para se mudar o foco do objeto principal. Após o uso de um parêntesis, é necessário empregar a hipóstrofe, outra figura retórica, na qual o sujeito é colocado após o parêntesis, porém, nem sempre Andócides inclui esse sujeito. Essa marca de oralidade pode ser observada em: 1. 15. 16. 18. 25. 27. 41. 45. 47. 48. 53. 54. 56. 57. 58. 60. 62. 65. 66. 75. 88. 90. 95. 99. 100. 111. 113. 117. 124. 127. 132. 138. 142. 144. 149; 2. 4. 7. 11. 15. 23. 26.

Viu-se que a oralidade na escrita de Andócides pode aparecer de diversas formas. Nos capítulos seguintes, será analisado, mais minuciosamente o Presente histórico como uma autoinserção deste orador em seus textos sem se fazer perceptível, a fim de não transparecer sua opinião sobre os tópicos por ele abordados.

⁸² Cf. KINGSBURY, 1899.

CAPÍTULO 4 – O VERBO: A COMPREENSÃO DOS ANTIGOS SOBRE ESSA CATEGORIA

O objetivo deste capítulo é apresentar uma síntese do estudo do verbo grego desde o período clássico na filosofia, quando foi abordado por filósofos, passando pelo período helenístico, quando houve o surgimento da primeira gramática do grego antigo, e chegando, posteriormente, à gramática do período romano. Desse modo, pretende-se determinar a evolução do estudo dos verbos e seus usos e, a partir daí, definir possíveis parâmetros do uso do Presente histórico no século V a.C., época em que Andócides escreveu seus discursos. Além disso, pretende-se destacar como a gramática tradicional do grego antigo caracteriza o uso do Presente histórico.

Pode se dizer que o estudo da linguagem teve sua origem na filosofia. Platão foi um dos primeiros filósofos de sua época a estudar a linguagem. Seu discurso *Crátilo*, que trata da interdependência entre a linguagem e o conhecimento e a relação entre nomes e coisas, é uma das primeiras obras de reflexão sobre a linguagem e o pensamento. Nele é possível encontrar discussões como a da arbitrariedade dos signos linguísticos que até hoje são alvo de estudo da linguística.

Platão foi o primeiro a discutir a noção de verbo na língua grega. Em seu diálogo *Crátilo*, o filósofo separou a noção de verbo da noção de nome⁸³. A partir desta distinção, discute o uso dos verbos nas sentenças nessas duas passagens:

[424e] οὕτω δὴ καὶ ἡμεῖς τὰ στοιχεῖα ἐπὶ τὰ πράγματα ἐποίησμεν, καὶ ἐν ἐπι
ἔν, οὐδ' ἂν δοκῆ δεῖν, καὶ σὺ πολλὰ, ποιοῦντες ὁ δὴ συλλαβὰς καλοῦσιν, καὶ
συλλαβὰς αὖ συντιθέντες, [425a] ἐξ ὧν τὰ τε ὀνόματα καὶ τὰ **ῥήματα**
συντίθενται: καὶ πάλιν ἐκ τῶν ὀνομάτων καὶ ῥημάτων μέγα ἤδη τι καὶ καλὸν
καὶ ὄλον συστήσομεν, ὥσπερ ἐκεῖ τὸ ζῆλον τῆ γραφικῆ, ἐνταῦθα τὸν λόγον τῆ
ὀνομαστικῆ ἢ ῥητορικῆ ἢ ἥτις ἐστὶν ἡ τέχνη. μᾶλλον δὲ οὐχ ἡμεῖς, ἀλλὰ λέγων
ἐξηγήθη. συνέθεσαν μὲν γὰρ οὕτως ἢ περ σύγκειται οἱ παλαιοί: ἡμᾶς δὲ δεῖ,

⁸³ Plat. Crat. 399b.

εἴπερ τεχνικῶς ἐπιστησόμεθα σκοπεῖσθαι αὐτὰ πάντα, οὕτω διελομένους, εἴτε κατὰ [425b] τρόπον τὰ τε πρῶτα ὀνόματα κεῖται καὶ τὰ ὕστερα εἴτε μή, οὕτω θεᾶσθαι.[...] (Plat. *Crat.* 424e – 425b)

[424e] É desse modo, também que devemos acomodar as letras com relação aos objetos, ora uma para cada um, se nos parecer que assim é preciso, ou muitas ao mesmo tempo, formando o que se denomina sílaba, as quais por sua vez, [425a] serão reunidas, para virem a formar nomes e **verbos**. Com estes, finalmente, os nomes e os verbos, comporemos algo belo, grandioso e completo. E do mesmo modo que o pintor reproduziu uma figura por meio da pintura, aqui, também criaremos linguagem por meio da técnica de nomear ou de falar, ou que outro nome tenha. Ou melhor, não somos nós que o faremos – deixei-me arrastar pelo discurso –, pois todas essas combinações, tal como as recebemos, forma obra dos antigos, cabendo-nos apenas, no caso de quisermos analisar metodicamente tudo isso, depois de feitas as distinções mencionadas, verificar de as palavras [425b] primitivas e as derivadas estão ou não formadas como convém. [...] (NUNES, 1973).

[431b] *ἔστι τοιαύτη τις διανομὴ καὶ ἐνταῦθα, τὸ μὲν ἕτερον τούτων ἀληθεύειν βουλόμεθα καλεῖν, τὸ δ' ἕτερον ψεύδεσθαι. εἰ δὲ τοῦτο οὕτως ἔχει, καὶ ἔστι μὴ ὀρθῶς διανέμειν τὰ ὀνόματα μηδὲ ἀποδιδόναι τὰ προσήκοντα ἐκάστω, ἀλλ' ἐνίοτε τὰ μὴ προσήκοντα, εἴη ἂν καὶ **ῥήματα** ταύτων ποιεῖν. εἰ δὲ ῥήματα καὶ ὀνόματα ἔστιν οὕτω τιθέναι, ἀνάγκη καὶ λόγους: λόγοι γάρ που, ὡς ἐγῶμαι, ἢ τούτων [431c] σύνθεσίς ἐστιν.[...]* (Plat. *Crat.* 431b-c).

Se a distinção, de fato, pode ser feita dos dois modos, vamos denominar um deles a verdade, e o outro, dizer inverdade, ora, se as coisas passam dessa maneira e podemos distribuir inexatamente os nomes e não atribuir a cada pessoa o que lhe é próprio, mas por vezes, o que não lhe diz respeito, será possível, também, fazer o mesmo com relação aos **verbos**. Ora, se os verbos e os nomes podem ser atribuídos desse jeito, o mesmo forçosamente se dará com as sentenças, pois estas, segundo penso, [431c] são formadas pela reunião daqueles. [...] (NUNES, 1973).

Percebe-se ao longo do discurso que, para Platão, a relação entre nome e verbo e seu significado é o produto da convenção. Já no discurso *Sofista*, Platão explica as duas categorias mais claramente e as distingue:

(261e) **Ξένος**
ὄπερ ᾠήθην ὑπολαβόντα σε προσομολογεῖν. ἔστι γὰρ ἡμῖν που τῶν τῆ φωνῆ περι τὴν οὐσίαν δηλωμάτων διττὸν γένος.

Θεαίτητος

πῶς;

(262 a) **Ξένος**

τὸ μὲν ὀνόματα, τὸ δὲ ῥήματα κληθέν.

Θεαίτητος

εἰπέ ἐκάτερον.

Ξένος

τὸ μὲν ἐπὶ ταῖς πράξεσιν ὃν δήλωμα ῥῆμά που λέγομεν.

Θεαίτητος

ναί.

Ξένος

τὸ δέ γ' ἐπ' αὐτοῖς τοῖς ἐκείνας πράττουσι σημεῖον τῆς φωνῆς ἐπιτεθὲν ὄνομα.
(Plat. *Soph.* 261e)

Estrangeiro — O que imaginei que estivesse pensando, quando concordaste comigo. Há duas maneiras de exprimir o ser por meio da voz.

Teeteto — Quais serão?

Estrangeiro — Uma é o gênero dos substantivos; a outra, o dos verbos.

Teeteto — Enumera-os.

Estrangeiro — Damos o nome de verbo aos sinais que denotam ação.

Teeteto — Certo.

Estrangeiro — Sendo substantivos os sinais articulados que referimos ao que realiza a ação. (NUNES, 2003).

Maria Helena de Moura Neves, 1987, em seu importante estudo sobre o pensamento linguístico dos gregos e sua conexão com a gramática tradicional, diz que, para Platão, a natureza das coisas requer não somente que elas sejam nomeadas, mas que suas relações recíprocas sejam exprimidas pelo entrelaçamento entre verbos e nomes e como o nome e o verbo devem aparecer na sentença para compor o sentido completo. Segundo o filósofo, ao unir um nome e um verbo, o falante liga o agente a uma ação, registrando nos sinais os fatores comuns entre os sinais e as coisas representadas por eles. Desse modo, o filósofo identificou as primeiras duas partes do discurso e iniciou-se o estudo do verbo.

Aristóteles estudou a relação entre linguagem e não linguagem e examinou mais profundamente a relação dos termos no discurso (NEVES, 1987). Seus estudos sobre o verbo se encontram na *Poética*, no *Da interpretação* e na *Retórica*.

Na *Poética*, ele propõe o verbo como um dos elementos necessários para se formar um discurso e define o que é o verbo:

(1456b)[20] τῆς δὲ λέξεως ἀπάσης τὰ δ' ἐστὶ τὰ μέρη, στοιχεῖον συλλαβῆ
σύνδεσμος ὄνομα **ῥῆμα** ἄρθρον πτῶσις λόγος. [...]
(1457a) **ῥῆμα** δὲ φωνῆ συνθετὴ σημαντικὴ μετὰ [15] χρόνου ἧς οὐδὲν μέρος
σημαίνει καθ' αὐτό, ὡσπερ καὶ ἐπὶ τῶν ὀνομάτων: τὸ μὲν γὰρ ἄνθρωπος ἢ λευ
κόν οὐ σημαίνει τὸ πότε, τὸ δὲ βιάδιζει ἢ βεβάδικεν προσσημαίνει τὸ μὲν τὸν π
αρόντα χρόνον τὸ δὲ τὸν παρεληλυθότα. πτῶσις δ' ἐστὶν ὀνόματος ἢ ῥήματος
ἢ μὲν κατὰ τὸ τούτου ἢ τούτω [20] σημαῖνον καὶ ὅσα τοιαῦτα, ἢ δὲ κατὰ τὸ ἐνὶ
ἡπολλοῖς, οἷον ἄνθρωποι ἢ ἄνθρωπος, ἢ δὲ κατὰ τὰ ὑποκριτικά, οἷον κατ' ἐρώ
τησιν ἐπίταξιν: τὸ γὰρ ἐβάδισεν; ἢ βιάδιζε πτῶσις ῥήματος κατὰ ταῦτα τὰ εἶδη
ἐστίν. λόγος δὲ φωνῆ συνθετὴ σημαντικὴ ἧς ἔνια μέρη καθ' αὐτὰσημαίνει τι
(οὐ γὰρ [25] ἅπας λόγος ἐκ ῥημάτων καὶ ὀνομάτων σύγκειται, οἷον ὁ τοῦ ἄν
θρώπου ὀρισμός, ἀλλ' ἐνδέχεται ἄνευ ῥημάτων εἶναι λόγον, μέρος μὲντοι ἀεί
τισημαῖνον ἔξει) οἷον ἐν τῷ βιάδιζει Κλέων ὁ Κλέων. εἷς δὲ ἐστὶ λόγος διχῶς,

ἢ γὰρ ὁ ἐν σημαίνων, ἢ ὁ ἐκ πλειόνων συνδέσμων, οἷον ἡ Ἰλιάς μὲν [30]συνδέσμων εἷς, ὁ δὲ τοῦ ἀνθρώπου τῶ ἐν σημαίνειν. (Aristot. *Poet.* 1456b;1457a)

(1456b, 22) Quanto à elocução, as seguintes são as suas partes: letra, sílaba, conjunção, nome, **verbo**, [artigo], flexão e proposição.

(1457a) **Verbo** é o som composto, significativo, que exprime o **tempo**, e cujas partes, como a do nome, fora do conjunto não têm significado nenhum. Efectivamente, os nomes “homem”, “branco”, não exprimem o tempo, mas os verbos “anda”, “andou”, exprimem-no, o primeiro, o tempo presente, o segundo, o passado.

A flexão pertence tanto ao nome como ao verbo, e indica as relações de casos, como “deste”, “a este”, ou outras relações que tais; ou o singular e o plural, como “homens” e “homem”, ou os modos de expressão de quem fala, como a interrogação, o comando; efectivamente, “foi?”, “vai?” são flexões do verbo segundo estas últimas espécies.

A proposição é um som composto e significativo, do qual algumas partes são de per si significantes (porque nem todas as proposições se compõem de nomes e de verbos, mas pode haver também uma proposição sem verbo, como, por exemplo, a definição de homem; no entanto, deve conter sempre uma parte significativa). Exemplo de parte significativa é o nome “Cléon” na proposição “Cléon anda”. Uma proposição pode ser uma de duas maneiras; ou porque indica uma só coisa, ou pelo liame que reúne muitas coisas, adunando-as. E assim, a *Ilíada* é uma pelo nexa que reúne as diversas partes; e a definição de homem, porque se refere a um só objecto. (SOUSA, 1986).

Aristóteles mantém a dicotomia nome/verbo como elementos significativos que compõem o discurso (NEVES, 1987). Porém, nota-se que a ideia de verbo de Aristóteles acompanha a reflexão sobre o tempo vinculada à ação e ele também reconhece flexões nos verbos. No terceiro capítulo de *Da interpretação*, o filósofo discorre sobre o tempo nos verbos e também sobre sua definição⁸⁴, que é muito próxima daquela encontrada na *Poética*. No terceiro livro da *Retórica*, ele verifica a propriedade e o emprego dos nomes e dos verbos no discurso⁸⁵ e qual o tempo verbal próprio a cada discurso. Também neste livro o filósofo discursa sobre a noção de *σύνδεσμος* (conjunção), a terceira parte do discurso⁸⁶.

Após Aristóteles, houve o período dos estoicos (século II a.C.), no qual o estudo da linguagem passou para o plano da extensão e do conteúdo. Crisipo foi quem distinguiu os dois lugares que o significante e o significado possuem na dialética. No lugar do significante estão as partes do discurso⁸⁷ e no lugar do significado estão as proposições simples e não simples, dos predicados, dos argumentos e dos modos de argumentos (ILDEFONSE, 2007).

⁸⁴ Aristot. *De Interp.* III.

⁸⁵ Aristot. *Rh.* III, 2, 1404b.

⁸⁶ Aristot. *Rh.* III, 5.

⁸⁷ Para os estoicos, nome, apelativo, verbo, conjunção e artigo.

Quanto ao verbo, nesta época, os estudiosos já consideravam os casos como elementos do discurso, tanto o *έ*, que definiam o verbo como *άπτωτον*, ‘o que não declina em casos’. Assim, para os estoicos, as proposições eram formadas de casos e predicados (BLANK & ATHERTON, 2006) e não de nomes e verbos como pensava Aristóteles. A principal fonte da filosofia dos estoicos é retratada por Diógenes Laércio já no século III d.C. Para eles, o verbo era entendido da seguinte forma:

[57][...] Τοῦ δὲ λόγου ἐστὶ μέρη πέντε, ὡς φησι Διογένης τ' ἐν τῷ Περιφωνῆς καὶ Χρύσιππος, ὄνομα, προσηγορία, ῥήμα, σύνδεσμος, ἄρθρον: ὁ δ' Αντίπατρος καὶ τὴν μεσότητα τίθησιν ἐν τοῖς Περι λέξεως καὶ τῶν λεγομένων.

[58] Ἔστι δὲ προσηγορία μὲν κατὰ τὸν Διογένην μέρος λόγου σημαῖνον κοινὴν ποιότητα, οἷον Ἄνθρωπος, Ἰππος: ὄνομα δὲ ἐστὶ μέρος λόγου δηλοῦν ἰδίαν ποιότητα, οἷον Διογένης, Σωκράτης: ῥήμα δὲ ἐστὶ μέρος λόγου σημαῖνον ἀσύνθετον κατηγορημα, ὡς ὁ Διογένης, ἢ, ὡς τινες, στοιχειῶν λόγου ἄπτωτον, σημαῖνόν τι συντακτὸν περὶ τινος ἢ τινῶν, οἷον Γράφω, Λέγω: σύνδεσμος δὲ ἐστὶ μέρος λόγου ἄπτωτον, συνδοῦν τὰ μέρη τοῦ λόγου: ἄρθρον δὲ ἐστὶ στοιχειῶν λόγου πτωτικόν, διορίζον τὰ γένη τῶν ὀνομάτων καὶ τοὺς ἀριθμούς, οἷον Ὁ, Ἡ, Τό, Οἱ, Αἱ, Τά. (D.L. VII, 57-8).

(57) [...] De acordo com Diógenes na obra *Sobre a Voz*, e Crísipos, as partes do discurso são cinco: nome próprio, nome comum, verbo, conjunção e artigo. Antíparos, em sua obra *Sobre a Expressão e sobre as Coisas Expressas*, menciona outra parte, o “médio”.

(58) Segundo Diógenes, o nome comum é uma parte do discurso significando uma qualidade comum – por exemplo, “homem”, “cavalo”; o nome próprio é uma parte do discurso indicativa de uma qualidade própria – por exemplo, Diógenes, Sócrates; o verbo é uma parte do discurso significando um predicado simples, de acordo com a definição de Diógenes. Segundo outros autores, todavia, o verbo é um elemento indeclinável do discurso, significando algo que pode ser acrescentado a um ou mais sujeitos – por exemplo, “escrevo”, “digo”. A conjunção é uma parte indeclinável do discurso, que liga as várias partes do mesmo; o artigo é uma parte declinável do discurso, distinguindo os gêneros e números dos nomes: ho, hé, tó, hoi, hai, tá. (KURY, 2008).

Portanto, os estoicos definem o verbo como uma parte do enunciado que indica um predicado simples, ou como um elemento do enunciado que indica alguma relação com outra coisa. A característica do verbo aristotélico como um elemento essencial do dito é tratada de maneira quase oposta pelos estoicos. Para eles, a completude do enunciado não se dá pela junção do predicado a uma noção, como, por exemplo, a noção de “homem” em Aristóteles, mas pela junção de um caso a um predicado (ILDEFONSE, 2007), isto é, os estoicos já identificavam o nome em seus diferentes casos e um predicado (seja um verbo ou suas formas finitas) como um enunciado completo, diferentemente do filósofo, que partia apenas

do nominativo e da forma finita de um verbo para considerar a existência de uma proposição. Há, ainda, estudos que comprovam que os estoicos utilizaram o termo *ῥήμα* para se referir apenas à forma infinitiva do verbo: as formas finitas se referiam então a *κατηγορήμα*⁸⁸ (NEVES, 1987). Essas considerações dos estoicos poderiam talvez constituir o estudo inicial sobre o tempo relativo dentro dos enunciados do sistema linguístico grego. O mais importante a ser destacado aqui é que, no estudo da categoria verbal dos estoicos, já se considerava a noção de predicado e que a língua passou a ser tratada do ponto de vista da experiência.

Como visto, o estudo do verbo começou como um estudo filosófico na Grécia clássica. Essa categoria passou ser investigada linguisticamente apenas a partir dos estoicos e dos gramáticos Alexandrinos (século III-I a.C.). No século I a.C., Dionísio de Halicarnasso descreve como surgiu o estudo das partes do discurso em sua obra *Composição Literária*:

*ἡ σύνθεσις ἔστι μὲν, ὥσπερ καὶ αὐτὸ δηλοῖ τοῦνομα, ποιά τις θέσις παρ' ἄλληλα τῶν τοῦ λόγου μορίων, ἃ δὴ καὶ στοιχεῖά τινες τῆς λέξεως καλοῦσιν. ταῦτα δὲ Θεοδέκτης μὲν καὶ Ἀριστοτέλης καὶ οἱ κατ' ἐκείνους φιλοσοφήσαντες τοὺς χρόνους ἄχρι τριῶν προήγαγον, ὀνόματα καὶ ῥήματα καὶ συνδέσμους πρῶτα μέρη τῆς λέξεως ποιοῦντες. οἱ δὲ μετὰ τούτους γενόμενοι, καὶ μάλιστα οἱ τῆς Στωικῆς αἰρέσεως ἡγεμόνες, ἕως τεττάρων προύβιβασαν, χωρίσαντες ἀπὸ τῶν συνδέσμων τὰ ἄρθρα. εἶθ' οἱ μεταγενέστεροι τὰ προσηγορικὰ διελόντες ἀπὸ τῶν ὀνοματικῶν πέντε ἀπεφήναντο τὰ πρῶτα μέρη. ἕτεροι δὲ καὶ τὰς ἀντονομασίας ἀποζεύξαντες ἀπὸ τῶν ὀνομάτων ἕκτον στοιχεῖον τοῦτ' ἐποίησαν. οἱ δὲ καὶ τὰ ἐπιρρήματα διελόντες ἀπὸ τῶν ῥημάτων καὶ τὰς προθέσεις ἀπὸ τῶν συνδέσμων καὶ τὰς μετοχὰς ἀπὸ τῶν προσηγορικῶν, οἱ δὲ καὶ ἄλλας τινὰς προσαγαγόντες τομὰς πολλὰ τὰ πρῶτα μόρια τῆς λέξεως ἐποίησαν: ὑπὲρ ὧν οὐ μικρὸς ἂν εἴη λόγος. πλὴν ἢ γε τῶν πρώτων εἴτε τριῶν ἢ τεττάρων εἶθ' ὅσων δὴ ποτε ὄντων μερῶν πλοκὴ καὶ παράθεσις τὰ λεγόμενα ποιεῖ κῶλα, ἔπειθ' ἢ τούτων ἁρμονία τὰς καλουμένας συμπληροῖ περιόδους, αὗται δὲ τὸν σύμπαντα τελειοῦσι λόγον.[...].(D.H. *Comp.* 2).*

A composição é então, como mostra o próprio nome, um arranjo das partes do discurso, ou dos elementos de estilo, como alguns os chamam. Teodetes, Aristóteles e os filósofos de seu tempo conduziram o número delas para três, fazendo dos nomes (*ὀνόματα*), verbos (*ῥήματα*) e conjunções (*συνδέσμους*) as partes primárias do discurso. Seus sucessores, em particular os líderes da escola estoica, levaram o número para além de quatro ao separar das conjunções (*συνδέσμων*) a articulação (*ἄρθρα*). Em seguida, as gerações posteriores distinguiram os apelativos (*προσηγορικὰ*) dos nomes próprios (*ὀνοματικῶν*) e apresentaram as partes primárias como cinco. Outros separaram os pronomes (*ἀντονομασίας*) dos nomes próprios (*ὀνοματικῶν*) e fizeram desse o sexto elemento. Ainda, outros separaram os advérbios (*ἐπιρρήματα*) dos verbos (*ῥημάτων*), as preposições (*προθέσεις*) das conjunções (*συνδέσμων*) e os participios (*μετοχὰς*) dos apelativos (*προσηγορικῶν*); enquanto outros introduziram ainda mais divisões e, então, tornaram as partes primárias do discurso muito numerosas. O assunto

⁸⁸ Para mais informações sobre os verbos nos estoicos ver Neves, 1987.

poderia ser amplamente discutido, mas é suficiente dizer que a combinação ou justaposição dessas partes primárias, mesmo se há três, quatro, ou várias delas, formam o que se chama de orações. Depois, a junção dessas constitui o que se chama de períodos e estes compõem o discurso completo [...].

Percebe-se aqui que Dionísio de Halicarnasso considera que os advérbios eram originários do verbo e, ainda, que os participios eram uma classe separada dos verbos com origem em uma classe nominal, o apelativo⁸⁹.

Devido aos estudos dos filólogos alexandrinos, durante o período de transição entre o fim do século II a.C e início do século I, surgiu a ideia de se elaborar regras gerais que explicassem o uso particular da língua por diversos autores. Nesse período, a concepção de gramática passou de uma *competência em matéria de textos* a uma concepção da gramática como *sistema da língua* (BARATIN, 2000).

Dionísio, o Trácio, foi o primeiro a descrever gramática da língua grega como um todo semelhante a que se tem atualmente⁹⁰. Em sua *Technē Grammatikē*, ele escreve sobre fonética, morfologia, sintaxe, regras de acentuação e pontuação da língua grega do período helenístico. Ele seguiu a tradição de Aristarco, um gramático alexandrino, e reconhecia oito partes do discurso: nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção⁹¹ (NEVES, 1987). Dionísio, o Trácio, definia e classificava o verbo da seguinte forma:

ῥήμα ἐστὶ λέξις ἄπτωτος, ἐπίδεικτικὴ χρόνων τε καὶ προσώπων καὶ ἀριθμῶν, ἐνέργειαν ἢ πάθος παριστάσα. παρέπεται δὲ τῷ ῥήματι ὀκτώ, ἐγκλίσεις, διαθέσεις, εἶδη, σχήματα, ἀριθμοί, πρόσωπα, χρόνοι, συζυγία. ἐγκλίσεις μὲν οὖν εἰσι πέντε, ὀριστικὴ, προστακτικὴ, εὐκτικὴ, ὑποτακτικὴ, ἀπαρέμφατος. διαθέσεις εἰσὶ τρεῖς, ἐνέργεια, πάθος, μεσότης· ἐνέργεια μὲν οἷον τύπτω, πάθος δὲ οἷον τύπτομαι, μεσότης δὲ ἢ ποτὲ μὲν ἐνέργειαν ποτὲ δὲ πάθος παριστάσα, οἷον πέπηγα διέφθορα ἐποιησάμην ἐγραψάμην. εἶδη δὲ δύο, πρωτότυπον καὶ παράγωγον· πρωτότυπον μὲν οἷον ἄρδω, παράγωγον δὲ οἷον ἀρδεύω. σχήματα τρία, ἀπλοῦν, σύνθετον, παρασύνθετον· ἀπλοῦν μὲν οἷον φρονῶ, σύνθετον δὲ οἷον καταφρονῶ, παρασύνθετον δὲ οἷον ἀντιγινώσκω φιλιπίζω. ἀριθμοὶ τρεῖς, ἐνικός, δυνικός, πληθυντικός· ἐνικός μὲν οἷον τύπτω, δυνικός δὲ οἷον τύπτετον, πληθυντικός δὲ οἷον τύπτομεν.

⁸⁹ O apelativo equivale ao substantivo comum, em oposição ao substantivo próprio na língua portuguesa.

⁹⁰ Contesta-se a autoria de Dionísio, o Trácio, do referido manual, porém, independentemente de quem tenha sido o autor, essa gramática é considerada a primeira da língua grega.

⁹¹ Respectivamente: ὄνομα, ῥήμα, μετοχή, ἄρθρον, ἀντωνυμία, πρόθεσις, ἐπίρρημα e σύνδεσμος.

πρόσωπα τρία, πρῶτον, δεύτερον, τρίτον· πρῶτον μὲν ἀφ' οὗ ὁ λόγος, δεύτερον δὲ πρὸς ὃν ὁ λόγος, τρίτον δὲ περὶ οὗ ὁ λόγος.
χρόνοι τρεῖς, ἐνεστώς, παρεληλυθώς, μέλλον. τούτων ὁ παρεληλυθώς ἔχει διαφορὰς τέσσαρας, παρατατικόν, παρακειμενον, ὑπερσυντέλικον, ἀόριστον· ὧν συγγένεια τρεῖς, ἐνεστώτος πρὸς παρατατικόν, παρακειμένου πρὸς ὑπερσυντέλικον, ἀόριστου πρὸς μέλλοντα. (D.T. 13)

O **verbo** é uma palavra não sujeita à variação de caso, que admite tempo, pessoas, números e exprime atividade ou passividade. Há oito acidentes do verbo: o modo, a diátese, a espécie, a forma, o número, a pessoa, o tempo e a conjugação.

Há cinco **modos**: indicativo, imperativo, optativo, subjuntivo, infinitivo.

Há três **diáteses**: ativa, passiva e média. Da ativa tem-se, por exemplo, τύπτω (eu firo); da passiva, τύπτομαι (eu sou ferido). A média é a diátese que expressa por vezes a ativa, por vezes a passiva, como em πέπηγα (eu me fixei), διέφθορα (eu fui/estou destruído), ἐποίησάμην (eu fiz), ἐγραψάμην (eu escrevi).

Há duas **espécies**, primária e derivada. A primária tem como exemplo ἄρδω (aguar), a derivada, ἀρδεύω (aguar).

Há três **formas**: simples, composta, derivada da composta. A simples tem como exemplo φρονῶ (compreender), a composta, καταφρονῶ (examinar a fundo), a derivada da composta, ἀντιγονίζω (estar a favor de Antígona), φιλιππίζω (estar a favor de Filipe).

Há três **números**: singular, dual, plural. O singular tem por exemplo τύπτω (eu firo), o dual τύπτετον (ambos-vocês ou eles-ferem), o plural, τύπτομεν (nós ferimos).

São três as **pessoas**: primeira, segunda, terceira. A primeira é a de que provém a sentença; a segunda, a quem se dirige a sentença; a terceira, a de que fala a sentença.

Há três **tempos**: presente, passado e futuro. Dentre eles, o passado tem quatro variedades, o imperfeito (extensivo) paratático, o adjacente, mais-que-perfeito, aoristo. Dentre esses, há três parentescos, o do presente com o imperfeito, o do adjacente com o mais-que-perfeito, do indefinido/aoristo com o futuro. (Chapanski, 2003) ⁹².

Segundo Chapanski, 2003, Dionísio, o Trácio, trata dos modos se referindo às modalidades de enunciação, fruto da contribuição de Protágoras e dos estoicos sobre a modalidade nas frases. O sentido de modo do verbo parece ter sido contribuição alexandrina. Provavelmente, Dionísio tenha sido o primeiro a utilizar o termo *ἐγκλίσεις* para se referir aos modos verbais⁹³. Quanto às diáteses, os gramáticos alexandrinos se apropriaram do termo de Aristóteles para indicar a característica do verbo, o qual, ao mesmo tempo, dita o tipo de relação que haverá entre os verbos e outros elementos da sentença, inclusive com referência ao comportamento morfológico. A diátese equivale ao que se entende hoje por voz verbal.

As espécies e as formas dos verbos são as mesmas para o nome. A forma simples se refere a um verbo sem prefixo; a composta, ao verbo com um prefixo e a derivada da composta é formada a partir de nomes compostos e não de verbos, como o verbo *φιλιππίζω*

⁹² Grifo meu.

⁹³ Lallot, 1989, p. 1080.

(estar ao lado de Filipe), que vem do nome *Φίλιππος* (Filipe). Ao tratar das espécies e formas, Dionísio investe na necessidade de comparação dos verbos e dos nomes e não ao comportamento morfossemântico dos verbos⁹⁴ (CHAPANSKI, 2003).

Ainda de acordo com Chapanski, 2003, Dionísio, o Trácio, trata da forma dual que sequer existia mais em sua época para complementar seu estudo sobre os possíveis números verbais em grego antigo. As pessoas verbais são pessoas reais da enunciação e seus papéis definem as pessoas do verbo.

O tempo verbal em Dionísio é designado por *χρόνος*, que significa tanto tempo físico como tempo verbal. Isto ocorre porque, na época dele, ambas as coisas eram consideradas como a mesma pelos filósofos e gramáticos, pois o tempo verbal evocava o tempo físico (CHAPANSKI, 2003). Nota-se que, o alexandrino não determinou o uso dos tempos verbais, no entanto há uma categoria definida por ele de ‘parentescos’ (*συγγένεια*) entre os tempos verbais, como, por exemplo, o presente e o imperfeito. Parece ser um indício da noção de aspecto verbal herdada dos estoicos, como será observado adiante.

Apolônio Díscolo também estudou as partes do discurso no século II d.C. e sua classificação é a mesma da de Dionísio, o Trácio. Apolônio coloca o nome e o verbo como as principais partes da proposição, pois sem esses dois elementos não há proposição completa. Em primeiro lugar vem o nome, pois ele exprime os seres, enquanto o verbo só exprime o estado particular, ativo ou passivo (I, 16) (NEVES, 1987).

Na teoria de Apolônio, o verbo é uma palavra que exprime tempo, atividade ou passividade, pessoas e número enquanto mostra as disposições da alma. Ele afirma que o verbo altera sua forma para expressar as diferenças de tempo e das três vozes, ativa, passiva e média. Segue uma das definições de Apolônio sobre o verbo:

59. Καθὼς ἔφαμεν, ἔστιν γενικωτάτη ἡ τῶν ἀπαρεμφάτων ἔγκλισις, ἀναγκαίως λείπουσα τοῖς προδιαπορηθεῖσι, τοῖς προσώποις καὶ τῷ παρεπομένῳ ἀριθμῷ, ὃς οὐ φύσει παρέπεται τῷ ῥήματι, παρακολούθημα δὲ γίνεται προσώπων τῶν μετελιφόντων τοῦ πράγματος. αὐτὸ γὰρ τὸ πρᾶγμα ἐν ἔστιν, τὸ γράφειν, τὸ περιπατεῖν· ὅπερ ἐγγινόμενον ἐν προσώποις ποιεῖ τὸ περιπατῶ, τὸ περιπατοῦμεν, τὸ περιπατοῦσιν. – οὐδὲ γὰρ εἰνεῖ ἀληθεύσει, ὡς τὸ ῥήμα δεκτικόν ἐστιν προσώπων· πάλιν γὰρ ἐκ τοῦ παρεπομένου τὸ τοιοῦτον ἐπεγένετο, τὰ γὰρ μετελιφόντα πρόσωπα τοῦ πρ[αγματος εἰς πρόσωπα ἀνεμερίσθη, περιπατῶ, περιπατεῖς, περιπατεῖ· αὐτό γε μὴν ἐκτὸς ὄν προσώπων

⁹⁴ Nesta pesquisa, discorda-se da opinião de Chapanski, 2003, p. 159, na qual a autora afirma que “Dionísio, o Trácio, não pensa nas flexões dos verbos”, já que o verbo, em sua gramática, é definido por meio das diversas flexões de modo, tempo, número, pessoa etc.

καὶ ἀριθμῶν συμφέρεται ἅπασιν ἀριθμοῖς καὶ ἅπασι προσώποις. - Ἄλλ' οὐδὲ ψυχικὴν διάθεσιν τὸ ῥῆμα ἐπιδέχεται. Πάλιν γὰρ τὰ μετελιηφότα πρόσωπα τοῦ γράματος τὴν ἐν αὐτοῖς διάθεσιν ὁμολογεῖ διὰ τοῦ ῥήματος· τὰ δέ, ὡς οὐκεὶ ἐγγενόμενα ἐν προσώποις, οὐδὲ τὸ ἐν τούτοις ἐπιγενόμενον ἐνδιάθετον τῆς ψυχῆς ὁμολογεῖ. - 60. Ἴδιον οὖν ῥήματος ἐστὶν ἐν ἰδίῳ μετασχηματισμοῖς διάφορος χρόνος διάθεσις τε ἢ ἐνεργητικὴ καὶ παθητικὴ καὶ ἔτι ἡ μέση· ὧν πάντων μετέλαβεν τὸ γενικώτατον ῥῆμα, λέγω τὸ ἀπαρέμφατον, ἐπεὶ εἴπερ τῇ φύσει ἦν ἀπορέμφατον, πῶς ταῦτα παρεμφαίνει; ἔτι γοῦν ἐπονοῆσαι τὸ γενικώτατον ὄνομα ἐν θέσει ἰδίᾳ καταγινόμενον ἢ κοινῇ, ἐν πτώσει τῇ παρεπομένη, ἐν γένει τῷ δέοντι· τό γε μὴν ἰδικώτατον καταγίνεσθαι ἐν πατρωνυμικῇ ἐννοίᾳ ἢ ἐν κτητικῇ καὶ ἔτι ταῖς ὑπολοίποις· καὶ δῆλον ὅτι οὐκ ἂν θαρρήσειέ τις φάναι μὴ εἶναι ὄνομα ὃ μὴ ἐστὶν πατρωνυμικόν ἢ κτητικόν ἢ τι τῶν ὑπὸ τοιοῦτο εἶδος πιπτόντων. Τούτῳ οὖν τῷ λόγῳ παραδεξόμεθα τὸ ὀριστικὸν ῥῆμα καὶ εὐκτικὸν καὶ ἔτι τὰ ὑπόλοιπα εἶδη τοῦ γενικοῦ ῥήματος, ὃ δὴ οὐ πάντως στερήσεται τοῦ μὴ ῥῆμα εἶναι, ἐὰν μὴ ὑπαγορεύῃ τὴν ἰδικὴν σημασίαν. (A.D., III, 59-60).

59. Como decíamos, es el de los infinitivos el modo más general, carente, por necesidad, de los accidentes que antes discutíamos, las personas y su correspondiente número, no por naturaleza inherente al verbo, sino, más bien, una concomitancia de las personas que toman parte en la acción en sí misma es una <<escribir>>, <<pasear>>, la cual, cuando incumbe a personas determinadas, da lugar a <<paseo>>, <<paseamos>>, <<pasean>>. Así pues, no es cierto que el verbo tenga que adoptar necesariamente personas; por el contrario, eso es una consecuencia accidental, ya que los entes que toman parte en la acción están distribuidos en personas: <<paseo>>, <<paseas>>, <<pasea>>. Pero el verbo en sí mismo, por ser ajeno a personas e números, puede convenir a cualquier número y a cualquier persona. Tampoco la disposición mental del modo es algo que tenga que adoptar el verbo, pues, una vez más, son las personas que participan de la acción las que dan a conocer su propia actitud mediante el verbo. Por eso, los verbos [en infinitivo], como todavía no han recibido las personas, tampoco pueden manifestar la actitud mental que hay en ellas.

60. por tanto, lo propio del verbo es la distinción mediante formas flexionales específicas de tempos y voces: activa, pasiva y, también, media; todos ellos los adopta el verbo en su forma más general, o sea, el infinitivo; y si es <<infinitivo>> por naturaleza, ¿cómo es que los significa? Es, desde luego, posible imaginar el nombre más genérico, en forma propia o común, en el caso pertinente y en el género debido; y el más específico, con significado de patronímico o posesivo o cualquier otra especie de éstas. Así pues, según este razonamiento, habremos de admitir al indicativo, al optativo y al resto de los modos como especies del verbo general [el infinitivo], que no dejará de ser verbo por no expresar el significado específico [modal]. (Sintaxis, III, 59-60) (BOTAS, 1986).

Nessa passagem, vê-se que Apolônio Díscolo determinou que o número é acidental, pois o verbo é único e aplica-se aos agentes que podem estar em primeira, segunda ou terceira pessoa. O verbo por si só não exprime; o agente é que exprime suas disposições por meio do verbo. O gramático analisa minuciosamente os verbos e suas subcategorias e chega a conclusões intrigantes como a de reconhecer que cada modo ou oração tenha sua devida ‘disposição mental’ (ψυχικὴ διάθεσις) e também faz considerações interessantes sobre o uso

do infinitivo, como quando afirma que o infinitivo é um modo genérico para o verbo, já que não possui a marca das pessoas verbais e, por isso, não pode manifestar a ‘disposição mental’ delas (ALLAN, 2006)⁹⁵.

Além disso, ele não restringiu os verbos a somente indicadores de ação, mas também reconhece neles um anseio para uma ação (*Da sintaxe*, III, 58), de ser ou chamar-se (*Da sintaxe* II, 47), de acontecer em uma pessoa, de aquisição de posse (*Da sintaxe* III 149), de um sofrer ou estado passivo (*Da sintaxe* III, 150) (NEVES, 1987).

Visto como foi o início da classificação do verbo pelos gregos e seu último estágio já formalizado pela gramática, pretende-se agora destacar a noção de modo e tempo durante todo o período da Grécia antiga para identificar se já existiam considerações sobre o uso do Presente histórico – e até mesmo o seu reconhecimento como tempo verbal – ou se este foi tardiamente acoplado à gramática tradicional do grego do século XIX.

Quanto ao tempo, Platão já reconhecia a ideia apesar de não associá-la ao verbo. Veja-se na seguinte passagem:

Ξένος

δηλοῖ γὰρ ἤδη πού τότε περὶ τῶν ὄντων ἢ γιγνομένων ἢ γεονότων ἢ μελλόντων, καὶ οὐκ ὀνομάζει μόνον ἀλλὰ τιπεραίνει, συμπλέκων τὰ ῥήματα τοῖς ὀνόμασι. διὸ λέγειν τεαυτὸν ἀλλ’ οὐ μόνον ὀνομάζειν εἶπομεν, καὶ δὴ καὶ τῷ πλέγματι τούτῳ τὸ ὄνομα ἐφθεγζάμεθα λόγον. (Plat. Soph. 262d).

Estrangeiro — É que, a partir desse instante, ele enuncia algo de alguma coisa que **é** ou **se torna** ou **foi** ou **será**; não se limita a nomeá-la, porém conta que alguma coisa aconteceu, o que consegue pelo entrelaçamento de verbos com substantivos. Daí não dizermos simplesmente que essa pessoa nomeia, porém que discursa, sendo a essa conexão de palavras que damos o nome de discurso. (NUNES, 2003)⁹⁶.

Segundo Neves, 1987, essa referência é um simples reconhecimento do tempo em que ocorre o acontecimento real. Ela não pode ser considerada uma formulação linguística, assim como as outras passagens, nas quais Platão discorre sobre o tempo, também não podem.

Como dito anteriormente, Aristóteles foi o primeiro a associar o verbo à noção de tempo. Na *Poética*, o filósofo reconhece o tempo presente e o passado (1457a)⁹⁷:
τὸ δὲ βαδίζει ἢ βεβάδικεν προσσημαίνει τὸ μὲν τὸν παρόντα χρόνον τὸ δὲ τὸν παρεληλυθότα (e,

⁹⁵ Sobre a sintaxe em Apolônio Díscolo ver Householder, 1958.

⁹⁶ Grifo meu.

⁹⁷ O estudo semântico do tempo em Aristóteles se encontra no capítulo seguinte.

“ele anda” e “ele tinha andado” (perfeito) se referem um ao tempo presente e o outro ao passado). Já os estoicos distinguiam o passado e o futuro. Segundo Neves, 1987, nesse período não houve ainda uma sistematização do tempo que pudesse ser considerada como gramatical. Porém, os estoicos estabeleceram quatro tempos verbais em pleno sentido, com dois valores temporais e dois valores aspectuais. Sua classificação era a seguinte:

- Presente durativo (ou imperfeito) – *ἐνεστώς παρατατικός* (ou *ἀτελής*) se refere ao Presente.
- Presente completado – *ἐνεστώς συντελικός* (ou *τέλειος*) se refere ao tempo Perfeito.
- Passado durativo (ou imperfeito) – *παροιχημένος παρατατικός* (ou *ἀτελής*) se refere ao Imperfeito.
- Passado completado – *παροιχημένος συντελικός* (ou *τέλειος*) se refere ao Aoristo.

Percebe-se aqui a distinção entre os aspectos perfectivos e imperfectivos. Além desses tempos, os estoicos incluíram o futuro por assimilação ao Aoristo, mas, por ele ser indeterminado, não está no estudo de aspecto (NEVES, 1987).

Dionísio, o Trácio, como visto anteriormente, apresenta três tempos verbais com quatro diferenças aspectuais do passado (imperfeito, Aoristo, mais-que-perfeito e perfeito), porém estas não constam para o presente e para o futuro. Sobre o estudo de Apolônio, pouca coisa sobrou sobre o verbo. Sabe-se que ele distinguia aspectualmente os tempos de passado e presente (NEVES, 1987).

Em relação ao número, Platão o reconhece⁹⁸, embora não faça distinção gramatical. Os estoicos se referiam à operação de concordância entre o verbo e o nome na função de sujeito. Dionísio, o Trácio, e Apolônio apresentam a definição de número na classificação dos verbos (NEVES, 1987).

Quanto ao modo, apesar de não tratá-lo como categoria linguística, em Protágoras encontra-se a divisão dos discursos em sete: narração, interrogação, resposta, ordem, relato, imprecisão e invocação, o que sugere o emprego de diferentes modos. Aristóteles e os estoicos também não consideraram o modo como categoria gramatical. Já Dionísio, o Trácio, incluiu a noção de modo ao estudo dos verbos desvinculado do significado de modalização. Ele definiu cinco modos e Apolônio também caracterizou os mesmos, mas enfatizou que o modo não se refere unicamente ao verbo, mas também à expressão (NEVES, 1987).

Por último, em relação às vozes verbais, Platão já reconhecia a voz ativa e passiva sem nomeá-las ou estabelecer distinção gramatical entre elas. Os estoicos classificavam os

⁹⁸ Plat. Sof. 237e, 238c

predicados como ativos, passivos e neutros, porém estes também não fazem parte de um estudo linguístico do verbo. Portanto, o estudo da voz aparecerá relacionado ao verbo somente na investigação dos gramáticos (NEVES, 1987).

Considerando o que cada período acrescentou ao estudo do verbo, segue um quadro diacrônico resumido do estudo do verbo desde o período clássico ao romano:

Tabela 4 – Estudo diacrônico dos verbos do período clássico ao romano.

	Período clássico		Período helenístico		Período romano
	Platão (V - IV a.C.)	Aristóteles (IV a.C.)	Estoicos (II a.C.)	Dionísio, o Trácio, (I a.C.)	Apolônio Díscolo (II d.C.)
Tempo cronológico	✓	✓	✓	✓	✓
Tempo verbal		✓	✓	✓	✓
Tempo como acidente do verbo		✓		✓	✓
Modo				✓	✓
Número	✓	✓	✓	✓	✓
Flexão		✓	✓	✓	✓
Voz				✓	✓
Aspecto			✓	✓	✓

Por meio da análise apresentada acima sobre a caracterização dos verbos, viu-se que, mesmo depois do surgimento da gramática, o estudo dos tempos verbais limitava-se ainda às noções de tempo e aspecto. Não se tem registro sobre o uso específico de cada tempo verbal e nem de estruturas que acompanhavam estes usos. A determinação dessas características veio tardiamente com o estudo da semântica e possivelmente com as traduções dos textos gregos.

Considerando o período em que Andócides viveu (final do século V e início do século IV a.C.), pode-se dizer que a percepção da categoria de verbo se encontrava em um estágio anterior a Platão e Aristóteles – tendo em vista que a *Poética* foi escrita apenas no final do século IV a.C. Isso significa que provavelmente já existia uma consciência acerca dos tempos presente e passado e flexão de número e, talvez até pessoa, mas não se tinha conhecimento do aspecto verbal. O fato de não existir um estudo estabelecido sobre o aspecto verbal não

significa que a língua não apresentasse essa categoria. Os textos de Andócides mostram que ele tinha pleno conhecimento dos diferentes aspectos da língua. Porém, provavelmente, seu uso era livre, isto é, o autor é que decidia como a ação deveria ser percebida sem seguir as regras do tempo cronológico em que o acontecimento tivesse ocorrido de fato.

Depreende-se do quadro que os traços presentes no estudo do verbo, desde seu início, eram o tempo cronológico e o número, pois estes, em termos morfológicos e semânticos, são os mais proeminentes nos verbos. Constatou-se, então, que não existia uma reflexão teórica sobre o presente histórico, já que, sua forma é de presente, mas o tempo que denota é passado. Portanto, esse era um uso específico do qual não se tem registro nos estudos sobre a língua desde seu início no período clássico até o período helenístico, pois, como visto, o tempo verbal no grego antigo era vinculado ao tempo cronológico. Isso contribui para a hipótese de que o uso do Presente histórico é uma marca de oralidade na língua grega.

A próxima seção tratará, portanto, do estudo sobre a gramática tradicional do grego antigo do século XIX para determinar o uso do tempo verbal em questão.

4.1 Considerações sobre verbo grego: o tempo e o aspecto

A língua grega antiga possui cinco modos verbais: Indicativo, Subjuntivo, Optativo, Imperativo e Infinitivo. Todos, com exceção do Infinitivo são modos finitos. O Indicativo é utilizado em assertivas absolutas e pode expressar várias relações. O Subjuntivo é utilizado para denotar propósito ou um objeto em orações temporais, condicionais e relativas. O mesmo ocorre com o Optativo, porém este também é utilizado em orações independentes para expressar desejos. O Imperativo expressa comando, proibição, exortação ou súplica. Por fim, o Infinitivo expressa a simples ideia do verbo sem restrição a pessoas ou número e pode ser considerado um verbo em sua forma nominal (GOODWIN, 1879).

As vozes verbais são três: Ativa (quando o sujeito realiza a ação); Média (quando a ação realizada é direcionada ao sujeito, isto é, uma ação realizada para, por ou pertencendo ao sujeito) e Passiva (quando o sujeito recebe a ação) (SMYTH, 1920).

Os tempos verbais são sete: Presente (imperfectivo), Imperfeito (imperfectivo passado), Perfeito (perfectivo, resultativo), Mais-que-perfeito, Aoristo (perfectivo passado), Futuro (desejo futuro), e Futuro perfeito (probabilidade futura). Esses tempos podem ser

primários ou secundários. Os primários referem-se ao presente e futuro e os secundários, ao tempo passado. Assim, no grego antigo os tempos primários do Indicativo são o Presente, Perfeito, Futuro e Futuro perfeito e os tempos secundários são o Imperfeito, Mais-que-perfeito e Aoristo (GOODWIN, 1879).

Serão considerados aqui apenas os três tempos mais relevantes para a análise das marcas de oralidade presentes em *Sobre os Mistérios* e *Sobre seu retorno*; o Presente, o Imperfeito e o Aoristo. Esses serão considerados apenas em sua forma finita, isto é, serão excluídas as formas não finitas tais como Particípios e Infinitivos. Além disso, serão desconsiderados os modos Imperativo, Optativo e Subjuntivo, centralizando-se a análise no modo Indicativo. Isto ocorrerá porque, no modo Indicativo, o Aoristo expressa essencialmente o tempo passado, ao passo que, nos outros modos e em suas formas não finitas, o Aoristo terá característica puramente aspectual e não temporal (COMRIE, 1976). Sendo assim, em suas formas verbais finitas, o Aoristo, o Imperfeito e o Presente possuem referência temporal absoluta, ao passo que as formas não finitas envolvem apenas um tempo relativo. Segue, então, uma reflexão sobre esses tempos verbais no grego – com base nas gramáticas de Goodwin, 1879, e Smyth, 1920 –, considerando suas características sintáticas e, posteriormente, aspectuais.

O Presente do Indicativo apresenta uma ação que acontece agora, salvo exceção no discurso indireto, em que o tempo presente é relativo ao verbo principal. Se os limites da ação do presente não forem determinados, ele poderá expressar ação habitual ou repetida ou uma verdade geral. O Presente denota o contínuo da ação, sem referência à sua completude, portanto, pode também denotar uma ação tentada. Este uso é inferido pelo contexto, como em, *προδίδοτον τὴν Ἑλλάδα* – eles estão tentando trair a Grécia (AR. P. 408)⁹⁹.

Há a possibilidade de o Presente ser utilizado com expressões que denotam passado, como *πάλαι* (há muito, algum tempo atrás); desse modo, terá o sentido de um Perfeito e Presente combinados. Por fim, o Presente pode ser utilizado na narrativa no lugar do Aoristo para tornar o evento mais vívido. É chamado de Presente histórico. A gramática tradicional do grego antigo não dá outras informações sintáticas para determinar o uso do Presente histórico¹⁰⁰.

⁹⁹ SMYTH, 1920.

¹⁰⁰ GOODWIN, 1879; SMYTH, 1920. Essas informações serão obtidas por meio do estudo semântico do próximo capítulo.

O Aoristo do Indicativo expressa a simples ocorrência momentânea de uma ação no passado. Pode até se referir a uma ação contínua se for vista como um único evento no passado. O Aoristo se distingue do Presente por ser mais vívido ou por se referir a uma ação como momentânea ou pontual, enquanto o Presente implica duração. Quando utilizado com verbos que denotam estado ou condição, geralmente expressa a entrada nesse estado ou condição.

Há casos em que o Aoristo pode ser usado no lugar onde se espera o Perfeito ou o Mais-que-perfeito como uma simples ação do passado. O Aoristo ainda apresenta um uso gnômico, o que significa que ele pode expressar verdades gerais e às vezes pode até denotar ação costumeira (quando utilizado com ἔσθ).

O Imperfeito indica uma ação como se estivesse ocorrendo no passado. O Imperfeito é como se fosse um presente do passado, isto é, ele retém todas as características do Presente que não são consistentes com o passado. Assim, o Imperfeito pode denotar ações habituais ou repetidas em oposição ao Aoristo, que denota apenas a simples ocorrência de uma ação. O Imperfeito também pode denotar ações tentadas, prováveis, intencionadas no passado.

O Imperfeito pode expressar fatos que são resultados de uma discussão anterior ou que acabaram de ser reconhecidos como fatos pelo falante ou escritor e que antes eram negados.

O Aoristo difere do Imperfeito por tratar as ações do passado como momentâneas, enquanto, no Imperfeito, essas ações são continuadas ou repetidas. Assim, o Aoristo é o tempo mais comum da narrativa, ao passo que o Imperfeito é utilizado para a descrição. O Aoristo pode até ser utilizado para descrever uma série de ações, porém elas são vistas coletivamente, como um todo, ao contrário do Imperfeito, que se refere a elas separadamente, individualmente. Assim, o Aoristo pode se referir a ações contínuas, porém vistas como um único ponto no passado.

A noção de aspecto no grego antigo está associada à morfologia verbal da língua, razão pela qual é imprescindível o estudo do aspecto nesta língua para a compreensão dos tempos verbais e de como eles se comportam no discurso.

A diferença primordial entre tempo e aspecto é que esse é uma categoria dêitica, ou seja, ele localiza a ação no tempo. O aspecto não é dêitico, pois não relaciona o momento da ação a nenhuma outra referência de tempo; ele indica a constituição temporal da ação. Em

suma, o aspecto observa a estrutura interna da situação e o tempo a observa externamente (COMRIE, 1976).

A primeira e mais importante noção de aspecto para este estudo a ser tratada é a de perfectivo e imperfectivo. O aspecto perfectivo demonstra que uma ação é vista como um todo, sem distinção entre os vários estágios que a compõem. O imperfectivo, ao contrário, volta a atenção para a constituição interna da situação. O perfectivo denota uma situação completa, com início, meio e fim; o imperfectivo indica uma ação em progresso (COMRIE, 1976), como, por exemplo, ‘Maria cozinhou o frango’ e ‘Maria estava cozinhando o frango quando o telefone tocou’. No primeiro caso, a ação de cozinhar está completa, tendo, portanto, início, meio e fim. No segundo caso, a ação não se completou ou não se sabe quando foi terminada, e o falante continua em algum estágio no meio da ação. Assim, o perfectivo se refere a eventos; o imperfectivo, a processos.

O imperfectivo pode se referir a uma ação habitual ou contínua. A mera repetição de uma ação já a qualifica como habitual. As ações contínuas podem ainda ser vistas como progressivas e não progressivas, porém a determinação e estudo dessas subcategorias não serão abordados nesta pesquisa uma vez que não são pertinentes ao objeto aqui investigado¹⁰¹.

O segundo ponto relevante no estudo do aspecto é a oposição entre situação pontual ou durativa. A duratividade se refere à característica de uma ação de durar um certo período de tempo, e a pontualidade marca uma ação momentânea, que não dura no tempo. Segundo Comrie, 1976, a duratividade pode ser indicada por uma forma perfectiva, porém as línguas que separam as formas para se referirem à estrutura interna da situação, como é o caso do grego antigo, claramente terão como incompatíveis a pontualidade e o imperfectivo. Sendo assim, temos de um lado o Aoristo, como perfectivo pontual, e de outro o Imperfeito, como imperfectivo durativo.

O último tópico relacionado a esse estudo é o da telicidade dos verbos. Chama-se de verbos téllicos aqueles que apresentam um ponto de término, de completude além do qual o processo não pode continuar. Os verbos atélicos não possuem esse ponto e podem continuar por um tempo indefinido (COMRIE, 1976). Como exemplo, podem ser citadas as situações ‘João está cantando’ e ‘João pintou um quadro’. A primeira constitui uma ação atélica, pois

¹⁰¹ Para mais informações sobre essas classes, ver Comrie, 1976.

não são definidos os limites temporais da ação de ‘cantar’; enquanto a segunda representa uma situação télica, já que há um limite para a ação de pintar. Para incluir um verbo nessas categorias, não se pode levar em conta apenas o seu significado, mas aquele composto pelos termos que o acompanham, sejam sujeito, objetos ou até mesmo advérbios. O aspecto de telicidade dos verbos se trata, portanto, de uma significação sintática construída pelo contexto.

Do ponto de vista da língua, a relação entre aspecto e tempo ocorre quando uma distinção aspectual é restrita a certos tempos verbais, e o tempo que mais evidencia a distinção aspectual é o passado. Por isso, não só no grego antigo como em outras línguas indo-europeias, a diferença entre Aoristo e Imperfeito existe apenas no passado e não há a distinção correspondente em outros tempos como o Presente e o Futuro ou nas formas não finitas do verbo. Assim, esta distinção aspectual se dá essencialmente entre o perfectivo e o imperfectivo. Esta distinção não ocorre no Presente, por exemplo, já que ele é essencialmente o tempo da descrição e, portanto, só pode ser imperfectivo (COMRIE, 1976).

O uso mais comum de verbos no passado ocorre com verbos perfectivos. Por isso, a língua busca, com o uso do Imperfectivo, meios de expressar o passado sem que represente apenas uma ação completa. O Imperfeito expressa uma noção aspectual mais típica de presente e por causa disso é considerado o ‘Presente do passado’ (COMRIE, 1976). No grego antigo, essas distinções aspectuais do presente e do passado não se dão apenas nos verbos finitos, mas são mantidas nas formas não finitas como participípios e infinitivos, inclusive em sua morfologia. Por meio da tabela abaixo é possível identificar as marcas aspectuais dos tempos verbais e traçar um paralelo entre os radicais de Presente, Imperfeito e Aoristo.

Tabela 5 – morfologia verbal do grego antigo.

Modo Indicativo	Aumento	Radical	Marca de aspecto	Sufixo	Resultado	Infinitivo	Participípio
Presente	—	παύ	—	ω	παύω	παύειν	παύων
Imperfeito	ἔ	παύ	—	ον	ἔπαυον	—	—
Aoristo	ἔ	παύ	σ	α	ἔπαύσα	παῦσαι	παῦσας

Vê-se que a noção de tempo e aspecto está ligada à morfologia da língua. O tempo passado é marcado pelo aumento ἔ- antes do verbo, e a marca aspectual de perfectivo -σ- aparece não somente no modo finito, como também nas formas não finitas do verbo.

As noções de tempo e aspecto entram em conflito quando se utiliza um tempo verbal no lugar de outro, como ocorre com o uso do Presente histórico ou narrativo. Nessa ocasião, o presente é utilizado no lugar do passado; assim este perde suas características aspectuais. As características aspectuais do Presente Narrativo em *Andócides* serão melhor explicadas no capítulo seguinte.

Em suma, a tabela a seguir sintetiza o comportamento sintático dos tempos verbais no grego¹⁰²:

Tabela 6 – análise sintática dos tempos verbais no grego antigo.

Modo Indicativo	Aoristo	Presente	Imperfeito	Presente Histórico
Tempo Primário		✓		
Tempo Secundário	✓		✓	✓
Imperfectivo		✓	✓	
Perfectivo	✓			✓
Pontual	✓			✓
Habitual, contínuo		✓	✓	
Momentâneo	✓			✓
Durativo		✓	✓	

¹⁰² O aspecto télico e atélico aparecerá separadamente na tabela 8 na qual constam todos os verbos investigados nos discursos objeto deste trabalho.

CAPÍTULO 5 – O TEMPO: ESTUDO SEMÂNTICO DOS VERBOS

5.1 O tempo para os antigos

Na antiguidade, uma definição de tempo foi proposta por Platão em Timeu (37d5s)¹⁰³: “[...] εἰκὼ δ’ ἐπενόει κινητόν τινα αἰῶνος ποιῆσαι, καὶ διακοσμῶν ἄμα οὐρανὸν ποιεῖ μένοντος αἰῶνος ἐν ἐνὶ κατ’ ἀριθμὸν ἰοῦσαν αἰώνιον εἰκόνα, τοῦτον ὃν δὴ χρόνον ὠνομάκαμεν.”. (En-tão, pensou em construir uma imagem móvel da eternidade e, quando ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que avança de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo.)¹⁰⁴. Porém, essa definição não é clara e, durante toda a tradição de estudos platônicos, e até hoje, os filósofos buscaram elucidá-la sem grandes progressos.

Aristóteles determina o tempo em uma das definições da *Física* da seguinte forma:

Πρὸς δὲ τούτοις παντὸς μεριστοῦ, ἐάνπερ ἦ, ἀνάγκη, ὅτε ἐστίν, ἤτοι πάντα τὰ μέρη εἶναι ἢ ἔστι δ’ οὐδέν, ὄντος μεριστοῦ. Τὸ δὲ νῦν οὐ μέρος· μετρεῖ τε γὰρ τὸ μέρος, καὶ συγκεῖσθαι δεῖ τὸ ὅλον ἐκ τῶν μερῶν· ὁ δὲ χρόνος οὐ δεοκῖ συγκεῖσθαι ἐκ τῶν νῦν. Ἔτι δὲ τὸ νῦν, ὃ φαίνεται διορίζειν τὸ παρελθὸν καὶ τὸ μέλλον, πότερον ἐν καὶ ταῦτόν ἀεὶ διαμένει ἢ ἄλλο καὶ ἄλλο, οὐ ῥάδιον ἰδεῖν. (Phys. X, 218a).

Moreover, if anything divisible exists, then, so long as it is in existence, either all its parts or some of them must exist. Now time is divisible into parts, and some of these were in the past and some will be in the future, but none of them exists. The present ‘now’ is not part of time at all, for a part measures the whole, and the whole must be made up of the parts, but we cannot say that time is made up of ‘nows’. Nor it is easy to see whether the ‘now’ that appears to divide the past and the future is always one and the same or is perpetually different. (WICKSTEED and CORNFORD, 1970).

Nessa passagem, Aristóteles já identifica dois tempos dentro do sentido maior de tempo, o passado e o futuro. Percebe-se aqui que o filósofo toma o presente como referência

¹⁰³ Também em Timeu. 47a – b2; 39c5 – d2 e d7 – e2; 38b6 – c3

¹⁰⁴ LOPES, 2011.

para determinar o que é passado e o que é futuro, porém, em sua concepção cronológica de tempo, não se pode dizer que o tempo é uma sucessão de vários “agoras” – já que o presente que representa o agora não pode ser uma parte determinante do tempo –, pois é difícil determinar se o ‘agora’ é sempre o mesmo ou sempre diferente.

A diferença no tratamento do tempo pelos dois filósofos antigos corresponde à inserção da ideia do tempo linguístico. Platão reconhece o tempo físico, porém não leva em conta o linguístico, como apontado no capítulo anterior; por isso sua definição de tempo é mais vaga do que a de Aristóteles. Portanto, para fins de análise, o estudo do tempo se concentrará em Aristóteles, já que se considera que ele foi o primeiro filósofo a associá-lo ao verbo. Na presente seção, a ideia de tempo será analisada com o intuito de determinar o uso semântico dos tempos verbais pelos gregos no período clássico.

Aristóteles reflete sobre o tempo no *Da interpretação* e propõe uma visão interessante sobre o Presente:

III. Ρῆμα δὲ ἐστὶ τὸ προσσημαῖνον χρόνον, οὗ μέρος οὐδὲν σημαίνει χωρὶς, καὶ ἔστιν αἰετῶν καθ’ ἑτέρον λεγομένων σημείων. λέγω δ’ ὅτι προσσημαίνει χρόνον, οἷον ὑγίεια μὲν ὄνομα, τὸ δ’ ὑγιαίνει ῥῆμα: προσσημαίνει γὰρ τὸ νῦν ὑπάρχειν. Καὶ αἰετῶν καθ’ ἑτέρου λεγομένων σημείον ἐστὶν, οἷον τῶν καθ’ ὑποκειμένου ἢ ἐν ὑποκειμένῳ.

Τὸ δὲ οὐχ ὑγιαίνει καὶ τὸ οὐ κάμνει οὐ ῥῆμα λέγω· προσσημαίνει μὲν γὰρ χρόνον καὶ αἰετὰ κατά τινας ὑπάρχει, τῇ δὲ διαφορᾷ ὄνομα οὐ κεῖται· ἀλλ’ ἔστω ἀόριστον ῥῆμα, ὅτι ὁμοίως ἐφ’ ὅτουσιν ὑπάρχει, καὶ ὄντος καὶ μὴ ὄντος.

Ὅμοίως δὲ καὶ τὸ ὑγίανεν ἢ τὸ ὑγιαεῖ οὐ ῥήματος, ὅτι τὸ μὲν τὸν παρόντα προσσημαίνει χρόνον, τὰ δὲ τὸ πέριξ.

Αὐτὰ μὲν οὖν καθ’ ἑαυτὰ λεγόμενα τὰ ῥήματα ὀνόματά ἐστι καὶ σημαίνει τι (ἴσθησι γὰρ ὁ λέγων τὴν διάνοιαν, καὶ ὁ ἀκούσας ἠρέμησεν), ἀλλ’ εἰ ἔστιν ἢ μὴ, οὐπω σημαίνει· οὐδὲ γὰρ τὸ εἶναι ἢ μὴ εἶναι ση, μεῖον ἐστὶ τοῦ πράγματος, οὐδ’ ἐὰν τὸ ὄν εἴπησιν αὐτὸ καθ’ ἑαυτὸ ψιλόν. αὐτὸ μὲν γὰρ οὐδὲν ἐστὶ, προσσημαίνει δὲ σύνθεσιν τινα, ἣν ἄνευ τῶν συγκειμένων οὐκ ἔστι νοῆσαι. (Aristot. De Interp. III, 16b10-25).

A verb is a sound which not only conveys a particular meaning but has a time-reference also. No part by itself has a meaning. It indicates always that something is said or asserted of something. Let me explain what I mean by ‘it has a time-reference also.’ Now, ‘health’ is a noun, for example, ‘is healthy’¹⁰⁵ is a verb, not a noun, for the latter conveys that the state signified (namely, health) now exists. Then, a verb was an indication of something asserted of something; I mean, of a something predicated of a subject or found present in it.

‘Is not-ill,’ ‘is not-well’ and so on I should not, for my own part, call verbs. Though they certainly have the time-reference and function at all times as predicates, I know of no recognized name¹⁰⁶. Let us call them (for want of a

¹⁰⁵O tradutor opta por uma locução verbal, porém, no grego antigo, o verbo *ὑγιαίνει*, no Presente, incorpora a ideia de “está doente” sem a necessidade de um verbo auxiliar.

¹⁰⁶ “τῇ δὲ διαφορᾷ ὄνομα οὐ κεῖται” significa literalmente “e um nome não se encontra de modo diferente”. Aristóteles se refere aos verbos *ὑγιαίνει* (está saudável) e *κάμνει* (está doente), ambos no presente, acompanhados da partícula negativa *οὐ* (não), o que significa que o filósofo não reconhece o verbo negativedo como verbo, apenas como tempo verbal.

better) by the name of **indefinite verbs**, since we use them of all kinds of things, non-existent as well as existent.

'He was healthy' or 'he will be healthy'¹⁰⁷ I like-wise should not call a verb. I should call it tense of a verb. Verb and tenses in this respect differ: **the verb indicates present time** but the tenses all times save the present.

Verbs by themselves, then, are nouns, and they stand for or signify something, for the speaker stops his process of thinking and the mind of the hearer acquiesces. However, they do not as yet express positive or negative judgments. For even the infinitives 'to be,' 'not to be,' and the participles 'being' are indicative only of fact, if and when something further is added¹⁰⁸. They indicate nothing themselves but imply a copulation or synthesis, which we can hardly conceive of apart from the things thus combined. (COOKE and TREDENNICK, 1938).

Vê-se que, na visão de Aristóteles, em uma proposição é o verbo quem acrescenta significado ao nome e a ele soma a ideia de tempo. Uma proposição tem de ser feita com um nome e um verbo para ter sentido completo. O curioso é que o filósofo considera o tempo passado e o futuro como tempos verbais, mas não como verbos. Assim, somente o Presente é verbo, já que este se caracteriza pelo Presente, que é a referência de tempo para o retórico, enquanto os outros tempos seriam flexões do verbo do mesmo modo que ocorre com o nome, pois somente o nominativo é nome. As formas como dativo, acusativo ou genitivo são apenas casos do nome, já que, quando se juntam a um verbo, não formam uma proposição verdadeira¹⁰⁹.

A reflexão sobre o tempo Presente também se encontra na *Física*, na qual o filósofo discorre que tudo parte do presente, isto é, este é o ponto de referência que determina o que é passado e o que é futuro. A seguir, duas das passagens mais relevantes sobre o tópico:

Τὸ δὲ νῦν ἐστὶν συνέχεια χρόνου, ὥσπερ ἐλέχθη – συνέχει γὰρ τὸν χρόνον τὸν παρελθόντα καὶ ἐσόμενον – καὶ πέρας χρόνου ἐστίν· ἔστι γὰρ τοῦ μὲν ἀρχή, τοῦ δὲ τελευτή. (Phys. IV, XIII, 222a, 10)

We have said that it is through the 'now' that time is continuous, for it holds time past and future time together; and its general character of 'limit' it is at once the beginning of the time to come and the end of the time past. (WICKSTEED & CORNFORD, 1970).

¹⁰⁷ Correspondem respectivamente a τὸ ὑγίανεν (infinitivo presente – 'ser/estar saudável') e τὸ ὑγιανεῖ (3ª, sg., futuro do indicativo, voz ativa – 'será/estará saudável'). Nota-se que, de acordo com Aristóteles, o infinitivo e o futuro estão acompanhados do artigo τὸ, o que os caracteriza como nomes, e não como verbos.

¹⁰⁸ O autor não considera a partícula negativa μὴ (não) separadamente, isto é, ele considera a negação como parte do verbo. Assim, εἶναι ἢ μὴ εἶναι (ser ou não ser) são dois verbos diferentes.

¹⁰⁹ A questão dos nomes é discutida em *De Interp.* 16b 1-5.

Τὸ δ' ἤδη', τὸ ἐγγὺς ἐστὶ τοῦ παρόντος νῦν ἀτόμου μέρος τοῦ μέλλοντος χρόνου – 'πότε βαδίσεις;' ἤδη', ὅτι ἐγγὺς ὁ χρόνος ἐν ᾧ μέλλει – καὶ τοῦ παρεληλυθότος χρόνου τὸ μὴ πόρρω τοῦ νῦν· 'πότε βαδίσεις;' ἤδη βεβιάδικα'. Τὸ δὲ ἴλιον φάναι ἤδη ἐαλωκέναι οὐ λέγομεν, ὅτι πόρρω λίαν τοῦ νῦν. Καὶ τὸ ἄρτι τὸ ἐγγὺς τοῦ παρόντος νῦν μόριον τοῦ παρεληθέντος· 'πότε ἦλθες;' ἄρτι', ἐὰν ἦ ὁ χρόνος ἐγγὺς τοῦ ἐνεστῶτος νῦν. 'πάλαι' δὲ τὸ πόρρω. Τὸ δ' ἐξαίφνης' τὸ ἐν ἀναισθήτῳ χρόνῳ διὰ μικρότητα ἐκστάν. (*Phys. IV, XIII, 222b*)¹¹⁰.

'Presently' or 'just' refers to the part of future time which is near the indivisible present 'now' ('When do you walk? 'Presently', because the time in which he is going to do so is near), and to the part of **past** time which is not far from the 'now' ('When do you walk?' 'I have just been walking'). But to say that Troy has just been taken – we do not say that, because it is too far from the 'now'. 'Lately', too, refers to the part of **past** time which is near the **present** 'now'. 'When did you go?' 'Lately', if the time is near the existing now. 'Long ago' refers to the distant past. (ROSS, 1955).

Para Aristóteles, é a partir do νῦν (agora) que o tempo se divide entre o passado e o futuro. O espaço entre dois “agoras” é o que define as diferenças temporais entre o antes e o depois. Assim, o νῦν é a ponte que liga o presente e o passado ao mesmo tempo em que é o limite entre os dois tempos.

Provavelmente, o estudo do tempo por Aristóteles não envolvia o tempo do enunciado e certamente não tratava do linguístico. O “agora” do filósofo referia-se ao tempo da enunciação somente, pois este é o ponto de referência da fala¹¹¹. O estudo mais próximo que se tem do tempo linguístico é encontrado na *Retórica*. Nela, Aristóteles define o tipo de tempo verbal que deve ser utilizado com cada tipo de discurso: o passado para o gênero judicial, que tem o objetivo de acusar ou defender-se de algum caso passado; o Futuro para o gênero deliberativo, que tem como propósito exortar ou dissuadir a assembleia; e o Presente para o epidêitico, que tem por finalidade tratar do que é louvável ou culpável (Aristot. *Rh.* III).

Nota-se que, no período clássico, já se percebia a diferença entre os três tempos verbais – Passado, Presente e Futuro –, porém não se tem registro sobre o estudo das formas específicas como o Imperfeito, o Pretérito mais que perfeito e o Aoristo, o Presente Perfeito etc. Do mesmo modo, não havia sistematização da diferença aspectual entre as várias flexões de tempo, o que leva a compreender que o emprego dos tempos verbais durante esse período,

¹¹⁰ Grifo meu.

¹¹¹ Entende-se aqui por enunciado qualquer sequência acabada de palavras de uma língua emitida por um ou mais falantes e enunciação como o uso particular da língua. Assim, enunciação é o ato individual de utilização da língua, enquanto enunciado é o que é produzido a partir desse uso.

apesar de essa categoria estar internalizada na língua, ocorria livremente entre os escritores para conduzir o foco da ação verbal, sem se prenderem estritamente aos tempos de passado, presente e futuro.

O “agora” de Aristóteles ganhou importância enunciativa com o desenvolvimento da semântica. Segundo Benveniste, 1989, o presente não pode ser localizado em divisão particular alguma do tempo crônico, pois o “**agora**” é **reinventado** a cada vez que o enunciado enuncia e representa um tempo novo a cada ato de fala. Tratar-se-á, então, do modo como o “agora” se comporta na língua para expressar as noções de tempo.

As línguas expressam noções temporais de três maneiras: pelo tempo físico, pelo cronológico e pelo linguístico. O tempo físico é aquele medido por cada indivíduo. O tempo cronológico é o tempo dos acontecimentos, e o tempo linguístico é o tempo representado na língua (BENVENISTE, 1989). As duas primeiras definições não serão examinadas a fundo aqui, já que o objetivo deste estudo é identificar aspectos linguísticos do tempo, porém a distinção dessas categorias é necessária para o bom entendimento do tópico a ser abordado.

O tempo linguístico comporta suas próprias divisões e se ordena em relação ao momento da enunciação. No entanto, ele tem noções de ordem, duração e direção. Assim, o tempo linguístico possui seu eixo ordenador e gerador no momento da enunciação e está relacionado à ordenação dos estados e transformações narrados no texto (FIORIN, 1996). Verifica-se que, como no texto da *Física*, o “agora”, determinado pelo narrador, é o eixo temporal que rege o enunciado.

5.2 A semântica dos verbos no grego antigo

Sabe-se que interpretação de um verbo não depende somente de seu significado lexical, mas também de seu valor semântico. Cada radical verbal do grego antigo possui um valor semântico. Este valor pode servir a vários propósitos, porém o mais significativo é localizar a ação em relação a outras no discurso. O valor semântico dos radicais não expressa o tempo no sentido de “presente”, “passado” e “futuro”, mas sim relações temporais como a simultaneidade (Presente e Perfeito), anterioridade (Aoristo) e posterioridade (Futuro e Perfeito futuro). O radical do Presente indica que a ação está acontecendo e, portanto, não

está completa (valor imperfectivo), já o do Aoristo significa que a ação está completa (valor perfectivo). Assim, os verbos que compartilham do mesmo radical são a princípio caracterizados pelo valor semântico daquele radical. Isso vale tanto para as formas finitas do verbo (Indicativo, Subjuntivo, Optativo e Imperativo) como para as formas não-finitas (Infinitivo e Particípio) (RIJKSBARON, 2002).

Ao analisar o valor semântico dos radicais dos verbos na narrativa histórica, o valor de não completude das formas de Presente identificam a ação como “aberta”, criando um cenário onde outras ações podem ocorrer. Por outro lado, o valor de completude do Aoristo expressa anterioridade de certas ações em relação a outras. Enquanto no Presente as ações podem ser quebradas em etapas, as ações do Aoristo são indivisíveis, vistas como um todo. (RIJKSBARON, 2002).

Não há no grego antigo uma forma para expressar o tempo relativo; por isso, os radicais dos verbos são aspectuais¹¹². O aspecto é considerado como a visão do autor sobre a constituição interna das ações. Na língua grega antiga, era possível que o autor escolhesse livremente um radical de Presente ou de Aoristo, dependendo do modo como visse a ação, completa ou não completa (RIJKSBARON, 2002). Assim, nos parâmetros linguísticos do grego antigo, a escolha do tempo é predominantemente determinada pelo contexto. A substituição de uma forma por outra geralmente muda a informação e influencia a maneira com que o autor procede com a narrativa. Por isso, em vista dessas considerações, acredita-se que ao usar o Presente histórico, Andócides tenha mantido as características aspectuais do tempo Presente. Essa hipótese será comprovada nas análises posteriores.

No grego antigo, de todas as formas finitas do verbo, apenas o indicativo expressa o tempo de maneira absoluta, ou seja, este modo localiza a ação em relação ao momento da enunciação no passado, presente ou no futuro. Os outros modos e as formas não finitas não localizam a ação no tempo, mas derivam seu valor temporal a partir de sua interação com outros verbos, em especial no Indicativo (RIJKSBARON, 2002). Assim, existem dois tipos de tempo no grego antigo: o tempo verbal (presente, passado, futuro) com referência ao tempo do falante ou do escritor (isto é, presente absoluto etc.) e o tempo presente, passado, ou futuro com referência ao tempo de outro verbo que está conectado a ele (isto é, tempo relativamente presente).

¹¹² Ver Tabela 5.

Como dito no estudo sintático dos verbos do capítulo anterior, existem sete tempos verbais no grego antigo e esses podem ser primários, também chamados de principais, ou secundários, conhecidos como tempos históricos. Os primários se referem ao Presente e Futuro, e os secundários se referem ao tempo passado. Assim, no grego antigo os tempos primários do Indicativo são o Presente, Perfeito, Futuro e Futuro perfeito, e os tempos secundários são o Imperfeito, o Mais-que-perfeito e Aoristo (GOODWIN, 1879). Os tempos aqui estudados em relação ao momento do enunciado se organizam como descrito abaixo:

1. Presente do indicativo primário (Presente do Indicativo ou simplesmente Presente): localiza a ação no momento do enunciado (o presente);
2. Presente do indicativo secundário (Imperfeito): localiza as ações no momento anterior ao do enunciado (o passado);
3. Aoristo do indicativo secundário (geralmente Aoristo): localiza as ações no momento anterior ao do enunciado (o passado).

Nota-se que o Presente do Indicativo primário não serve apenas para descrever ações que ocorrem no momento do enunciado, mas também é usado de modo genérico desde que não sejam determinados os limites da ação de presente, isto é, o Presente pode ser usado para descrever ações localizadas no presente sem referência a um ponto específico no tempo (presente habitual) e aquelas que não estão localizadas em nenhum tempo específico (presente universal) (RIJKSBARON, 2002).

A Tabela 6, retirada de Rijksbaron (2002, p. 5), esclarece os efeitos dos valores semânticos dos radicais de tempo e os valores temporais do Indicativo do verbo παιδεύω (brincar) na voz ativa:

Tabela 7 – Valores semânticos dos radicais no grego antigo:

A ação está →	Completa		Não completa
Localizada no	+ resultativo	– resultativo	
Presente	πεπαίδευκα (Perfeito)		παιδεύω (Presente)
Passado	ἔπεπαιδευκῆ (Mais-que-perfeito)	ἐπαίδευσα (Aoristo)	ἐπαιδευον (Imperfeito)
Futuro	πεπαιδευκῶς ἔσομαι (Perfeito futuro)	παιδεύσω (Futuro simples)	

Fonte: Rijksbaron (2002, p. 5).

Por fim, o modo indicativo possui diferentes valores em cada tipo de sentença. Nas sentenças declarativas, o indicativo apresenta as ações como fatos (factual); nas

interrogativas, o uso do indicativo demonstra que o falante/autor quer saber se as ações são ou não fatos ou receber mais informações sobre as ações que ele considera fatos e, para exprimir desejos, utiliza-se o indicativo secundário + ἄν (introduzido por εἴθε ou εἰ γάρ) e o falante/autor representa as ações como um desejo que não é mais possível (RIKSBARON, 2002).

Do mesmo modo que foi feito no capítulo anterior, serão estudados os tempos em questão de uma perspectiva semântica, isto é, com relação ao uso dos tempos na narrativa, com base nas reflexões teóricas de Rijksbaron, 2002.

O Presente do Indicativo indica que a ação está localizada no momento da enunciação e continua ao longo desse momento. Pode ter um uso imperativo (em combinação com οὐ (não) e, frequentemente precedido de τί (o que/quem)) expressa uma ordem ou comando, um uso genérico, encontrado em inscrições de habitações ou propriedades ou sentenças atemporais (RIKSBARON, 2002).

O Aoristo e o Imperfeito localizam várias ações no tempo relacionado a cada um deles, razão pela qual são os elementos estruturais mais importantes em um discurso. Uma vez que o Imperfeito caracteriza uma ação incompleta, ele cria um cenário no qual outras ações podem ocorrer. Por outro lado, o Aoristo não tem este efeito, pois indica que o ato simplesmente foi concluída. Muitas vezes, as ações do Aoristo podem ocorrer dentro de um cenário do Imperfeito. Desse modo, a ação do Imperfeito continua enquanto as descritas no Aoristo acontecem (RIKSBARON, 2002). Segue um caso em *Sobre os mistérios*:

[118] τὰ δὲ πράγματα τὰ οἴκοι πονηρῶς εἶχε: τὴν μὲν γὰρ φανεράν οὐσίαν οὐδὲ δυοῖν ταλάντων κατέλιπε, τὰ δὲ ὀφειλόμενα πλέον ἦν ἢ πέντετάλαντα. (Andoc. 1. 118).

E esses assuntos, os de casa, **eram** penosos: pois enquanto ele **deixou** a propriedade de menos de dois talentos, **estava** devendo mais do que cinco talentos.

Depreende-se do exemplo citado que mesmo após ter deixado a propriedade, Cálias continuou devendo. O fato de estar devendo, representado por um verbo no Imperfeito ἦν acompanhado de um Particípio ὀφειλόμενα continuou mesmo com uma ação passada

representada pelo Aoristo *κατέλιπε*, ressaltando, portanto, a pontualidade de ações no passado em meio a um contexto descritivo de verbos no imperfeito.

Assim como o Presente, o Imperfeito pode indicar uma ação habitual. Isso ocorre geralmente na presença de um modificador (ἄν) ou na negativa, o que é extremamente comum em orações temporais-circunstanciais. A negativa no Aoristo se dá de forma oposta, ou seja, denota uma ação sem repetição ou continuação. (RIJKSBARON, 2002).

O tempo verbal localiza o evento no tempo. Dessa forma, o tempo passado se refere a uma situação que aconteceu antes do momento da fala. Essa referência implica tanto uma declaração de ações no passado como a negação de ações no Presente. No primeiro caso, pode-se contar um fato histórico no qual se adota um ponto de vista no passado por meio do qual um dado evento é percebido, como ocorre na narrativa. No segundo, o ponto de vista está no Presente, pelo o qual se demonstra que algo não está mais acontecendo com o uso do passado. Ambos os casos têm em comum a distância no tempo entre o evento e o momento da enunciação. Assim, no primeiro uso, fala-se objetivamente sobre o passado enquanto no segundo, cria-se um ponto de vista ficcional sobre o passado (BAKKER, 1997).

Seguem dois exemplos referentes aos dois casos, retirados de *Sobre os mistérios* de Andócides:

[128] *φέρει δὴ τοίνυν, ὃ ἄνδρες, σκεψώμεθα εἰ πώποτε ἐν τοῖς Ἑλλησι πρᾶγμα τοιοῦτον ἐγένετο, ὅπου γυναῖκά τις γήμας ἐπέγημε τῇ θυγατρὶ τὴν μητέρα καὶ ἐξήλασεν ἢ μήτηρ τὴν θυγατέρα [...].*

Agora, então, ó homens, vejamos se um acontecimento de tal tipo entre os helenos já aconteceu, de algum modo, um indivíduo, tendo se casado com uma mulher, casou-se com a mãe e também com a filha, e a mãe expulsou a filha: [...] (Andoc. 1. 128).

Percebe-se o uso objetivo do passado nesta passagem. Andócides chama a atenção dos jurados para um fato passado, como se contasse uma história, logo, do ponto de vista do passado. O uso do tempo Aoristo contribui para que a ação seja vista do lado de fora, ou seja, sob a perspectiva de um observador.

No outro caso, o ponto de vista permanece no presente, isto é, no momento em que ocorreu o evento, como se o narrador fosse uma testemunha ou mesmo uma personagem de

seu relato vivendo um momento que só pode ser identificado como já ocorrido por meio do uso do tempo verbal passado, no caso do exemplo abaixo, o Imperfeito:

[126] λαβόντες δὲ οἱ προσήκοντες τῇ γυναικὶ τὸ παιδίον ἤκον ἐπὶ τὸν βωμὸν Ἀπατουρίοις, ἔχοντες ἱερεῖον, καὶ ἐκέλευον κατάρξασθαι τὸν Καλλίαν. ὁ δ' ἠρώτα τίνοσ εἶη τὸ παιδίον· ἔλεγον “Καλλίου τοῦ Ἰππονίκου.” [...]

E os parentes da mulher, tendo pegado a criança, vinham para o altar na Apatúria, trazendo a vítima do sacrifício e ordenavam ao Cálías começar. E ele perguntava de quem era a criança: eles diziam “do Cálías, filho de Hipônico”. [...] (Andoc. 1. 126).

O tempo não está ligado apenas aos eventos, mas à percepção, consciência e lembrança dos eventos. De acordo com Chafe, 1994, a consciência pode se dar de dois modos: “imediato” ou “deslocado”. No primeiro modo, o falante recebe um estímulo do ambiente físico e sua consciência se torna “extrovertida”, engajada na percepção da realidade à sua volta. No modo ‘deslocado’ a consciência do falante é “introvertida”, isto é, ele recebe o estímulo não diretamente do ambiente, mas de outra consciência – uma consciência passada extrovertida de um dado ambiente.

A conclusão de Chafe é de que a “imediaticidade”, coincidência entre percepção e fala, tem uma afinidade com o Presente, e o “deslocamento”, separação entre percepção e fala está conectada com tempos de não presente, no caso da narrativa, o tempo passado.

Assim, ao relatar um acontecimento passado, existe uma consciência que está ligada à verbalização e esta recebe um estímulo de uma consciência anterior no passado que está ligada à percepção dos eventos relatados. Porém, é comum utilizar um tempo Presente para trazer a impressão de que a consciência da percepção de eventos passados está sendo percebida no presente. Essa estratégia consiste no uso do que se conhece como Presente histórico com o qual se atinge uma pseudoimediaticidade que caracteriza a vividez no discurso e se torna a melhor forma de trazer o mundo das lembranças para o aqui e agora do presente (BAKKER, 1997).

As seguintes seções tratarão de como o Presente histórico em Andócides evoca a lembrança de uma percepção de eventos ocorridos no passado e a traz para um momento

presente como se o acontecimento fosse revivido pelo orador e, de certa forma, pela audiência.

5.3 O Presente histórico no grego antigo

O Presente histórico no grego antigo ocorre preferencialmente na narrativa, no relato de eventos passados que são predominantemente narrados no Imperfeito ou no Aoristo do Indicativo. Por essência, o Aoristo apresenta os principais eventos da história, enquanto o Imperfeito descreve informações secundárias, como as circunstâncias nas quais ocorrem os eventos. O curso desses eventos passados pode ser interrompido por um Presente do Indicativo, conhecido como Presente histórico ou narrativo (RIKSBARON, 2011).

O Presente histórico entra em conflito com seu valor fundamental de presente do indicativo, pois este não pode indicar ações passadas. O uso específico deste presente traz determinados resultados e efeitos. Em alguns casos, a noção de presente representa um pseudopresente ou um pseudomomento de enunciação em que o narrador se torna uma testemunha ocular (RIKSBARON, 2002). Segue um exemplo de uso do Presente histórico no grego antigo retirado do discurso *Sobre os mistérios* de Andócides:

[1.112] καὶ παρῆμεν κατὰ τὰ προειρημένα. καὶ ἡ βουλή ἐπειδὴ ἦν πλήρης, ἀναστὰς Καλλίας ὁ Ἱππονίκου τὴν σκευὴν ἔχων λέγει ὅτι ἰκετηρία κεῖται ἐπὶ τοῦ βωμοῦ, καὶ ἔδειξεν αὐτοῖς.

E chegávamos conforme as solicitações anteriores. E depois que o conselho estava cheio, tendo se levantado o Cálías (filho) do Hipônico, em suas véstias, diz que reside um ramo de oliveira no altar, e mostrou a eles. (Andoc. 1. 112).

Nota-se que, após uma sequência de verbos no Imperfeito do Indicativo, as ações cruciais estão expressas no Presente histórico. Para Rijk sbaron, 2002¹¹³, o uso do Presente histórico como apresentado anteriormente pode estar associado à tentativa de criar um efeito de testemunha por parte do autor, já que ele testemunhou os eventos os quais ele reporta. Em

¹¹³ A primeira edição de seu livro foi publicada em 1987.

narrativas históricas como as de Heródoto ou Tucídides, o efeito é de uma pseudotestemunha, pois o narrador se porta como “repórter no local”.

O referido tempo pode ser utilizado tanto para marcar ações decisivas ou para pontuar a narrativa (RIJKSBARON, 2002). Quando inserido na narrativa, o presente permite que o leitor faça a distinção entre os assuntos de suma importância para o autor e outros assuntos que apenas compõem a narrativa. Por ser um tempo do indicativo, o Presente Histórico aparece na narrativa em declarações e nunca em frases interrogativas, pois estas contrariam sua essência de recurso retórico para enfatizar certos fatos, ocorrendo, portanto, apenas em perguntas retóricas, as quais possuem função semelhante na narrativa. O presente pode marcar ações decisivas como ocorre no exemplo anterior ou pode marcar a pontuação da narrativa como no exemplo a seguir de Rijksbaron, 2002, p. 24:

(49a) Κύρος... ὠπιᾶτο ἀπὸ Σαρδῆων· καὶ ἐξελαύνει διὰ τῆς λυδίας...
(‘Cyrus was setting forth from Sardis; and he marched through Lydia ...’, X. An. 1.2.5, and *passim*)

Segundo o autor, as ocorrências de Presente histórico no primeiro livro da Anábasis, de Xenofonte, marcam os vários estágios da expedição, ou seja, elas pontuam a narrativa dividindo-a em várias unidades narrativas.

De acordo com Rijksbaron, 2002, eventos significativos ao longo da vida de uma pessoa como nascimento, casamento e morte também são relatados no presente histórico, neste caso chamado de *praesens tabulare* ou *annalisticum*.

Por último, o linguista considera que o Presente histórico é encontrado apenas em verbos télicos e nunca em verbos estativos ou atélicos, como *εἰμί* (ser), *βασιλεύω* (reinar), *ἔχω* (ter), *οἶδα* (saber), *ῥέω* (fluir); que esse tipo específico de presente pode aparecer tanto em orações independentes quanto nas subordinadas e que seu uso depende do estilo do autor.

Com base nessa definição de Presente histórico, Sicking & Stork, 1997, em um estudo sobre a gramática do Presente histórico, analisam alguns textos de vários autores¹¹⁴ antigos a fim de caracterizar o uso desse tempo verbal e encontrar motivações para seu emprego pelos escritores de poesia e prosa do período arcaico e clássico na Grécia. Os estudiosos chegaram resumidamente às seguintes conclusões:

¹¹⁴ Lys. 1, 3.; Plat. Prot.; S. El., Ot., Ant., Trach. 1, 6; X. An; Thuc. 1; Hdt. 1;

1. o Presente histórico em Lísias, Platão, Sófocles, Heródoto, Tucídides e Xenofonte não é utilizado para enfatizar eventos decisivos na história ou para aumentar o impacto dramático da narrativa ou dar vivacidade à sua descrição de modo a fazer com que a audiência se sentisse presente no momento do acontecimento.
2. a função principal do Presente histórico é salientar do contexto as partes da narrativa que são essenciais para o que o falante definiu como primordial em sua narrativa. As declarações no Presente histórico juntas constituem o que é primeiramente importante para o propósito que a narrativa deve servir em seu contexto.
3. em narrativas complexas como a *Anábasis* de Xenofonte, o Presente Histórico pode ser usado para salientar, de uma narrativa contínua, as declarações que constituem o que o autor pretende que seja sua linha de argumento principal.
4. o rótulo de Presente histórico como um dispositivo que destaca ou traz a informação para primeiro plano foi recusado, pois ao submeter o Presente histórico a regras rígidas, corre-se o risco de incluí-lo em uma categoria mais específica do que deveria ser. Além disso, desse modo, ele seria considerado mais como um fenômeno estilístico do que gramatical.
5. a função principal do Presente histórico é possivelmente sua função original (2).
6. não há verbos específicos ou categorias de verbos específicos que são mais comumente utilizados no Presente histórico do que outros. Há apenas categorias de evento que aparecem mais frequentemente que outras na narrativa (histórica).
7. o Presente histórico associado à negação é, de fato, raro. A razão é que a maioria das declarações da narrativa se referem a algo que realmente aconteceu.
8. não foram encontrados vestígios de *praesens annalisticum*.
9. não há características do Presente se referindo a eventos passados, em contextos passados, que justifique o rótulo “Presente histórico”. É mais favorável o termo “Presente narrativo” ou o mais exótico, “Presente diegético”.

10. há vários casos em que o Presente histórico ocorre coordenado com um Aoristo, enquanto não foram achados casos nos quais ocorre coordenado com um Imperfeito. Juntamente com o fato de o Presente histórico poder ser utilizado para expressar a conclusão de uma história, parece haver uma indicação de que o Aoristo e o Presente histórico tenham o mesmo “valor de informação”, visto que ambos têm a função de convergir e podem funcionar como predicado de uma declaração independente.
11. a propriedade semântica de Presente do Indicativo, que é a base para esse uso específico, é encontrada na sua característica de terminação primária, que, assim como o subjuntivo, refere-se ao que pertence ao ‘aqui e agora’, isto é, a preocupação imediata do falante.

Já em 2011, Rijksbaron, Lallot e Jacquiod – na obra *O Presente histórico em Tucídides: função semântica e narrativa*¹¹⁵ – definem o Presente histórico mais precisamente a partir de vários estudos de diferentes acadêmicos sobre o uso desse tempo verbal. Na introdução, Rijksbaron propõe as seguintes características sintáticas e semânticas do Presente Histórico:

1. Seu uso é (quase) totalmente confinado ao discurso narrativo.
2. O Presente histórico não ocorre em exclamações ou perguntas – com exceção de perguntas retóricas, que são pragmaticamente equivalentes a afirmações – aparece apenas em sentenças declarativas.
3. Não ocorre na segunda pessoa, somente na terceira e raramente na primeira pessoa.
4. Nem todos os verbos são usados no Presente Histórico. Seu emprego é, de fato, restrito aos verbos télicos e momentâneos (verbos de realização ou conquista). Portanto, eles não acontecem com verbos estativos-durativos (verbos de estado e processo). Isto significa que formas como *ἔστι* (é), *κεῖται* (reside), *μένει* (fica), *ἔχει* (ter), *νομίζει* (nomeia), *εὕδει* (descansa) nunca são utilizadas no Presente histórico. A atividade envolvida é normalmente realizada por humano, mas, ocasionalmente, por fenômenos naturais.

¹¹⁵ *The Historical Present in Thucydides: Semantics and Narrative Function*, 2011.

5. Presente histórico é raro na voz passiva.
6. É raro em orações subordinadas.
7. O Presente histórico não pode ser combinado à negativa, exceto em condições especiais.
8. É geralmente introduzido por δὲ ou καί.

Rijksbaron, 2011, pôde chegar a essas características a partir das seguintes constatações:

- A não ocorrência de verbos estativos no Presente histórico (4) se dá porque a semântica dos verbos estativos é inerentemente oposta à noção de ‘eventos decisivos’, pois verbos como ‘ser’, ‘pensar’, ‘ter’, ‘dormir’ são utilizados para informações complementares.
- Seu aparecimento na voz passiva é raro (5) porque eventos decisivos são tipicamente causados por pessoas que os praticam ativamente, não por pessoas que sofrem a ação.
- É raro em orações subordinadas (6) já que estas representam informações que são de um nível hierárquico inferior ao das orações principais e espera-se que os eventos decisivos ocorram no nível mais alto.
- A quase ausência de negação no Presente histórico (7) acontece, pois se espera que os eventos negados sejam qualificados como decisivos menos facilmente do que os eventos reais.
- A quase ausência de Presente histórico com γάρ justifica-se pelo fato de os eventos decisivos evitarem a concordância com uma partícula cuja função principal seja introduzir informações complementares.

A distinção entre a abordagem do Presente histórico nos dois autores apresentados se dá primariamente entre a definição do que é um ‘momento crucial na narrativa’ e do uso do tempo em questão com determinados verbos. Viu-se que, em 2002, Rijksbaron concluiu que o Presente histórico era utilizado para marcar ações decisivas ou para pontuar a narrativa. Porém, após o estudo de Sicking & Storck, 1997, o linguista juntamente com os outros

autores do livro em 2011, adotam a posição de que o Presente histórico é utilizado por Tucídides para marcar, na visão dele, os eventos mais importantes da Guerra do Peloponeso. Estabeleceu-se, então, um consenso de que o tempo em questão é utilizado para evidenciar eventos cruciais para o narrador, já que o tempo é encontrado quase restritamente na narrativa. Portanto, o Presente histórico não marca uma ação decisiva na história ou narrativa, mas, sim, de suma importância para o próprio narrador.

O ponto mais divergente entre os dois autores se dá no uso do Presente histórico com determinados verbos. Para Rijksbaron *et al.*, ele não pode ocorrer com verbos estativos, pois estes nunca podem ser utilizados para marcar eventos decisivos, já que são utilizados para dar informações complementares. Portanto, o Presente histórico só poderá ocorrer com verbos télicos e momentâneos. Por outro lado, Sicking & Storck, 1997, consideram que não existem verbos ou categorias mais específicas do Presente histórico, apenas categorias de eventos típicos da narrativa. Porém, os três autores concordam que o Presente histórico se assemelha mais ao Aoristo quanto ao seu aspecto.

O estudo que seguirá confirmará algumas hipóteses de Rijksbaron, 2011, e Sicking & Storck, 1997, e de outros especialistas acerca do Presente histórico em grego, ao mesmo tempo em que refutará outras ao tentar estabelecer novas abordagens para esse tempo na língua grega antiga, mais especificamente em Andócides.

Há diversas semelhanças entre os modos e tempos verbais do grego antigo e do português, inclusive no uso do Presente histórico. Levando-se em conta o estudo sintático dos modos e tempos verbais do grego antigo do capítulo anterior, pode-se identificar que o uso dos tempos do Indicativo Presente, passado perfectivo e passado imperfectivo no grego antigo e, inclusive o uso do Presente histórico, coincidem com o emprego desses tempos na língua portuguesa. Por isso, esta análise busca um diálogo com as teorias semânticas do português¹¹⁶ a fim de elucidar algumas relações dos verbos no grego antigo, assim como sua caracterização na narrativa.

¹¹⁶ A análise em língua portuguesa não levará em conta perífrases verbais ou o pretérito perfeito composto pela não equivalência com o grego antigo.

5.4 Estudo semântico-aspectual e temporal do Presente histórico

Em geral, nas línguas existem dois sistemas temporais: um relacionado diretamente ao momento da enunciação e outro ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado. O primeiro caso é conhecido como sistema enunciativo, e, o segundo, como sistema enuncivo. Refere-se então à sistema enuncivo aquele que gera tempos do enunciado e a sistema enunciativo o que projeta os tempos do sistema enunciativo no enunciado (FIORIN, 1996). O sistema enuncivo é importante para este estudo porque revela um marco temporal não concomitante com o da enunciação, criando, assim, um tempo dentro dela. Isso é utilizado por Andócides em sua narrativa, pois esta se encontra no tempo passado (Aoristo ou Imperfeito) e os verbos marcam, portanto, uma concomitância ou anterioridade em relação ao momento de enunciação. Além disso, há o uso do Presente histórico que não é concomitante com o presente enunciativo, caracterizando também o uso do sistema enuncivo.

De acordo com Fiorin, 1996, existem três momentos relevantes na constituição do sistema temporal: o momento da enunciação, ou seja, o momento da comunicação; o momento da referência, isto é, o tempo construído na enunciação; e o momento do acontecimento¹¹⁷. Corôa, 1998, baseada no sistema de Reichenbach, 1947, justifica os momentos da seguinte forma:

O tempo do discurso, ou do texto, emerge porque o falante, preso à linearidade linguística, diz o que diz seguindo determinada ordem; o tempo do evento, porque os eventos no mundo ocorrem em determinada ordem; e o tempo da referência, porque nem sempre o falante sequencializa seu discurso na mesma ordem em que os eventos que relata ocorrem ‘no mundo’[...] (Corôa, 1998, p. 186).

Assim, aplicando essa conceituação de momentos aos tempos verbais, no pretérito perfeito tem-se o momento do acontecimento anterior ao momento da referência e este simultâneo ao momento da enunciação; no imperfeito, o momento do acontecimento é simultâneo ao momento de referência e esses anteriores ao momento da enunciação; e o

¹¹⁷ Na linguística tradicional, referem-se respectivamente a momento da fala, momento da referência e momento do evento. Ver Corôa, 1998.

presente com a tripla simultaneidade entre os três momentos (Corôa, 1998). No discurso *Sobre os mistérios*, o momento da enunciação é 400 a.C., data em que foi proferido diante dos juízes, e o momento dos acontecimentos é anterior, 415 a.C., data em que ocorreram os escândalos. Em *Sobre seu retorno*, o momento da enunciação é aproximadamente 410 a.C., e o momento dos acontecimentos também é anterior a 415 a.C. O momento da referência dos dois discursos é um pouco mais complexo e carece de mais reflexão.

Segundo Ilari, 2001, também baseado no sistema de Reichenbach, 1947, um dos princípios para se compreender as informações temporais de um texto é a relação entre tempos dinâmicos e estáticos. Uma sequência de sentenças no imperfeito do indicativo em uma narrativa é normalmente interpretada como tendo o mesmo momento de referência para todas, produzindo um efeito de descrição. Por outro lado, uma sequência de sentenças no perfeito do indicativo é normalmente interpretada como fazendo referência a fatos sucessivos, ou seja, o momento de referência da oração seguinte é posterior ao da anterior, produzindo então um efeito de narração. Seguem exemplos dos dois tipos de momentos de referência no português descritos por Ilari aplicados ao texto de Andócides para que se identifiquem a semelhança nas relações de tempo nas duas línguas:

Quadro 1 – Momentos de referência no Imperfeito e no Aoristo

Ex. 1. Descrição	Ex. 2. Narração
<p>[48] ἐπειδὴ δὲ ἐδεδέμεθα πάντες ἐν τῷ αὐτῷ καὶ νύξ τε ἦν καὶ τὸ δεσμοτήριον συνεκέκλητο, ἦκον δὲ τῷ μὲν μήτηρ τῷ δὲ ἀδελφὴ τῷ δὲ γυνὴ καὶ παῖδες, ἦν δὲ βοή καὶ οἶκτος κλαόντων καὶ ὀδυρομένων τὰ παρόντα κακά, [...]</p>	<p>[25] αἱ μὲν μηνύσεις ὧδε περὶ τῶν μυστηρίων αὐτὰ ἐγένοντο τέτταρες· οἱ δὲ ἐφυγον καθ' ἐκάστην μήνυσιν, ἀνέγνων ὑμῖν τὰ ὀνόματα αὐτῶν, καὶ οἱ μάρτυρες μεμαρτυρήκασιν.</p>
<p>E depois, todos fomos presos com ele e já <u>era</u> noite e a prisão fechou, <u>vinham</u> a mãe, a irmã, a mulher e as crianças, e <u>havia</u> grito e lamentação dos que choravam e lamentavam nas más circunstâncias, (...) (Andoc. 1. 48).</p>	<p>De uma parte, deste modo, as informações acerca dos mistérios <u>passaram a ser</u> então essas quatro; e, de outra, eles <u>fugiram</u> de acordo com cada informação. <u>Tornei</u> conhecidos os nomes deles a vós, e as testemunhas já <u>testemunharam</u>. (Andoc. 1. 25).</p>

Nos exemplos relacionados no Quadro 1, além da diferença aspectual dos dois tempos verbais, já destacada no capítulo anterior, pode-se perceber que, no ex. 1. a situação é vista pelo “lado de dentro”. Nota-se que Andócides descreve como foi a primeira noite em que foi preso. Os verbos utilizados no Imperfeito mantêm a relação de descrição do cenário e a referência se encontra naquele momento em particular. No ex. 2, há uma sequência de fatos

narrados com três momentos de referência distintos: o momento em que as denúncias somaram quatro, o momento em que os acusados fugiam por causa da denúncia, o momento em que Andócides revelou o nome dos fugitivos subordinado ao momento de referência concomitante com o da enunciação, que é aquele que determina que as ações foram concluídas no passado. Assim, os momentos serão:

Imperfeito	MA, MR → ME
Aoristo	MA → MR, ME

Onde:

MA: momento do acontecimento

MR: momento da referência

ME: momento da enunciação

,: concomitância

→: anterioridade

O tempo presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. Assim, deve haver no presente uma tripla coincidência entre o momento do acontecimento, o momento da referência e o momento da enunciação.

A diferença entre os tempos do passado se dá no momento de referência. O passado perfectivo marca a anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente; o passado imperfectivo marca concomitância entre o momento do acontecimento e o momento de referência. A diferença entre os dois tempos passados também ocorre em nível aspectual: o perfectivo denota aspecto limitado, acabado, pontual, enquanto o imperfectivo apresenta aspecto não-limitado, inacabado e durativo. Por ter esse valor durativo, que pode ser contínuo ou descontínuo, o imperfectivo pode tanto expressar um fato que se repete no passado quanto um fato contínuo no passado.

Em língua portuguesa, ao relatar múltiplos estados ou transformações, o pretérito perfeito apresenta-os como sucessivos e concomitantes em relação a diferentes momentos de

referência pretéritos, marcados principalmente nas narrativas orais por *depois, em seguida, e então, e aí* etc. Por isso o pretérito perfeito é o tempo por excelência da narração. Já o imperfeito apresenta os fatos como simultâneos ou contínuos, vinculados ao mesmo momento de referência pretérito. Por isso, o imperfeito é o tempo mais usado para descrição (FIORIN, 1996) ¹¹⁸.

Da mesma forma, no grego antigo, o Aoristo é o tempo da narração, pois retrata os eventos do ponto de vista de um observador, que percebe a ação do lado de fora, em diferentes pontos de referência no passado. O Imperfeito, por outro lado, coloca o falante dentro da ação no passado, como se acontecesse no presente. Do mesmo modo, na narrativa, os advérbios e as conjunções temporais também desempenham papel importante para a análise do Presente histórico, pois eles ajudam a determinar o momento de referência.

No grego antigo, as orações temporais estabelecem uma relação de tempo entre dois eventos. Em relação ao momento dos acontecimentos da oração principal, a oração temporal pode ser anterior, simultânea ou posterior. Além disso, a oração temporal pode expressar ações pontuais ou repetidas no passado, presente ou futuro e também ações habituais (RIKSBARON, 2002).

Considerando a natureza dos dados analisados, o estudo das orações temporais no grego antigo será concentrado em ações pontuais no passado, pois, nessas orações, o verbo da oração subordinada é expresso no indicativo, ao passo que as orações temporais habituais no passado se formam no modo optativo e as habituais nos outros tempos no modo subjuntivo. Assim, em eventos passados, as conjunções temporais usadas são *ἐπεί, ἐπειδή, ὅτε* e *ὥς*. Essas conjunções associadas ao tempo Aoristo no Indicativo indicam que as ações das orações subordinadas são anteriores às orações principais, significando, portanto, “quando”, “depois”, “depois que”. Quando associadas ao Imperfeito do Indicativo, acrescentando-se também *ἕως* e *ἐν ᾧ*, elas indicam que o momento dos acontecimentos da oração subordinada é simultâneo ao da oração principal, tendo valor de “quando”, “enquanto”. Por fim, orações com *ἕως* e

¹¹⁸ Mesmo com essa diferença aspectual, o imperfeito também será considerado neste trabalho como parte do Presente histórico ou narrativo, pois Koch, 2002, por meio do estudo de Weinrich, constata que, em relação à função dos tempos verbais no discurso, existem dois grupos temporais; o grupo 1, que envolve, no modo indicativo, tempos como o presente, o pretérito perfeito composto, o futuro do presente, o futuro do presente composto e as locuções verbais formadas a partir desses tempos. O grupo 2 compreende, também no modo Indicativo, os tempos Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Pretérito mais que perfeito, Futuro do pretérito e locuções verbais formadas com esses tempos. Os tempos do grupo 1 determinam os discursos comentados e os tempos do grupo 2 determinam os discursos narrados. Assim, enquanto o perfeito marca todas as unidades de ação narrativa, o imperfeito aparece como tempo secundário como o pano de fundo para a narrativa.

πρίν associados ao Aoristo no Indicativo significam que os acontecimentos da oração subordinada são posteriores ao da oração principal, sendo o sentido de *ἕως* “até” e *πρίν* “antes” “antes que”, (RIJKSBARON, 2002). As relações de anterioridade dentro de uma sequência de fatos e simultaneidades estão intimamente relacionadas ao aspecto dos referidos tempos o que será apresentado adiante no estudo do momento de referência na narração e na descrição.

Apesar de, como dito no item 6 do capítulo 3 deste estudo, o discurso falado apresentar com mais frequência estruturas paratáticas que facilitem o entendimento do ouvinte, o Presente histórico aparece por vezes no número reduzido de orações subordinadas dos discursos de Andócides. Os períodos que contêm o Presente histórico em Andócides são introduzidos geralmente pela conjunção *ἐπειδὴ*¹¹⁹ (depois, depois que/quando). Esta conjunção ocorre geralmente na oração anteposta à oração principal com uma pausa entre elas, marcada pelo editor, assim como no português¹²⁰. Braga, 1997, ao concordar com Decat, 1993, salienta que a posição das orações hipotáticas é sensível ao registro; e que nas narrativas orais, predomina a anteposição, pois as orações temporais criam uma espécie de moldura para o estado de coisas codificados pela oração principal.

Os períodos com orações temporais no Presente histórico de Andócides se comportam de várias maneiras, porém há um padrão identificado: as orações subordinadas adverbiais com *ἐπειδὴ* encontram-se no tempo passado, ao passo que as orações principais estão no Presente histórico, indicando que as ações das orações subordinadas são anteriores às ações das principais. Em alguns casos, a oração principal projeta orações coordenadas também no Presente histórico e, em um dos casos, a oração principal projeta outra oração subordinada objetiva que, da mesma forma, encontra-se no Presente, corroborando com a hipótese de Rijksbaron et al., 2011, de que o PH é raro nas orações subordinadas por conta de apresentarem a informação em um nível de importância inferior, favorecendo seu aparecimento nas orações principais. A seguir, exemplos de períodos com o padrão encontrado nas orações temporais.

¹¹⁹ 1. 34, 48, 65, 112, 121; 2. 15.

¹²⁰ Há orações temporais introduzidas por *ὅτε* e *ὡς*, porém elas não se encontram no presente histórico, por isso não serão alvo desta análise.

Quadro 2: orações temporais e sua relação com o Presente histórico

Ex.	Referência	Oração temporal	Oração principal/coordenada no presente
1	Andoc. 1. 34	ἐπειδὴ Τεῦκρος ἦλθε Μεγαρόθεν, ἄδειαν εὐρόμενος, (Depois que Teucro <u>veio</u> de Mégara, tendo obtido anistia,)	<u>μηνύει</u> περί τε τῶν μυστηρίων ἃ ἦδει καὶ ἐκ τῶν περικοψάντων τὰ ἀναθήματα, (<u>informa</u> acerca dos mistérios dos quais já <u>sabia</u> e das estátuas mutiladas,) <u>ἀπογράφει</u> δυοῖν δέοντας εἴκοσιν ἄνδρας. ((e) <u>denuncia</u> dezoito homens.)
2	Andoc. 1.65	ἐπειδὴ ἦν ἢ ἐγὼ ἔλεγον καὶ ὁμολογεῖτο πανταχόθεν, (depois <u>concordavam</u> de todos os modos que <u>era</u> como eu <u>dizia</u> ,)	τότε δὴ <u>καλοῦσι</u> τὸν Διοκλείδην (então <u>convocam</u> o Dioclídes)
3	Andoc. 1. 112	καὶ ἡ βουλή ἐπειδὴ ἦν πλήρης, (E depois que o conselho <u>estava</u> cheio,)	ἀναστὰς Καλλίας ὁ Ἰππονίκου τὴν σκευὴν ἔχων <u>λέγει</u> (tendo se levantado o Cálías filho do Hipônico, em suas véstias, <u>diz</u>) <u>ὅτι</u> ἰκετηρία <u>κεῖται</u> ἐπὶ τοῦ βομοῦ, (que <u>reside</u> um ramo de oliveira no altar,)
4	Andoc. 1. 121	ἐπειδὴ δ' ἑώρα με ὑπομένοντα, (Depois que (o Cálías) me <u>viu</u> resistindo,)	<u>τίθησι</u> τὴν ἰκετηρίαν, (<u>deposita</u> o ramo de oliveira,)
5	Andoc. 2. 15	ἐπειδὴ ἐγὶγνωσκον ἀπολούμενος, (como eu <u>sabia</u> que morreria,)	εὐθὺς <u>προσπηδῶ</u> πρὸς τὴν ἐστίαν (imediatamente <u>salto</u> em direção ao altar) <u>καὶ λαμβάνομαι</u> τῶν ἱερῶν. (e pego os objetos sagrados.)

O discurso *Sobre os mistérios* possui 26 ocorrências de orações temporais iniciadas por *ἐπειδὴ*, das quais 5 estão em contextos de Presente histórico e das três orações contendo a partícula no discurso *Sobre seu retorno*, uma está no Presente Histórico. Braga, 1997,

demonstra em seu estudo que no português oral, as orações temporais são introduzidas principalmente por ‘quando’. Do mesmo modo, acredita-se que o PH no grego antigo apareça em orações temporais típicas da fala cotidiana, sendo estas iniciadas pela conjunção *ἐπειδὴ*.

Percebe-se claramente a relação de anterioridade das ações nas orações temporais no Aoristo nos exemplos 1 e 4 e de simultaneidade nas orações no Imperfeito em 2, 3 e 5.

Ilari, 2001, constatou, em português, que nas orações temporais ocorre a mesma ambiguidade que acontece com os adjuntos adverbiais. O momento identificado na oração subordinada é o momento de referência ou do acontecimento da oração principal. Esse raciocínio pode ser aplicado aos dados do grego antigo verificados nesta pesquisa. A partir dessa constatação e da análise dos períodos acima, chegou-se à conclusão de que o momento de referência do Presente histórico no grego, em Andócides, encontra-se realmente no passado nas orações temporais.

Outras orações no Presente histórico são introduzidas por partículas como *κᾶπειτα*¹²¹ (em seguida, depois) e *τότε δῆ*¹²² (então) que da mesma forma contribuem para a relação de tempo dentro das sentenças. Além dessas, advérbios temporais como *τότε*¹²³ (nesse/ naquele momento) e *τοίνυν*¹²⁴ (agora) também desempenham esse mesmo papel. O uso desses advérbios relaciona temporalmente o evento e a enunciação e delimita o momento de referência.

Em português, os advérbios de tempo indicam circunstância de tempo. Para Neves, 2000, estas circunstâncias podem ser: situação, isto é, quando ocorre o acontecimento; situação absoluta, quando determina momento ou período na escala do tempo; e tempo não cronológico, ou seja, sem ligação com o calendário. Isso quer dizer que os advérbios de tempo também se articulam no sistema enunciativo e enuncivo. No primeiro caso, o advérbio está no momento de referência presente e é idêntico ao momento da enunciação; no segundo caso, o advérbio se organiza em torno de um momento de referência inscrito no enunciado. Assim, em cada momento de referência, o advérbio aparecerá concomitante ou não-concomitante (anterior ou posterior) a ele. (FIORIN, 1996).

¹²¹ 1. 17.

¹²² 1. 65.

¹²³ 1. 130; 2. 15.

¹²⁴ 1. 15, 127.

Do mesmo modo, no grego antigo, o “agora” não indica apenas uma relação de concomitância ao momento da enunciação, mas também pode ser usado para expressar anterioridade, para marcar um passado recente. Aristóteles fala sobre o uso do ‘νῦν’ no grego antigo na Física, no qual ele determina que:

Τὸ μὲν οὖν οὕτω λέγεται τῶν ‘νῦν’, ἄλλο δ’ ὅταν ὁ χρόνος ὁ τούτου ἐγγὺς ᾖ. ἤξει νῦν’, ὅτι τήμερον ἤξει· ἤκει νῦν’, ὅτι ἤλθε τήμερον. Τὰ δ’ ἐν Τρίῳ γέγονεν οὐ νῦν, οὐδ’ ὁ κατακλισμὸς γέγονε νῦν· καίτοι συνεχεῖς χρόνος εἰς αὐτά, ἀλλ’ ὅτι οὐκ ἐγγύς. (Phys. IV. XIII. 222a, 20).

This is one of the meanings of ‘now,’ but it is also used for ‘not far off in time.’ ‘He will come now,’ if he will come to-day; ‘He has come but now,’ if he came today. But we do not speak so of the Trojan war or Deucalion’s flood; though time is continuous between us and these events, they are not near. (Wicksteed and Cornford, 1970).

Pode-se tomar como exemplo a frase: “*Δευτέρα τοίνυν μῆνυσις ἐγένετο.*” Andoc. 1. 15. (Agora, uma segunda informação veio à tona). Nota-se que Andócides utilizou o advérbio *τοίνυν* ao se referir a um acontecimento passado. Ele optou por esse advérbio a fim de criar uma proximidade entre o passado e o momento da enunciação.

Fato parecido ocorre no português. Segundo Neves, 2000, p. 266, o “agora” pode ter diferentes significados, como “neste momento”, ie., “Só *agora* é que a senhora lembrou disso?”; “na época atual”, ie., “Estava dizendo um matuto, na venda, que Aparício anda *agora* com mais de duzentos homens”; “neste momento” ou “neste período”, prologando-se para o período imediatamente seguinte, ie., “Mas vamos passar *agora* à parte principal do nosso programa”; “nos últimos tempos”; ou ‘no momento ou período imediatamente anterior’, ie. “E *agora* houve uma mula que tenha parido?”; exatamente o que ocorre com o caso demonstrado acima. Esse uso do “agora” é próprio da oralidade na língua portuguesa, pois, além da tentativa de aproximação com o leitor, é uma construção típica da fala¹²⁵.

Visto o estudo sobre as orações e advérbios temporais e sua implicação no uso do Presente histórico em Andócides, retoma-se o estudo das relações de tempo dentro do

¹²⁵ É possível encontrar o referido uso do advérbio também em inglês, por exemplo, *now* significa: ‘at the present time’; ‘at this moment’; ‘at the time of speaking’; como em *I am working now*. Mas também pode significar: ‘at this point in the narration of a series of **past** events’, quando utilizado com o Presente histórico, tendo como exemplo: *Now Germany invades Poland and the second World War begins*. Outro uso do “agora” pode significar ‘in the immediate past’, como em: *I finished it just now*. E em seu uso prefatório ou transicional, simbolizar a mudança de assunto: *Now let’s begin the second lesson*.

enunciado. Em alguns casos, ocorre a neutralização no interior de um sistema, isto é, um tempo é usado no lugar de outro. A relação mais relevante para esta análise é a concomitância pela anterioridade, na qual o presente é utilizado no lugar do pretérito perfeito ou do imperfeito. O resultado é que acontece uma presentificação dos acontecimentos passados para mostrar que eles têm uma ressonância no presente que pesa mais que o passado da ação. Assim, o presente é amplificado e visto como uma continuidade lógica ou psicológica do passado. É a esse fenômeno que Fiorin, 1996, classifica como Presente histórico

A simultaneidade do Presente histórico no português, como observa Corôa, 1998, não se dá diretamente entre o momento do acontecimento e o momento da enunciação, mas é construída por ambos no momento de referência. Sendo assim, o momento de referência se torna elástico e mantém-se a oposição sistemática entre flexão de presente e outras flexões do mesmo paradigma verbal. No grego antigo, a relação dos momentos do tempo se dá de modo um pouco diferente no que diz respeito ao momento de referência. Os textos que contam com o Presente histórico são textos do tempo passado que sofrem alguma interrupção por um Presente, porém o momento de referência não acompanha essa mudança e permanece no passado. Segue exemplo:

[65] ἐξελέγοντες δὲ τὸ πρᾶγμα ἢ τε βουλή καὶ οἱ ζητηταί, ἐπειδὴ ἦν ἢ ἐγὼ ἔλεγον καὶ ὁμολογεῖτο πανταχόθεν, τότε δὴ καλοῦσι τὸν Διοκλείδην: καὶ οὐ πολλῶν λόγων ἐδέησεν, ἀλλ' εὐθὺς ὁμολόγει ψεύδεσθαι, καὶ ἐδεῖτο σφύζεσθαι φράσας τοὺς πείσαντας αὐτὸν λέγειν ταῦτα: εἶναι δὲ Ἀλκιβιάδην τὸν Φηγούσιον καὶ Ἀμίαντον τὸν ἐξ Αἰγίνης.

O conselho e os comissários de inquérito, ao investigarem o acontecimento, quando começaram a concordar de todos os modos que era como eu dizia, então convocam o Dioclídes: e (ele) não precisou de muitas palavras, mas prontamente passou a concordar ter mentido, e necessitava salvar-se tendo indicado os que o persuadiram a falar estas coisas serem o Alcibíades, o Fegos e Amianto de Egina. (Andoc. 1. 65).

Nem sempre o Presente histórico em Andócides vem acompanhado de advérbios que localizam o momento de referência. Muitas vezes, este é identificado apenas contextualmente ou por meio da relação cronológica com outros eventos no mesmo período ou nos períodos anteriores.

O que acontece nos discursos de Andócides é que, nos períodos que envolvem o presente histórico, o tempo passado (Aoristo e Imperfeito) é simultâneo ao momento dos

Imperfeito/descrição	Aoristo/narração
<p>[62] αἰσθόμενος δ' Εὐφίλητος ὡς ἔχοιμι, <u>λέγει</u> πρὸς αὐτοὺς ὅτι πέπεισμαι ταῦτα συμποιεῖν καὶ ὁμολόγηκα αὐτῷ μεθέξειν τοῦ ἔργου καὶ περικόψειν τὸν Ἑρμῆν τὸν παρὰ τὸ Φορβαντεῖον. ταῦτα δ' ἔλεγεν ἐξαπατῶν ἐκείνους: καὶ διὰ ταῦτα ὁ Ἑρμῆς ὃν ὀρᾶτε πάντες, ὁ παρὰ τὴν πατρίαν οἰκίαν τὴν ἡμετέραν, ὃν ἡ Αἰγίης ἀνέθηκεν, οὐ περιεκόπη μόνος τῶν Ἑρμῶν τῶν Αθήνησιν, ὡς ἐμοῦ τοῦτο ποιήσοντος, ὡς <u>ἔφη</u> πρὸς αὐτοὺς Εὐφίλητος.</p> <p>E Eufileto tendo percebido como eu me encontrava, <u>diz</u> para eles que eu fui persuadido a ajudar a fazer essas coisas e concordei com ele em participar da ação e em mutilar o Hermes, aquele perto de Forbas. E <u>dizia</u> estas coisas enganando aqueles: e, por causa destas coisas, o Hermes que todos vedes, aquele perto da casa dos nossos ancestrais, o qual foi dedicado a Agírio, (foi) o único dos Hermes atenienses não mutilado, , a fim de que eu fizesse isso, como <u>falava</u> para eles o Eufileto. (Andoc. 1. 62).</p>	<p>[34] περὶ δὲ τῶν ἀναθημάτων τῆς περικοπῆς καὶ τῆς μὲνύσεως, ὥσπερ καὶ ὑπεσχόμην ὑμῖν, οὕτω καὶ ποιήσω· ἐξ ἀρχῆς γὰρ ὑμᾶς διδάξω ἅπαντα τὰ γεγενημένα. ἐπειδὴ Τεῦκρος <u>ἦλθε</u> Μεγαρόθεν, ἄδειαν εὐρόμενος, <u>μηνύει</u> περὶ τε τῶν μυστηρίων ἃ ἦδει καὶ ἐκ τῶν περικοψάντων τὰ ἀναθήματα, <u>ἀπογράφει</u> δυοῖν δέοντας εἴκοσιν ἄνδρας. ἐπειδὴ δὲ οὗτοι <u>ἀπεγράφησαν</u>, οἱ μὲν αὐτῶν φεύγοντες ᾄχοντο, οἱ δὲ συλληφθέντες <u>ἀπέθανον</u> κατὰ τὴν Τεῦκρου μῆνυσιν. καὶ μοι ἀνάγνωθι αὐτῶν τὰ ὀνόματα.</p> <p>E acerca da mutilação das estátuas e da informação, como também apresentei a vós, como desse modo farei: pois desde o início explicarei a vós todos os acontecimentos. Depois que Teucro <u>veio</u> de Mégara, tendo obtido anistia, <u>informa</u> acerca dos mistérios dos quais já sabia e das estátuas mutiladas, (e) <u>denuncia</u> dezoito homens. Depois que esses <u>foram denunciados</u>, uns estavam aflitos fugindo das acusações; outros, ao serem presos, <u>morreram</u>, conforme a informação de Teucro. Torne conhecidos os nomes deles a mim. (Andoc. 1. 34).</p>

Pode-se identificar que o aspecto imperfectivo (inacabado e durativo) do Presente é mantido nos dois casos, como também será observado adiante. As mudanças ocorrem nos momentos de referência. Na parte descritiva, o momento de referência é anterior ao da enunciação, *ie.*, momento do julgamento, e único, situado em um marco do passado, no relato de Eufileto a favor da participação de Andócides na mutilação dos Hermes. Já na parte narrativa, encontram-se momentos de referência sucessivos, o momento que Teucro veio de Mégara, o momento no qual prestou sua informação, o momento da denúncia e as consequências do momento após esse. Conclui-se a partir dessa análise que o Presente histórico pode manter seu aspecto imperfectivo e assumir a característica de descrição ou narração de acordo com o momento de referência que lhe corresponde.

De acordo com Koch, 2002, sobre os tempos segundo a perspectiva de Weinrich, no português, o pretérito perfeito simples acontece tanto no relato (narrativo) como no comentário (descritivo). Assim, quando o perfeito simples acontece em co-ocorrência com tempos do mundo comentado fora de um mesmo período, consideram-se tais empregos como momentos narrativos dentro do comentário e introduz-se um relato para servir de base a um comentário posterior ou faz-se um comentário e acrescenta-se um argumento ou uma exemplificação em forma de relato¹²⁷ e, nos casos em que o perfeito simples co-ocorre com tempos de comentários dentro de um mesmo período, trata-se de um tempo do mundo comentado¹²⁸. Há de se ter uma concordância entre os tempos verbais dentro de um mesmo período, mas quando, dentro de um mesmo período ocorre o emprego de uma forma pertencente a outro grupo, tem-se a metáfora temporal, ou seja, relata-se como se se comentasse.

Apesar de não se considerar o estudo de Koch, 2002, como base para a abordagem deste estudo sobre Andócides, já que o aspecto tem papel fundamental na interpretação do Presente histórico neste autor, ele é de certa forma pertinente. Ao levar em conta o fato de que o Presente histórico do grego é envolvido por tempos de narrativa como o Aoristo e o Imperfeito, a inserção de um Presente no mesmo período configura-se como uma metáfora temporal na qual um tempo essencialmente narrado é tomado por um comentário do autor sem se fazer perceptível em forma de narrativa.

O último tópico a ser abordado é a temporalização. Existem duas temporalizações, uma do enunciado e outra da enunciação. No texto de Andócides, a primeira corresponde àquela em que ocorreram os acontecimentos, no caso em questão, 415 a.C., e a segunda é o tempo em que o narrador conta os eventos, 400 a.C., momento do julgamento, lembrando ainda que o narrador pode fixar o tempo da enunciação no tempo cronológico que preferir (FIORIN, 1996).

O tempo da narração é sempre o presente, que é o momento em que se fala. Ele é posterior à história contada. Mesmo que o pretérito perfeito seja o tempo por excelência do narrado, o narrador pode criar uma narração em que haja concomitância entre o tempo da

¹²⁷ De acordo com o exemplo: ela não acordava cedo, não arrumava a casa e não fazia questão de cozinhar. Porém, nunca *ouviu* uma só queixa do marido, do tipo, você é uma péssima dona de casa; nota-se a sucessão de várias orações do tempo comentado, isto é, no imperfeito, que é interrompida por um verbo no pretérito perfeito, “ouviu”. O uso deste tempo, neste caso, foi introduzido como um relato para um comentário para ser base de um comentário no Presente do Indicativo.

¹²⁸ No exemplo: ele tinha muitos pesadelos, mas nunca *acreditou* em fantasmas; percebe-se o uso do pretérito perfeito como um comentário, como uma continuação de um período no mundo comentado.

narração e do narrado (FIORIN, 1996). Nos exemplos estudados anteriormente, viu-se que o orador cria uma falsa concomitância entre o tempo da narração e o tempo dos acontecimentos narrados com o uso do Presente histórico. Essa falsa correspondência entre os dois tempos é considerada uma forma de autoinserção do narrador, bem como de interação com os ouvintes.

Com base nessa falsa correspondência entre os tempos de narração e dos acontecimentos, conclui-se que, nos textos de Andócides, o Presente Histórico marca a anulação da distância entre enunciação e enunciado, o que constrói sentido de redramatização dos acontecimentos, como se o orador estivesse revivendo momentos anteriores durante o pronunciamento do discurso acerca deles.

5.5 O Presente histórico de Andócides

O único estudo que se tem sobre o Presente Histórico em Andócides é o de Rijksbaron, 2011. Em sua análise, o autor compara o uso do Presente histórico em Tucídides e em Andócides com referência aos escândalos de 415 a.C. Rijksbaron observa que ambos os autores utilizam o Presente histórico para verbos que denotam denúncia e que, ao optar pelo uso desse tempo verbal no lugar do Aoristo ou do Imperfeito, eles querem que seus leitores (no caso de Tucídides) ou ouvintes (no caso de Andócides) saibam que certas denúncias foram decisivas nos eventos que marcam o curso da Guerra do Peloponeso (Tucídides) ou o curso dos eventos durante o julgamento dos mistérios (Andócides). No artigo, Rijksbaron busca destacar semelhanças e diferenças entre os dois autores, quando relatam os acontecimentos de 415 a.C. e conclui que há uma correspondência entre os termos e as pessoas envolvidas no caso escolhido por ambos.

Em relação a Andócides, o linguista ainda conclui que ele utiliza o Presente histórico em uma denúncia que também foi mencionada no registro oficial do julgamento, como foi dito pelo próprio Andócides, no Aoristo. Ele considerou a denúncia, mas não na forma de seu registro. Isto mostra que a denúncia é verdadeira, mas significa que foi Andócides quem tornou essa denúncia decisiva.

No estudo mencionado, foram analisados apenas 11 casos de Presente histórico, pois o autor levou em conta apenas os casos que apareceram na parte do discurso *Sobre os Mistérios*

que cabe à profanação dos mistérios (1. 11-33) e à mutilação dos Hermes (1. 34-69). Rijksbaron destacou os seguintes verbos no Presente histórico:

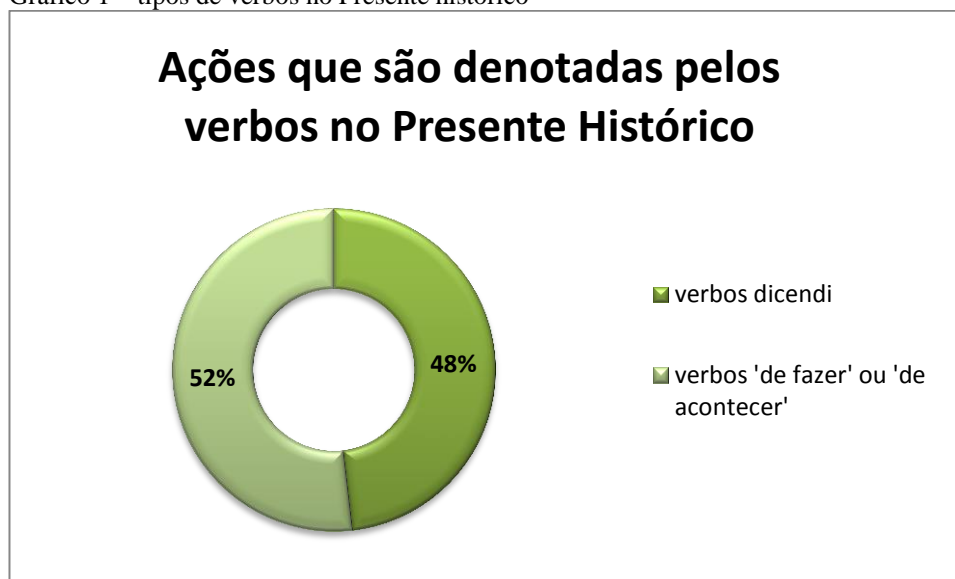
1.15 <i>ἐπαγγέλλεται</i> (notifica)	1.37 <i>εἰσαγγέλλει</i> (apresenta uma denuncia)
1.15 <i>ἀπογράφει</i> (denuncia)	1.43 <i>ἀπογράφει</i> (denuncia)
1.17 <i>ἀπογράφει</i> (denuncia)	1.48 <i>λέγει</i> (fala)
1.17 <i>παραδίδωσιν</i> (entrega)	1.62 <i>λέγει</i> (fala)
1.34 <i>μηνύει</i> (informa)	1.65 <i>καλοῦσι</i> (chamam)
1.34 <i>ἀπογράφει</i> (denuncia)	

O pesquisador chama a atenção para o verbo *μηνύει* (informa), um termo jurídico que aparece no texto de Andócides inúmeras vezes e é o mesmo utilizado por Tucídides em relação aos mesmos eventos. No Presente histórico, este verbo aparece apenas uma vez, como apontado acima, porém os outros verbos destacados por Rijksbaron, 2011, como *εἰσαγγέλλει*, *ἀπογράφει*, *ἐπαγγέλλεται* e *λέγει* são variações semânticas deste verbo.

O linguista chegou à conclusão de que Andócides utiliza o Presente histórico para destacar denúncias e participantes dos casos que são cruciais para seu julgamento, e que esse é um fenômeno estilístico e retórico do orador. Porém, é importante frisar que o estudioso analisou apenas 11 casos de Presente histórico em *Sobre os mistérios* quando, no total, encontram-se 25, e que a restrição de uso desse tempo a verbos de denúncia muda drasticamente ao longo da narrativa do discurso. Em vista disso, a pesquisa objeto desta dissertação buscou preencher a lacuna deixada no trabalho de Rijksbaron, por meio da análise de todos os casos de Presente histórico não apenas em um, mas em dois discursos de Andócides, *Sobre os mistérios* (25) e *Sobre seu retorno* (2), que juntos apresentam 27 ocorrências de Presente Histórico.

Nas onze primeiras ocorrências, há uma grande incidência de *verba dicendi* ligados aos informantes e testemunhas dos casos citados por Andócides. No entanto, essa figura se transforma nos próximos casos, nos quais o Presente histórico se refere a inimigos pessoais do orador e até a ele mesmo, ganhando um enorme espaço os verbos “de fazer” ou “de acontecer”. O gráfico seguinte demonstra a porcentagem dos diferentes tipos de ações caracterizadas pelos verbos no Presente histórico:

Grafico 1 – tipos de verbos no Presente histórico



Este gráfico corrobora com a hipótese de Sicking & Storck, 1997, apresentada anteriormente, de que “não existem verbos ou categorias específicas típicos do Presente histórico” e sim do gênero textual em questão. Em *Sobre os mistérios*, um discurso pertencente ao gênero judicial, é de se esperar que grande parte dos verbos estejam relacionados ao contexto judicial, como ocorre com os *verba dicendi*, apontados por Rijksbaron, 2011, como típicos do contexto judicial.

Os verbos do Presente histórico estão, então, divididos em verbos intimamente ligados ao contexto imediato e à enunciação, os *dicendi*, e verbos em sua maioria de processos, o que contribui para a hipótese do Presente histórico com característica de imperfectivo, o aspecto utilizado para representar os vários estágios da ação.

Os verbos dicendi possuem duas funções: 1) indicar o ato de enunciar, por isso contém o significado de “dizer” e 2) dar informações sobre o ato de dizer. Assim, esses verbos podem ser os do “dizer” – como λέγει –, que são neutros, ou os que qualificam o dizer – como εισαγγέλλει, απογράφει, επαγγέλλεται, μηνύει e καλοῦσι – que são verbos de ação que apresentam a qualidade de *dictum* implícita de forma modalizada, podendo ser parafraseados por “dizer” (FIORIN, 1996).

De acordo com Fiorin, 1996, “o discurso reportado deve ser marcado para que o enunciatário perceba a distinção entre o discurso citante e citado. As marcas são diferentes no texto oral ou escrito. A marca mais importante, sem dúvida, é o verbo introdutor, em geral

um verbum *dicendi*.” No caso do discurso indireto, há apenas um meio de se introduzir o discurso citado, tanto no meio oral como no escrito, que é por meio do verbo *dicendi*. E este pode vir anteposto, posposto ou entre uma e outra oração em relação à fala do interlocutor. Em *Sobre os mistérios*, Andócides utiliza o verbo *dicendi* no Presente para introduzir o discurso direto duas vezes. Seguem os exemplos:

[48] ἐπειδὴ δὲ ἐδεδέμεθα πάντες ἐν τῷ αὐτῷ καὶ νύξ τε ἦν καὶ τὸ δεσμοτήριον συνεκέκλητο, ἤκον δὲ τῷ μὲν μήτηρ τῷ δὲ ἀδελφὴ τῷ δὲ γυνὴ καὶ παῖδες, ἦν δὲ βοή καὶ οἶκτος κλαόντων καὶ ὄδυρομένων τὰ παρόντα κακά, λέγει πρὸς με Χαρμίδης, ὦν μὲν ἀνεψιός, ἡλικιώτης δὲ καὶ συνεκτραφεὶς ἐν τῇ οἰκίᾳ τῇ ἡμετέρᾳ ἐκ παιδός.[49] ὅτι “Ἀνδοκίδη, τῶν μὲν παρόντων κακῶν ὁ-ρᾶς τὸ μέγεθος, [...]”.

E depois todos fomos presos com ele e já era noite e a prisão fechou, vinham a mãe, a irmã, a mulher e as crianças, e havia grito e lamentação dos que choravam e lamentavam nas más circunstâncias, me diz Cármides, sendo primo, da mesma idade e tendo sido educado na nossa casa desde criança, [...] (Andoc. 1. 48).

Observa-se uma descrição composta por verbos no imperfeito e no mais-que-perfeito quando, subitamente, ocorre uma interrupção por um verbo no Presente. O Presente histórico foi utilizado para introduzir um discurso direto – a súplica de Cármides a Andócides para que conte quem foram os verdadeiros responsáveis pelo atentado de 415 a.C. – que está no Presente. Provavelmente, o Presente foi utilizado para enfatizar o discurso direto que segue.

[115] ἐπειδὴ δ' ἔλεγε τῇ βουλῇ Εὐκλῆς ὅτι οὐδεὶς ὑπακούοι, πάλιν ὁ Καλλίας ἀναστὰς ἔλεγεν ὅτι εἴη νόμος πάτριος, εἴ τις ἰκετηρίαν θεῖν ἐν τῷ Ἐλευσίνιῳ, ἄκριτον ἀποθανεῖν, καὶ ὁ πατήρ ποτ' αὐτοῦ Ἰππόνικος ἐζηγήσατο ταῦτα Ἀθηναίους, ἀκούσειε δὲ ὅτι ἐγὼ θεῖην τὴν ἰκετηρίαν. ἐντεῦθεν ἀναπηδᾷ Κέφαλος οὕτως καὶ λέγει:[...]

Depois que o Euclídes começou a falar para o conselho que ninguém respondeu, por sua vez/de novo, o Cálias levantou e disse que havia uma lei ancestral: se alguém depositasse um ramo de oliveira no Eleusínio, sem julgamento (deveria) morrer; e que o pai dele, Hipônico, uma vez interpretou essa(s) lei(s) para os Atenenses, e que ele [Cálias] ouviu que eu depositara o ramo de oliveira. Daí, o Céfalos este aqui se levanta e diz: [...] (Andoc. 1. 115).

Nessa passagem, Andócides parece utilizar o Presente por conta da presença do jurado no julgamento. Há uma forma de interação com a audiência com o uso do Presente histórico. Em uma narrativa repleta de fatos sucessivos no passado representado pelo tempo Aoristo, há a inserção do Presente como um comentário. Além disso, a fala de Cármides que segue, também está no Presente, o que mostra que esse poderia ser um caso em que o Presente histórico marca a continuidade do passado até o momento presente.

Até então, pode-se perceber que o Presente histórico foi utilizado somente na terceira pessoa do singular ou plural. Segundo os estudiosos do Presente histórico, este não pode ocorrer na segunda pessoa. Por um lado, tal fato ocorre por conta da interação orador/escritor imediata ou direta com seu público, não sendo necessárias estratégias que facilitassem essa interação. Por outro lado, pode-se pensar no PH como um comentário a quem a narrativa está sendo dirigida¹²⁹.

Além das questões abordadas anteriormente, nota-se que, ainda que pequena, há uma porcentagem de verbos nos quais o aspecto durativo típico do Presente permanece. Na tabela a seguir, encontra-se a lista de todos os verbos encontrados no Presente histórico em *Sobre os mistérios* e *Sobre seu retorno*, bem como sua morfologia, localização e classificação quanto ao aspecto:

Tabela 8 – características morfológicas e aspectuais dos verbos no Presente histórico em Andócides.

Referência	Verbo	Tradução	Morfologia verbal (pessoa, n ^o , tempo, modo e voz)	Aspecto (no contexto)
1.115	ἀναπηδᾷ	Levanta-se	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.130	ἀνατρέπει	Põe	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Atélico
1.15, 34, 43	ἀπογράφει	Denuncia	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Atélico
1.17	ἀπογράφει	Denuncia	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.37	εἰσαγγέλλει	Apresenta uma denúncia	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Atélico
1.127	εἰσάγει	Apresenta	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.21	ἐνδείκνυσι	Acusa/infor-ma contra	3 ^a pl. pres. Ind. Ativa	Télico
1.15	ἐπαγγέλλεται	Notifica	3 ^a sg. Pres. Ind. Média	Télico
1.121	καθίστησιν	Conduz	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.65	καλοῦσι	Chamam/Convocam	3 ^a pl. pres. Ind. Ativa	Télico
1.112	κεῖται	Reside	3 ^a sg. Pres. Ind. Média	Télico
1.127	κομίζεται	Leva	3 ^a sg. Pres. Ind. Média	Télico
1.121	λαγχάνει	Obtém	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
2.15	λαμβάνομαι	Pego	1 ^a sg. Pres. Ind. Média	
1.43, 48, 62,	λέγει	Diz	3 ^a sg. Pres. Ind. Ativa	Télico

¹²⁹ Os únicos casos de Presente histórico em primeira pessoa encontram-se em 2. 15. Ver anexos.

112, 115				
1.34	μηνύει	Informa	3ª sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.17	παραδίδωσιν	Entrega	3ª sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.71	ποιεῖται	Faz/realiza	3ª sg. Pres. Ind. Média	Télico
2.15	προσπηδῶ	Salto	1ª sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.121	τίθησι	Deposita	3ª sg. Pres. Ind. Ativa	Télico
1.130	τρέφει	Hospeda	3ª sg. Pres. Ind. Ativa	Atélico

A análise da tabela do Presente histórico de Andócides mostra que, em alguns casos, há uma retomada de aspecto durativo e atélico do Presente, uma vez que o uso do Presente histórico caracteriza uma ação passada que ainda perdura até o momento presente do julgamento, como foi o caso da passagem analisada anteriormente. A telicidade dos verbos também varia de acordo com o contexto, isto é, os verbos podem variar aspectualmente dependendo do tempo no qual está seu contexto, mantendo-se pontuais em contextos de Aoristo e durativos em contextos de Imperfeito. O último caso pode ser justificado por meio do uso do verbo *ἀπογράφω* nos dois contextos mencionados:

Quadro 4 – Aspecto pontual e durativo do verbo *ἀπογράφω*

Pontual/aoristo	Durativo/imperfeito
<p>1.17 ἔτι μήνυσις ἐγένετο μία. Λυδὸς ὁ Φερεκλέος τοῦ Θημακέως ἐμήνυσε μυστήρια γίνεσθαι ἐν τῇ οἰκίᾳ Φερεκλέους τοῦ δεσπότου τοῦ ἑαυτοῦ, ἐν Θημακῶ· καὶ ἀπογράφει τοὺς τε ἄλλους, καὶ τὸν πατέρα ἔφη τὸν ἐμὸν παρεῖναι μὲν, καθεύδειν δὲ ἐγκεκαλυμμένον.[...]</p> <p>Todavia, havia uma informação. Lido, do Férecles de Témacos, informou acontecerem os mistérios na casa de Férecles, seu dono, em Témacos; e tanto denuncia os outros, como disse estar presente o meu pai, enquanto (Lido) se recolhia para dormir.</p>	<p>1.15 [...] ψηφισαμένης δὲ τῆς βουλῆς (ἦν γὰρ αὐτοκράτωρ) ὄχοντο ἐπ’ αὐτὸν Μέγαράδε· καὶ κοιμισθεῖς, ἄδειαν εὐρόμενος, ἀπογράφει τοὺς μεθ’ ἑαυτοῦ. καὶ οὗτοι κατὰ τὴν Τεύκρου μήνυσιν ὄχοντο φεύγοντες. καὶ μοι λαβὲ καὶ ἀνάγνωθι τὰ ὀνόματα αὐτῶν.</p> <p>Tendo votado o conselho (pois era autócrata), eles começaram a partir atrás dele em Mégara: e Teucro, sendo trazido de volta e tendo ganhado imunidade, denuncia os que participaram junto com ele. E eles partiam fugindo por causa da informação de Teucro. Pegue e torne conhecidos os nomes deles para mim.</p>

Há, no primeiro caso, a ocorrência do verbo *ἀπογράφω* em meio a um período no tempo Aoristo, no qual esse verbo assume a característica de seu contexto e tem valor aspectual pontual. No segundo exemplo, o aspecto durativo do verbo pode ser identificado em meio do contexto de imperfeito, no qual o orador traz à tona o tópico da denúncia de Teucro e, por isso, o presente narrativo coincide com o momento enunciativo, implicando

certa durabilidade. Esta é ainda mais aparente ao se considerar a lista dos nomes denunciados, que procede esse trecho.

George, 2011, ao analisar Presente histórico em Tucídides, defende a hipótese da incompatibilidade desse com a duratividade. Para ele, o Presente histórico tem característica télica e, por isso, aproxima-se mais da função do Aoristo (geralmente télico) do que do Imperfeito (geralmente atélico). Sua pesquisa consiste em analisar expressões temporais em Tucídides, como *τοῦ αὐτοῦ/ἐπιγινόμενου θέρουσ/χειμῶνος*, e constatar com quais tempos verbais elas ocorrem mais frequentemente.

Ao constatar que essas expressões ocorrem, em sua maioria, no tempo Aoristo, George, 2011, conclui que o Presente histórico não relata os eventos de uma forma vívida e continuada como faz um imperfectivo, mas sim o contrário, esse tempo é ainda mais pontual e télico do que o Aoristo. Além disso, Tucídides não utiliza o Presente histórico com o acusativo de tempo, o que sugere sua incompatibilidade com a duratividade.

Andócides raramente utiliza expressões de tempo como o acusativo de tempo¹³⁰, genitivo de tempo¹³¹ e dativo de tempo¹³² nos dois discursos que possam denotar duratividade. O genitivo de tempo determina o tempo limite no qual o evento deve ocorrer. Já os dativos de tempo e acusativos de tempo, indicam uma unidade particular de tempo em algum ponto em que ocorreram os eventos passados.

Há apenas uma expressão de dativo de tempo em meio ao Presente histórico que segue:

[121] γνοὺς ταῦτα Καλλίας λαγχάνει τῷ νείῳ τῷ ἑαυτοῦ τῆς ἐπικλήρου, τῆ δεκάτῃ ἰσταμένου, ἵνα μὴ ἐπιδικάσωμαι ἐγώ. **ταῖς δ' εἰκάσι**, μυστηρίοις τούτοις, δοὺς Κηφισίῳ χιλίας δραχμὰς ἐνδείκνυσί με καὶ εἰς τὸν ἀγῶνα τοῦτον καθίστησιν. ἐπειδὴ δ' ἑώρα με ὑπομένοντα, τίθησι τὴν ἰκετηρίαν, ὡς ἐμὲ μὲν ἀποκτενῶν ἄκριτον ἢ ἐξελῶν, αὐτὸς δὲ πείσας Λέαγρον χρήμασι συνοικήσων τῇ Ἐπιλύκου θυγατρὶ.

Cálias, tendo sabido dessas coisas, obtéu por meio de processo a herdeira para seu próprio filho, no décimo dia do mês, a fim de que eu não sustente a causa. **No vigésimo (dia)**, durante esses mistérios, (ele) tendo dado a Cefísio mil dracmas, me acusa e (me) conduz para este julgamento. Depois que (o Cálias) me via resistindo, deposita o ramo de oliveira, para que, de um lado,

¹³⁰ 1. 124, 133.

¹³¹ 1. 6.

¹³² 1. 39, 41, 63, 111. 121.

eu morra sem julgamento ou seja banido, e, de outro, ele, tendo subornado Leagros com dinheiro, se case com a filha de Epífilco. (Andoc. 1. 121).

Percebe-se do exemplo anterior que a consequência do ato de Cálias – de ter dado dinheiro a Cefísio no vigésimo dia dos mistérios – ainda repercutia no momento da enunciação, já que Andócides fora acusado e levado a júri. Observa-se que o momento de referência desse acontecimento é anterior ao momento da enunciação e da próxima ação de Cálias de tentar uma emboscada contra Andócides, porém a acusação ainda está em questão, por isso ele se utiliza do Presente para retratar a continuidade do efeito daquela ação.

Como foi apontado anteriormente, o Presente histórico pode assumir características tanto de narração como de descrição, dependendo de sua posição e relevância no contexto. Portanto, discorda-se aqui do ponto de vista de George, 2001, acerca da propensão do Presente histórico confinado à pontualidade e telicidade. Há casos em que Andócides pode optar pelo uso desse tempo para se referir a uma situação durativa. Segue um exemplo desse uso:

[130] ἀλλὰ γάρ, ὧ ἄνδρες, βραχύ τι ὑμᾶς ἀναμνήσαι περὶ Καλλίου βούλομαι. εἰ γὰρ μέμνησθε, ὅτε ἡ πόλις ἦρχε τῶν Ἑλλήνων καὶ εὐδαιμόνει μάλιστα, Ἰππώνικος δὲ ἦν πλουσιώτατος τῶν Ἑλλήνων, τότε μέντοι πάντες ἴστε ὅτι παρὰ τοῖς παιδαρίοις τοῖς μικροτάτοις καὶ τοῖς γυναιίοις κληδὸν ἐν ἀπάσῃ τῇ πόλει κατεῖχεν, ὅτι Ἰππώνικος ἐν τῇ οἰκίᾳ ἀλιτήριον **τρέφει**, ὃς αὐτοῦ τὴν τράπεζαν **ἀνατρέπει**.

Porém, ó homens, quero brevemente a vós lembrar algo sobre Cálias. Pois se vos lembreis, quando a cidade liderava os Helenos e era a mais próspera, Hipônico era o mais rico dos helenos; nesse momento de fato todos (vós) já sabeis que junto às criancinhas, as menores, e ao mulheril um rumor prevalecia em toda a cidade, de que Hipônico **hospeda** na casa uma pessoa pernicioso para a cidade, que **põe** de cabeça para baixo a mesa dele. (Andoc. 1. 130).

Neste trecho, pode-se perceber que, provavelmente, no momento do julgamento, Hipônico ainda hospedava “a pessoa pernicioso”, por isso, o uso de um aspecto durativo como o de Presente para demonstrar que a ação começou no passado e ainda repercute no momento presente. Este efeito do Presente histórico pode ser observado também em 1. 15,

34, 37, 43 e 130¹³³. Há também a possibilidade de Hipônico ter tido essa pessoa em sua própria casa durante um tempo indeterminado no passado, o que evidencia o aspecto imperfeito e indica que a ação pode ou não ainda acontecer no presente.

Esse dado contraria as hipóteses de Rijksbaron, 2011, e Sicking & Storck, 1997, apresentadas anteriormente. O Presente histórico se encontra em meio às orações no Imperfeito, evidenciando o efeito descritivo dessa passagem da narrativa, portanto, há uma retomada de aspecto durativo – de uma ação que começou no passado e ainda ecoa no momento da enunciação – e imperfeito – ressaltando uma indeterminação da ação no transcorrer do tempo. Percebe-se que o PH se comporta como o item 6 nas constatações de Sicking & Storck, 1997, do presente capítulo, no qual é possível notar que a terminação primária, que se refere ao ‘aqui e agora’, à preocupação imediata do falante, por isso o orador optou por utilizar o referido tempo em contextos particulares.

Além disso, foi possível demonstrar por meio de exemplos anteriores que, os verbos envolvidos nas orações de Presente histórico são por vezes percebidos como processos, por isso há a possibilidade de se utilizar o Presente histórico para descrever tais ações.

Possivelmente, isto ocorre porque, nos textos de Andócides, o Presente histórico está inserido em períodos construídos com o tempo Imperfeito quase que na mesma proporção que em períodos construídos com o Aoristo. Segue a porcentagem expressa no Gráfico 2:

Gráfico 2 – tempo dos períodos que acompanham o Presente Histórico



¹³³ Ver em Anexo 3 exemplos 1, 3, 4, 5 e 14.

Enfim, o uso do Presente histórico por Andócides evoca uma experiência de passado que transforma a percepção do presente como se o orador revivesse os fatos narrados e trouxesse a audiência para o momento em que ocorreram esses fatos. Essa estratégia retórica não entra totalmente em conformidade com aquelas apontadas no estudo de outros autores de prosa do período clássico na Grécia, mostrando que o uso desse tempo pode ser mais livre do que é apontado pelos estudos gramaticais da língua grega antiga.

Essa estratégia retórica oral ainda hoje é utilizada e se encontra muito próxima da língua falada. Segue um exemplo do Presente histórico no português contemporâneo:

Paloma:

“[...] Eu passei 12 anos da minha vida, passei 12 anos da minha vida com esperanças de encontrar a minha filha que desapareceu na noite do parto. Na noite do parto, depois eu nunca mais tive notícia nenhuma dela... aí eu **conheço** você, **conheço** a Paulinha e **passo a gostar** dessa menina, **passo a amar** a Paulinha independente se ela é minha filha ou não. [...] e aí de repente, eu **descubro** que essa menina que eu já gostava tanto, essa menina que eu aprendi a amar com tanta força e que eu ‘tava pronta para doar parte do meu fígado pra ela, eu **descubro** que essa é a minha filha desaparecida, é a minha filha que eu procurei durante anos. Eu fiquei tão maravilhada com essa possibilidade, eu fiquei tão encantada com isso, eu fiquei tão feliz [...]”. (Dado retirado de: <<http://tv.globo.com/novelas/amor-a-vida/capitulo/2013/8/12/bruno-conta-para-paloma-que-encontrou-paulinha-em-uma-cacamba.html>>. Acesso em 14/11/2013.

O exemplo anterior mostra o uso do Presente histórico no português tal como ocorrem em Andócides. O *script* de uma novela, como é o caso, é um texto escrito para ser interpretado de forma a ter um maior contato com a audiência. Percebe-se que, subitamente, em uma narrativa contada no passado, há várias interrupções pelo Presente como um modo de enfatizar algumas ações de suma importância para a narração. Nota-se que a análise desse tipo de Presente histórico no português ainda não é devidamente considerada nos estudos da categoria verbal ou despertou o interesse de pesquisadores pelo seu uso particular.

CONCLUSÃO

Em uma cultura de bases orais, como a da Grécia clássica, supõe-se que a fala determine os padrões da escrita, de modo que não haja a completa supressão da fala no meio escrito como ocorre nos parâmetros determinados pelas gramáticas contemporâneas. A separação normativa que agora vigora nas leis da escrita é um fator determinante para suprimir diversas marcas de oralidade que antes apareciam de maneira mais livre, principalmente nos textos feitos para serem proclamados.

O Presente histórico aparece nesse contexto como um forte traço de oralidade na prosa grega do século IV e V a.C. ao se levar em conta que, nesta época, o uso dos tempos verbais era vinculado apenas à ideia de tempo cronológico e não se levava em conta os tempos verbais dentro da enunciação. A não categorização dessa categoria de tempo até o período imperial é um indício de que esta seja realmente uma forma típica da fala empregada de maneira mais livre do que aquela demonstrada nas gramáticas e métodos de estudo da língua grega antiga.

Contrariamente à opinião de alguns estudiosos, esta pesquisa mostrou que há casos em que o Presente histórico pode manter sua característica aspectual de Presente, isto é, com um valor durativo típico do Presente, o que ressalta ainda mais a importância de se descentralizar o uso deste tempo em apenas alguns autores antigos e de se modificar as regras rígidas nas quais se tem tentado colocar o Presente histórico.

Foi confirmado que o uso do Presente histórico vai além de seu nome e muito pouco tem a ver com eventos históricos, mas permanece o seu uso como uma estratégia retórica para marcar fatos decisivos para o narrador e para o propósito de sua narrativa.

Em Andócides, foi constatado que o emprego do Presente histórico tanto no discurso *Sobre os mistérios* quanto no discurso *Sobre seu retorno*, marca ações que, de alguma forma, ainda ecoam no momento do julgamento, como é o caso do primeiro, ou são decisivas e ligadas aos escândalos nos quais o orador se envolveu. Andócides utiliza esse tempo como uma forma de se transpor para o passado ao reviver os momentos designados pelos verbos e, também, de certa maneira, inserir sua opinião em forma de comentário na narrativa sem se fazer perceptível.

A não inclusão do Presente histórico como um uso do Presente persistiu até nas línguas modernas, como mostra o exemplo retirado da novela ao final do capítulo anterior. Ainda hoje, a grande maioria das gramáticas do português oferece explicações superficiais do que significa o Presente histórico, bem como de seu uso. No Brasil, vê-se a utilização do Presente histórico confinado a determinados gêneros e limitado ao seu emprego quase erudito na escrita para representar fatos históricos ou com o intuito de trazer vivacidade à narrativa. Porém, o modo de utilização livre e vívido do Presente histórico na fala, assim como ocorria no período clássico na Grécia, continua ignorado nas gramáticas de uso do português falado e seu estudo continua restrito à escrita. O Presente histórico é uma das mais expressivas marcas de oralidade de uma língua que perdura desde o início da escrita e persiste mesmo com o advento da normatização, talvez por este motivo seja tão difícil incluí-lo em uma categoria verbal como as demais.

REFERÊNCIAS

ALCIDAMAS. **The Works & Fragments**. London: Bristol Classical Press, 2001. Edited with Introduction. Translation and Comment by J. V. MUIR.

ARISTÓTELES. **Poética**: Tradução, prefácio, introdução comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

ARISTOTLE, **The categories, On Interpretation, Prior Analytics**. Translated by H. P. Cooke and H. Tredennick, Cambridge-London, Harvard University Press, 1938,

ARISTOTLE. **The Physics**. 4. ed. London: The Loeb Classical Library, 1970. v. 1. With an English Translation by Philio H. Wicksteed and Francis M. Cornford.

ARISTOTLE; KENNEDY, George A. **On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse**. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2007. 337 p.

BAKKER, Egbert. **Storytelling in the Future: Truth, Time, and Tense in Homeric epic**. In: BAKKER, Egbert; KAHANE, Ahuvia. **Written Voices, Spoken Signs: Tradition, Performance, and the Epic Text**. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1997. Chap. 1, p. 11-36.

BARATIN, Marc. **Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação**. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000,

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Volume 2. São Paulo: Pontes, 1989.

BLANK, David; ATHERTON, Catherine. **Contribuição estoica à gramática tradicional**. In: INWOOD, Brad (Org.). **Os estoicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. p. 343-362. Tradução Raul Fiker.

BRAGA, M. L. **O discurso oral e as orações de tempo**. Alfa, São Paulo, 41: 39-53, 1997.

CASSIN, Barbara. **O efeito sofístico**. São Paulo: Editora 34, 2005. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro.

CASSON, Lionel. *Libraries in the Ancient World*. New Haven And London: Yale University Press, 2001.

CHAFE, Wallace L. **Discourse, Consciousness, and Time: The Flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing**. University of Chicago Press, 1994.

CHAPANSKI, Gisele. **Uma tradução da Techné Grammatiké, de Dionísio o Trácio, para o português**. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, 2003.

COLE, Thomas. Techné ad Text. In: **The Origins of Rhetoric in Ancient Greece**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991. Chap 5, p. 71-94.

COMRIE, Bernard. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems**. Cambridge University Press, 1976, 156 p.

CORÔA, Maria L. M. S.. **Tempo e temporalidade na língua**. 1998. 269 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, São Paulo, 1998.

DÍSCOLO, Apolonio. **Sintaxis: Introducción, traducción y notas por Vicente Bécares Botas**. España: Editorial Gredos, 1987.

EDWARDS, M.J. **Greek Orators IV Andocides**. Warminster: Aris and Phillips, 1995.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

GAGARIN, Michael. **Antiphon & Andocides: Translated by Michael Gargarin and Douglas M. Macdowell**. Austin: University of Texas Press, 1998.

GAGARIN, M. **The orality of Greek oratory**. In Signs of orality: The oral tradition and its influence in the Greek and Roman world. Leiden, Boston, Koln: Brill, 1999.

GENTILI, B; CERRI, G. Written and Oral Communication in Greek: Historiographical thought. In: HAVELOCK, E. A; HERSHBELL, Jackson P. **Communication Arts in the Ancient World**. New York: Hastings House, 1978. p. 137-155.

GENTILI, Bruno. **Poetry and Its Public in Ancient Greece: From Homer to the Fifth Century**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1988. Translated, with an introduction, by A. Thomas Cole.

GEORGE, Coulter H. **The temporal Characteristics of Historic Present in Thucydides.** In: Lallot, J., Rijksbaron, A., Jacquinod, B. and Buijs Eds, M. *The Historical Present in Thucydides: Semantics and Narrative Function* (Amsterdam Studies in Classical Philology 18). Leiden and Boston: Brill, 2011.

GOODWIN, William W. **Syntax of the Moods and Tenses of the Greek Verb.** Boston: Ginn and Heath, 1879.

HALICARNASSUS, Dionysius of. **Critical Essays.** Volume I. Loeb Classical Library, 1974
Translated by Stephen Usher.

HALLIDAY, M.A.K. **Spoken and Written language.** Oxford University Press, 1989.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais.** São Paulo: Paz e Terra S. A., 1994. 370 p.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português.** 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ILDEFONSE, Frédérique. **Os estoicos I.** São Paulo: Estação Liberdade, 2007. 200 p.
Tradução Mauro Pinheiro.

IMBER, Margaret. **Practised Speech: Conventions in Roman Declamation.** In: WATSON, Janet. *Speaking volumes: Orality and Literacy in the Greek and Roman World.* Leiden, Boston, Koln: Brill, 2001. Cap. 10, p. 199-212.

INNES, Doreen C. **Aristotle: The written and the Performative Styles.** In: MIRHADY, David C. **Influences on Peripatetic Rhetoric: Essays in Honor of William W. Fortenbaugh.** Leiden, The Netherlands: Brill, 2007. Chap. 8, p. 151-168.

JONES, Peter V. (Org.). **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. 389 p.

KENNEDY, George A. **The Oratory of Andocides.** *The American Journal of Philology*, Vol. 79, No. 1 (1958), pp. 32-43.

KINGSBURY, S. S. **A rhetorical study of the style of Andocides.** Murphy Co., 1899.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KURY, Mário da Gama. **Diôgenes Laértios**: vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LALLOT, J., RIJKSBARON, A., JACQUINOD, B. and Buijs Eds, M. **The Historical Present in Thucydides**: Semantics and Narrative Function (Amsterdam Studies in Classical Philology 18). Leiden and Boston: Brill, 2011.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford. Clarendon Press. 1940.

MACDOWELL, D. M. Andokides. **On the Mysteries**. Clarendon Press, 1989.

MAIDMENT, K. J. **Minor Attic Orators I**: Antiphon, Andocides. Harvard University Press, 1960.

MIRKO CANEVARO; EDWARD M. Harris (2012). **The Documents in Andocides' *On the Mysteries***. *The Classical Quarterly*, 62, pp. 98-129.

MISSIOU, Anna. **The Subversive Oratory of Andokides**: politics. Ideology and decision-making in democratic Athens. Cambridge University Press, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Vertente grega da gramática tradicional**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987. 252 p.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

OESTERREICHER Wulf. **Types of orality in Text**. In: BAKKER, Egbert; KAHANE, Ahuvia. *Written Voices, Spoken Signs: Tradition, Performance, and the Epic Text*. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1997. Chap. 8, p. 190-214.

PLATÃO. **Crátilo e Teeteto**. [Tradução Carlos Alberto Nunes] Belém: EDUFPA, 1973.

PLATÃO. **Fedro**. 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000. Tradução e notas de Pinharandas Gomes.

PLATÃO. **Protágoras**: Tradução, introdução e notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1999.

PLATÃO. **O Sofista**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/sofista.html>>. Acesso em: 24 nov. 2013

PLUTARCO. **Vidas paralelas: Alcibíades e Coriolano**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. Tradução do grego, introdução e notas: Maria do céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues.

RIKSBARON, Albert. **The syntax and semantics of the verb in classical Greek: an introduction**. 3. ed. Amsterdam: J.c. Gieben, 2002.

ROCHA, Sandra Lúcia Rodrigues da. **Tucídides 1.22: KTHMA a ser ouvido**. In: ORGANON. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: literatura grega. Porto Alegre: UFRGS, v. 24, n. 49, 2010. Semestral.

ROCHA, Sandra Lúcia Rodrigues da. **Logos, Writing and Persuasion in Thucydides' History**. 2008. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de Philosophy, Departamento de Department Of History, Royal Holloway, University Of London, London, 2008.

ROSS, William David. **Aristotle's physics**. Oxford: Clarendon, 1955. 750 p.

SICKING, C. M. J. and P. STORK (1997) "The grammar of the so-called historical present in Ancient Greek," in **Grammar as Interpretation: Greek Literature in its Linguistic Contexts**, ed. E. J. Bakker. Leiden: 131–68.

SMYTH, H. W. **Greek Grammar for Colleges**. American Book Company, 1920.

TANNEN, Deborah. **Oral and Literate Strategies in Spoken and Written Discourse**. In: Literacy for life: The demand for reading and writing. Nova York, The Modern Language Association, 1983.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2005. 274 p.

THUCYDIDES. **History of the Peloponesian War**. Great Britain: Everyman, 1993. Translated by Richard Crawley.

TRABATTONI, Franco. **Oralidade e escrita em Platão**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

TREVETT, J.C. (1996). **Aristotle's knowledge of Athenian oratory**. *The Classical Quarterly*. 46.2, p371.

WEST, Martin Litchfield. **Greek Metre**. Oxford: Clarendon Press, 1982.

APÊNDICE A – CASOS DE PRESENTE HISTÓRICO EM ANDÓCIDES

Abaixo segue a lista de todos os casos de Presente Histórico, encontrados nos discursos *Sobre os mistérios* e *Sobre seu Retorno*, e suas respectivas traduções e comentários:

1. [15] Δευτέρα τοίνυν μήνυσις ἐγένετο. Τεῦκρος ἦν ἐνθαδε μέτοικος, ὃς ᾔχετο Μέγαράδε ὑπεξελθὼν, ἐκεῖθεν δὲ ἐπαγγέλλεται τῇ βουλῇ, εἴ οἱ ἄδειαν δοῖεν, μηνύσειν περὶ τῶν μυστηρίων, συνεργὸς ὢν, καὶ τοὺς ἄλλους τοὺς ποιοῦντας μεθ' ἑαυτοῦ, καὶ περὶ τῶν Ἑρμῶν τῆς περικοπῆς ἃ ἦδει. ψηφισαμένης δὲ τῆς βουλῆς (ἦν γὰρ αὐτοκράτωρ) ᾔχοντο ἐπ' αὐτὸν Μέγαράδε· καὶ κομισθεῖς, ἄδειαν εὐρόμενος, ἀπογράφει τοὺς μεθ' ἑαυτοῦ. καὶ οὗτοι κατὰ τὴν Τεῦκρου μήνυσιν ᾔχοντο φεύγοντες. καὶ μοι λαβὲ καὶ ἀνάγνωθι τὰ ὀνόματα αὐτῶν.

Agora, uma segunda informação veio à tona. Aqui havia um meteco chamado Teucro, que ia para Mégara em segredo; e de lá, notifica o conselho de que, se eles lhe dessem imunidade, por ser ajudante, informaria o que sabia acerca dos mistérios, e dos outros que participam junto com ele, e acerca da mutilação dos Hermes. Tendo votado o conselho (pois era autócrata), eles começaram a partir atrás dele em Mégara; e Teucro, sendo trazido de volta e tendo ganhado imunidade, denuncia os que participaram junto com ele. E eles partiam fugindo por causa da informação de Teucro. Pegue e torne conhecidos os nomes deles para mim (Andoc. 1. 15).

Neste capítulo, Andócides inicia o tópico da denúncia de Teucro sobre a profanação dos mistérios de Elêusis. Há o uso do verbo ‘ἐπαγγέλλεται’ (notifica) com uma noção pontual típica do passado perfectivo. Porém o verbo ‘ἀπογράφει’ (denuncia) implica certa duração ao se levar em conta que Andócides está comentando justamente a denúncia de Teucro que ainda surte efeito na hora do julgamento. O aspecto durativo se destaca ainda mais ao se considerar que após esse trecho, segue uma lista com os nomes denunciados por Teucro. Além disso, o orador utiliza a partícula ‘τοίνυν’ (agora) para criar uma aproximação entre o momento dos acontecimentos e o momento da enunciação.

2. [17] ἔτι μήνυσις ἐγένετο μία. Λυδὸς ὁ Φερεκλέος τοῦ Θημακέως ἐμήνυσε μυστήρια γίνεσθαι ἐν τῇ οἰκίᾳ Φερεκλέους τοῦ δεσπότη τοῦ ἑαυτοῦ, ἐν Θημακῶ· καὶ ἀπογράφει τοὺς τε ἄλλους, καὶ τὸν πατέρα ἔφη τὸν ἐμὸν παρεῖναι μὲν, καθεύδειν δὲ ἐγκεκαλυμμένον. Σπεύσιππος δὲ βουλευῶν παραδίδωσιν αὐτοὺς τῶ δικαστηρίῳ. κάπειτα ὁ πατήρ καταστήσας ἐγγυητὰς ἐγράψατο τὸν Σπεύσιππον παρανόμων, καὶ ἠγωνίσατο ἐν ἑξακισχιλίῳις Ἀθηναίων, καὶ μετέλαβε δικαστῶν τοσούτων οὐδὲ διακοσίας ψήφους ὁ Σπεύσιππος.

Atualmente, havia uma informação. Lido, do Féecles de Témacos, informou acontecerem

os mistérios na casa de Férecles, seu dono, em Témacos; e tanto **denuncia** os outros, como disse estar presente o meu pai, enquanto (Lido) se recolhia para dormir. Espeusipo, sendo do conselho, **entrega**-os ao tribunal. E depois, o (meu) pai, tendo proposto garantias, acusou o Espeusipo de propor medidas ilegais, e defendeu isso perante seiscentos atenienses, e, de tantos jurados, o Espeusipo não teve nem duzentos votos. (Andoc. 1. 17).

Andócides utiliza o verbo ‘ἀπογράφει’(denuncia) no Presente para se referir à denúncia que está em questão no momento do acontecimento. O verbo ‘παράδιδωσιν’ (entrega) também está relacionado ao contexto imediato do julgamento.

3. [34] *περὶ δὲ τῶν ἀναθημάτων τῆς περικοπῆς καὶ τῆς μηνύσεως, ὥσπερ καὶ ὑπεσχόμεν ὑμῖν, οὕτω καὶ ποιήσω· ἐξ ἀρχῆς γὰρ ὑμᾶς διδάξω ἅπαντα τὰ γεγενημένα. ἐπειδὴ Τεῦκρος ἦλθε Μεγαρόθεν, ἄδειαν εὐρόμενος, **μηνύει** περὶ τε τῶν μυστηρίων ἃ ἦδει καὶ ἐκ τῶν περικοψάντων τὰ ἀναθήματα, **ἀπογράφει** δύοσιν δέοντας εἴκοσιν ἄνδρας. ἐπειδὴ δὲ οὗτοι **ἀπεγράφησαν**, οἱ μὲν αὐτῶν φεύγοντες ᾗχοντο, οἱ δὲ συλληφθέντες ἀπέθανον κατὰ τὴν Τεῦκρου μῆνυσιν. καὶ μοι ἀνάγνωθι αὐτῶν τὰ ὀνόματα.*

E acerca da mutilação das estátuas e da informação, como apresentei a vós, também desse modo farei: pois desde o início explicarei a vós todos os acontecimentos. Depois que Teucro veio de Mégara, tendo obtido anistia, **informa** acerca dos mistérios dos quais já sabia e das estátuas mutiladas, **denuncia** dezoito homens. Depois que esses foram denunciados, uns partiam fugindo das acusações; outros, ao serem presos, morreram, conforme a informação de Teucro. Torne conhecidos os nomes deles a mim. (Andoc. 1. 34).

Outro verbo no Presente histórico relacionado ao contexto imediato é ‘μηνύει’. Vê-se a relação entre os verbos específicos da linguagem judicial e os verbos *dicendi*, como *εἰσαγγέλλει* (apresenta uma denúncia), *ἀπογράφει* (acusa), *ἐπαγγέλλεται* (notifica), *μηνύει* (informa), *λέγει* (fala/declara) e *καλοῦσι* (convocam) analisados na seção 5.5. Observa-se que a oração é acompanhada de uma oração subordinada adverbial introduzida pela conjunção *ἐπειδὴ* (*depois que*). Mais uma vez, ao voltar ao tópico da denúncia de Teucro, desta vez em relação à mutilação dos Hermes, Andócides faz uso do verbo ‘ἀπογράφει’ no tempo Presente para intensificar a importância da denúncia no momento da enunciação. Assim, percebe-se o uso do Presente histórico durativo, reforçado pela citação dos nomes da denúncia de Teucro imediatamente após o trecho e seu uso do referido tempo também para indicar anterioridade em relação às ações no passado (Depois que esses foram denunciados, uns partiam fugindo [...]) reforçadas pela conjunção *ἐπειδὴ*.

4. [37] *ἐπαρθεῖς οὖν τοῖς τῆς πόλεως κακοῖς, **εἰσαγγέλλει** Διοκλείδης εἰς τὴν βουλήν,*

φάσκων εἰδέναι τοὺς περικόψαντας τοὺς Ἑρμᾶς, καὶ εἶναι αὐτοὺς εἰς τριακοσίους: ὡς δ' ἴδοι καὶ περιτύχοι τῷ πράγματι, ἔλεγε. (καὶ τούτοις, ὧ ἄνδρες, δέομαι ὑμῶν προσέχοντας τὸν νοῦν ἀναμνησθεσθαι, ἐὰν ἀληθῆ λέγω, καὶ διδάσκειν ἀλλήλους: ἐν ὑμῖν γὰρ ἦσαν οἱ λόγοι, καὶ μοι ὑμεῖς τούτων μάρτυρές ἐστε.).

Então, tendo sido impulsionado pelos males da cidade, Dioclídes **apresenta uma denúncia** para o conselho, dizendo conhecer os que mutilaram os Hermes, e serem eles por volta de trezentos; e dizia como viu e ocorreu o acontecimento. (E nesses acontecimentos, ó homens, peço a vós que concentreis o pensamento para lembrar, se digo a verdade e transmitir aos outros: pois os discursos aconteceram diante de vós e sedes minhas testemunhas desses acontecimentos.) (Andoc. 1. 37).

Ao inserir o tópico da denúncia de Dioclídes, o orador utiliza novamente o Presente histórico. O verbo 'εἰσαγγέλλει' (apresenta uma denúncia) também mantém as características aspectuais de Presente, isto é, apresenta certa duração na medida em que ecoa no momento da fala. Essa característica é ainda mais reforçada pela presença dos parêntesis explicativos que dão ao acontecimento uma maior durabilidade.

5. [43] ἡ μὲν εἰσαγγελία αὐτῷ, ὧ ἄνδρες, τοιαύτη: **ἀπογράφει** δὲ τὰ ὀνόματα τῶν ἀνδρῶν ὧν ἔφη γινῶναι, δύο καὶ τετταράκοντα, πρώτους μὲν Μαντίθειον καὶ Ἀψεφίωνα, βουλευτὰς ὄντας καὶ καθημένους ἔνδον, εἶτα δὲ καὶ τοὺς ἄλλους. ἀναστὰς δὲ Πείσανδρος ἔφη χρῆναι λύειν τὸ ἐπὶ Σκαμανδρίου ψήφισμα καὶ ἀναβιβάζειν ἐπὶ τὸν τροχὸν τοὺς ἀπογραφέντας, ὅπως μὴ πρότερον νῦν ἔσται πρὶν πυθέσθαι τοὺς ἀνδρας ἅπαντας. ἀνέκραγεν ἡ βουλή ὡς εὖ **λέγει**.

Certamente a acusação por parte dele, ó homens, (era) tal: **denuncia** então os nomes dos homens os quais dizia conhecer, quarenta e dois, e certamente os primeiros (eram) Mantiteu e Apséfion, sendo membros do conselho e sentados aqui dentro, e depois os outros. E Pisandros tendo se levantado disse necessitar anular o decreto de Escamândrio e fazer comparecer à roda os acusados, de modo a, não antes de a noite chegar, inquirir os homens todos. O conselho declarou que ele **diz** bem. (Andoc. 1. 43).

Observa-se a grande incidência de *verba dicendi* nos casos de Presente Histórico no discurso, como no trecho acima. Possivelmente, isto se deve ao fato de esses verbos serem típicos do discurso oral, tanto para introduzir relatos diretos quanto indiretos. Os verbos 'ἀπογράφει' e 'λέγει' são os dois mais recorrentes em que se usa o tempo referido totalizando 33,3 % dos casos. Novamente, ao trazer a tona o tópico da denúncia de Dioclídes, foi utilizado o presente para marcar a continuação da ação que começou em 415 a.C. e continuou a surtir efeito na data do julgamento, em 400 a.C.

6. [48] ἐπειδὴ δὲ ἐδεδέμεθα πάντες ἐν τῷ αὐτῷ καὶ νῦν τε ἦν καὶ τὸ δεσμοτήριον

συνεκέκλητο, ἦκον δὲ τῶ μὲν μήτηρ τῶ δὲ ἀδελφῇ τῶ δὲ γυνὴ καὶ παῖδες, ἦν δὲ βοή καὶ οἶκτος κλαόντων καὶ ὀδυρομένων τὰ παρόντα κακά, λέγει πρὸς με Χαρμίδης, ὦν μὲν ἀνεψιός, ἡλικιώτης δὲ καὶ συνεκτραφεὶς ἐν τῇ οἰκίᾳ τῇ ἡμετέρᾳ ἐκ παιδός, [49] ὅτι “Ἀνδοκίδη, τῶν μὲν παρόντων κακῶν ὀρᾶς τὸ μέγεθος, [...]”.

E depois que todos fomos presos com ele e já era noite e a prisão fechou, e vinham a mãe, a irmã, a mulher e as crianças, e havia grito e lamentação dos que choravam e lamentavam as más circunstâncias, me **diz** Cármenes, que era meu primo, da mesma idade e tinha sido educado na nossa casa desde criança, que: “Andócides, certamente vês a magnitude dos presentes males [...] (Andoc. 1. 48).

Observa-se novamente o Presente histórico em meio a uma frase temporal introduzida por ‘ἐπειδὴ’ (depois que). Nota-se que nesta passagem, Andócides utiliza o verbo *dicendi* no Presente para introduzir um discurso direto que está no Presente, estratégia tipicamente utilizada na fala para reviver ou reforçar o que foi dito no passado.

7. [62] αἰσθόμενος δ’ Εὐφίλητος ὡς ἔχοιμι, λέγει πρὸς αὐτοὺς ὅτι πέπεισμαι ταῦτα συμποιεῖν καὶ ὁμολόγηκα αὐτῶ μεθέξειν τοῦ ἔργου καὶ περικόψεῖν τὸν Ἑρμῆν τὸν παρὰ τὸ Φορβαντεῖον. ταῦτα δ’ ἔλεγεν ἐξαπατῶν ἐκείνους: καὶ διὰ ταῦτα ὁ Ἑρμῆς ὃν ὄρατε πάντες, ὁ παρὰ τὴν πατρῴαν οἰκίαν τὴν ἡμετέραν, ὃν ἡ Αἰγῆς ἀνέθηκεν, οὐ περιεκόπη μόνος τῶν Ἑρμῶν τῶν Ἀθήνησιν, ὡς ἐμοῦ τοῦτο ποιήσοντος, ὡς ἔφη πρὸς αὐτοὺς Εὐφίλητος.

E Eufileto tendo percebido como eu me encontrava, **diz** para eles que eu fui persuadido a ajudar a fazer essas coisas e concordei com ele em participar da ação e em mutilar o Hermes, aquele perto de Forbas. E dizia estas coisas enganando aqueles: e, por causa destas coisas, o Hermes que todos vedes, aquele perto da casa dos nossos ancestrais, o qual foi dedicado a Agírio, (foi) o único dos Hermes atenienses não mutilado, porque eu teria feito isso, como falava para eles o Eufileto. (Andoc. 1. 62).

Nesse trecho, Andócides parece optar pelo uso do Presente Histórico para enfatizar tanto o autor (Eufileto) como a ação. É possível que o uso desse Presente seja aquele mais próximo do Imperfeito, que aparece logo em seguida ἔλεγεν (dizia), pois assim, o fato de Eufileto ter percebido o estado de Andócides e de dizer tais coisas se tornam concomitantes no passado, isto é, como se ocorressem simultaneamente e com a mesma duração de tempo. De certa forma, o verbo λέγει (diz) no Presente histórico também introduz um discurso direto no Presente, já que o verbo πέπεισμαι (fui persuadido) que se encontra no Perfeito do Indicativo é um tempo primário na língua grega antiga, ou seja, refere-se a um acontecimento no presente ou no futuro.

8. [65] ἐξελέγχοντες δὲ τὸ πρᾶγμα ἢ τε βουλή καὶ οἱ ζητηταί, ἐπειδὴ ἦν ἢ ἐγὼ ἔλεγον καὶ

ὁμολογεῖτο πανταχόθεν, τότε δὴ **καλοῦσι** τὸν Διοκλείδην: καὶ οὐ πολλῶν λόγων ἐδέησεν, ἀλλ' εὐθὺς ὁμολογεῖ ψεύδεσθαι, καὶ ἐδεῖτο σφύζεσθαι φράσας τοὺς πείσαντας αὐτὸν λέγειν ταῦτα: εἶναι δὲ Ἀλκιβιάδην τὸν Φηγούσιον καὶ Ἀμίαντον τὸν ἐξ Αἰγίνης.

O conselho e os comissários de inquérito ao investigarem o acontecimento, depois que concordavam de todos os modos que era como eu dizia, então **convocam** o Dioclídes: e (ele) não precisou de muitas palavras, mas prontamente concordava ter mentido, e necessitava salvar-se tendo indicado os que o persuadiram a falar estas coisas serem o Alcibíades o Fegos e Amianto de Egina. (Andoc. 1. 65).

Outra vez o Presente histórico é antecedido por uma oração temporal iniciada pela conjunção 'ἐπειδὴ' (depois que) e a ênfase do uso desse tempo verbal recai tanto na ação de convocar Dioclídes como nele próprio, já que por ser um dos informantes do caso, Dioclídes é de suma importância para a narrativa de Andócides.

9. [71] Κηθίσιος γὰρ οὐτοσὶ ἐνέδειξε μὲν με κατὰ τὸν νόμον τὸν κείμενον, τὴν δὲ κατηγορίαν **ποιεῖται** κατὰ ψήφισμα πρότερον γενόμενον, ὃ εἶπεν Ἰσοτιμίδης, οὗ ἔμοι προσήκει οὐδέν. ὁ μὲν γὰρ εἶπεν εἴργεσθαι τῶν ἱερῶν τοὺς ἀσεβήσαντας καὶ ὁμολογήσαντας, ἔμοι δὲ τούτων οὐδέτερα πεποιήται: οὔτε ἡσέβηται οὔτε ὁμολόγηται.

Pois Cefísio, esse aqui, certamente acusou-me de acordo com a lei estabelecida, e **faz** a acusação de acordo com um decreto que estava em vigor anteriormente, o qual foi proposto por Isotímides, que não tem relação nenhuma comigo. Pois, por um lado, disse que fossem presos os que profanaram as coisas sagradas e que confessaram; por outro, nada disso foi feito por mim: nem profanado, nem confessado. (Andoc. 1. 71).

Nesse exemplo, o Presente histórico é utilizado em um momento de interação com um dos jurados. Andócides está se referindo diretamente ao Cefísio, que estava presente no momento do julgamento, e, por isso, utiliza o tempo em questão. Além disso, o orador ainda responde pela acusação do decreto de Isotímides, portanto, vê-se que há uma perpetuação do ato de Cefísio que possui relevância no presente.

10. [112] καὶ παρήμεν κατὰ τὰ προειρημένα. καὶ ἡ βουλή ἐπειδὴ ἦν πλήρης, ἀναστάς Καλλίας ὁ Ἰππονίκου τὴν σκευὴν ἔχων **λέγει** ὅτι ἰκετηρία **κεῖται** ἐπὶ τοῦ βωμοῦ, καὶ ἔδειξεν αὐτοῖς.[...].

E chegávamos conforme as solicitações anteriores. E depois que o conselho estava cheio, tendo se levantado o Cálías, (filho) do Hipônico, em suas véstias, **diz** que **está colocado** um ramo de oliveira no altar, e mostrou a eles. [...] (Andoc. 1. 112).

Este é um caso típico de Presente Histórico no qual permanece o uso pontual do passado retratado no tempo Presente com o intuito de enfatizar o relato de Cálías e sua armadilha para incriminar Andócides. Nota-se que o tempo se encontra em um período

em que há oração adverbial temporal.

11. [115] ἐπειδὴ δ' ἔλεγε τῇ βουλῇ Εὐκλήης ὅτι οὐδεὶς ὑπακούοι, πάλιν ὁ Καλλίας ἀναστὰς ἔλεγεν ὅτι εἴη νόμος πάτριος, εἴ τις ἰκετηρίαν θείῃ ἐν τῷ Ἐλευσινίῳ, ἄκριτον ἀποθανεῖν, καὶ ὁ πατήρ ποτ' αὐτοῦ Ἴππόνικος ἐξηγήσατο ταῦτα Ἀθηναίοις, ἀκούσειε δὲ ὅτι ἐγὼ θείην τὴν ἰκετηρίαν. ἐντεῦθεν ἀναπηδᾷ Κέφαλος οὕτωσιν καὶ λέγει: [116] “ὦ Καλλία, πάντων ἀνθρώπων ἀνοσιώτατε, πρῶτον μὲν ἐξηγῆ Κηρύκων ὄν, [...].

Depois que o Euclídes começou a falar para o conselho que ninguém respondeu, de novo, o Cálías levantou e disse que havia uma lei ancestral: se alguém depositasse um ramo de oliveira no Eleusínio, sem julgamento (deveria) morrer; e que o pai dele, Hipônico, uma vez interpretou isso para os Atenenses, e que ele [Cálías] ouviu que eu depositara o ramo de oliveira. Daí, o Céfalos este aqui se levanta e diz: [116] ὁ Cálías, o mais ímpio de todos os homens, primeiro interpretas como um dos arautos, [...] (Andoc. 1. 115).

Neste exemplo, Andócides utiliza o Presente em referência a uma pessoa que está presente no julgamento, o Céfalos, e utiliza o verbo *dicendi* ‘λέγει’, (diz) no tempo presente para introduzir discurso direto também no presente.

12. [121] γνοὺς ταῦτα Καλλίας λαγχάνει τῷ υἱεῖ τῷ ἑαυτοῦ τῆς ἐπικλήρου, τῇ δεκάτῃ ἰσταμένου, ἵνα μὴ ἐπιδικάσωμαι ἐγώ. ταῖς δ' εἰκάσι, μυστηρίοις τούτοις, δοὺς Κηφισίῳ χιλίας δραχμὰς ἐνδείκνυσί με καὶ εἰς τὸν ἀγῶνα τοῦτον καθίστησιν. ἐπειδὴ δ' ἑώρα με ὑπομένοντα, τίθησι τὴν ἰκετηρίαν, ὡς ἐμὲ μὲν ἀποκτενῶν ἄκριτον ἢ ἐξελῶν, αὐτὸς δὲ πείσας Λέαγρον χρήμασι συνοικήσων τῇ Ἐπιλύκου θυγατρὶ.

Cálías tendo sabido dessas coisas, obtém por meio de processo a herdeira para seu próprio filho, no décimo dia do mês, a fim de que eu não sustente a causa. No vigésimo (dia), durante esses mistérios, (ele) tendo dado a Cefísio mil dracmas, me acusa e (me) conduz para este julgamento. Depois que (o Cálías) me via resistindo, deposita o ramo de oliveira, para que, de um lado, eu morra sem julgamento ou seja banido, e, de outro, ele, tendo subornado Leagros com dinheiro, se case com a filha de Epílico. (Andoc. 1. 121).

Este talvez seja o caso que mais se encaixe na definição de Presente Histórico cunhada pelos estudiosos de Tucídides e outros autores do período clássico. Vê-se que o uso do dativo de tempo τῇ δεκάτῃ, (no décimo dia do mês) e ταῖς δ' εἰκάσι, (No vigésimo (dia)) realmente acentua a pontualidade das ações no passado como se tivessem sido escritas no tempo Aoristo. O dativo de tempo é incompatível com a durabilidade, por isso, os verbos ‘λαγχάνει’ (obté)m, ‘ἐνδείκνυσί’ (acusa) e ‘καθίστησιν’ (conduz) se comportam como eventos separados, de ocorrência simples no passado. O verbo ‘τίθησι’, (deposita) utilizado na oração temporal introduzida por ‘ἐπειδὴ’ (depois que) está no Presente pare cumprir sua função enfática, já que

Andócides trata aqui da emboscada de Cálías.

13. [127] μετὰ ταῦτα τοίνυν, ὧ ἄνδρες, ὑστέρω πάλιν χρόνω τῆς γραδὸς τολμηροτάτης γυναικὸς ἀνηράσθη, καὶ **κομίζεται** αὐτὴν εἰς τὴν οἰκίαν, καὶ τὸν παῖδα ἤδη μέγαν ὄντα **εἰσάγει** εἰς Κήρυκας, φάσκων εἶναι υἱὸν αὐτοῦ. ἀντεῖπε μὲν Καλλικλῆς μὴ εἰσδέξασθαι, ἐψηφίσαντο δὲ οἱ Κήρυκες κατὰ τὸν νόμον ὅς ἐστιν αὐτοῖς, τὸν πατέρα ὁμόσαντα εἰσάγειν ἢ μὴν υἱὸν ὄντα ἑαυτοῦ εἰσάγειν. λαβόμενος τοῦ βωμοῦ ὤμοσεν ἢ μὴν τὸν παῖδα ἑαυτοῦ εἶναι γνήσιον, ἐκ Χρυσίλλης γεγονότα: ὃν <πρότερον> ἀπόμοσε. καὶ μοι τούτων ἀπάντων τοὺς μάρτυρας κάλει.

Pois bem, depois disso, ó homens, um tempo depois, (o Cálías) por sua vez, apaixonou-se pela mulher velha, a mais sofrida, e **leva-a** para casa, e **apresenta** a criança, agora já grande, aos Arautos, afirmando ser seu filho. Por um lado, o Cálícles opôs-se, para não admitir; por outro, votaram os Arautos de acordo com a lei a qual eles tinham: o pai que jurar estar apresentando filho que é verdadeiramente seu, apresente-o. Levando-o consigo ao altar, jurou verdadeiramente a criança ser legítima dele, sobre a qual <anteriormente> jurou, nascida de Crisíla. E chame para mim todas essas testemunhas. (Andoc. 1. 127).

Andócides tenta depreciar a imagem de Cálías perante o tribunal; por isso, ele faz o relato do passado dele e acentua acontecimentos importantes – como, o fato de ele ter se casado com uma mulher e depois com a mãe dela e de criar um filho que não sabia realmente se era dele – com o Presente Histórico. Esses dois eventos isolados no passado de Cálías provavelmente chocaram os atenienses, como pode ser percebido pela indignação de Andócides ao relatar esse trecho. No capítulo seguinte, Andócides põe em questão o fato de que nunca antes entre os gregos houve um homem que cassasse com uma mulher e depois com sua mãe e a mãe, e esta, por sua vez, ter expulsado a filha de casa. O orador questiona, ainda, como deveria se chamar o filho de Cálías com a mãe e qual seria sua posição na família.

14. [130] ἀλλὰ γάρ, ὧ ἄνδρες, βραχὺ τι ὑμᾶς ἀναμνησαί περὶ Καλλίου βούλομαι. εἰ γὰρ μέμνησθε, ὅτε ἡ πόλις ἦρχε τῶν Ἑλλήνων καὶ εὐδαιμόνει μάλιστα, Ἴππόνικος δὲ ἦν πλουσιώτατος τῶν Ἑλλήνων, τότε μέντοι πάντες ἴστε ὅτι παρὰ τοῖς παιδαρίοις τοῖς μικροτάτοις καὶ τοῖς γυναιόις κληδὼν ἐν ἀπάσῃ τῇ πόλει κατεῖχεν, ὅτι Ἴππόνικος ἐν τῇ οἰκίᾳ ἀλιτήριον **τρέφει**, ὃς αὐτοῦ τὴν τράπεζαν **ἀνατρέπει**.

Porém, ó homens, quero brevemente a vós lembrar algo sobre Cálías. Pois se vos lembreis, quando a cidade liderava os Helenos e era a mais próspera, Hipônico era o mais rico dos helenos; nesse momento, de fato todos (vós) já sabeis que junto às criancinhas, as menores, e ao mulheril um rumor prevalecia em toda a cidade, de que Hipônico **hospeda** na casa uma pessoa perniciosa para a cidade, que **põe** de cabeça para baixo a mesa dele. (Andoc. 1. 130).

Este é mais um caso de uso do Presente Histórico com valor durativo. Percebe-se que os verbos no Presente histórico encontram-se em meio a uma narrativa no Imperfeito, o que implica que Andócides esteja descrevendo um acontecimento no passado. Assim, a ação de Hipônico de hospedar a má pessoa que afeta negativamente a vida dele sugere uma duração, já que o orador não está vendo o passado como um acontecimento separado, mas se coloca dentro da situação para fazer seu relato.

15. [2.15] *κἀγὼ θόρυβος γὰρ δὴ τοιοῦτος ἐγίγνετο τῶν βουλευτῶν) καὶ ἐπειδὴ ἐγίγνωσκον ἀπολούμενος, εὐθὺς προσπηδῶ πρὸς τὴν ἐστίαν καὶ λαμβάνομαι τῶν ἱερῶν. ὅπερ μοι καὶ πλείστου ἄξιον ἐγένετο ἐν τῷ τότε: εἰς γὰρ τοὺς θεοὺς ἔχοντα ὄνειδη οὗτοί με μᾶλλον τῶν ἀνθρώπων ἐ-οῖκα-σι κατελεῆσαι, βουλευθέντων ε αὐτῶν ἀποκτεῖναί με οὗτοι ἦσαν οἱ διασώσαντες. δεσμά τε ὕστερον καὶ κακὰ ὅσα τε καὶ οἷα τῷ σώματι ἠνεσχόμεν, μακρὸν ἂν εἶη μοι λέγειν.*

[15] E eu (pois um barulho como esse começava entre os conselheiros), como também sabia que morreria, imediatamente salto em direção ao altar e pego os objetos sagrados. Esse ato, mais do que tudo, foi favorável a mim naquele momento: pois para os deuses, por ter eu essas culpas, eles parecem ter mais compaixão do que os homens, e, quando estes queriam me matar, aqueles foram os que me preservaram. E na última prisão, eu agüentei males tão grandes e de tal tipo sobre o corpo, que seria longo para eu falar. (Andoc. 2. 15).

Esses foram os únicos casos de Presente Histórico encontrados em *Sobre seu retorno* e aparecem justamente na parte em que Andócides relembra os acontecimentos que o levaram à prisão durante o período do Conselho dos Quatrocentos. Ele utiliza os verbos ‘*προσπηδῶ*’ (salto) e ‘*λαμβάνομαι*’ (pego) no Presente para justificar suas ações. Estas são também as únicas ocorrências de Presente histórico em primeira pessoa nos dois discursos analisados. Percebe-se então a forma de autoinserção do narrador no discurso de modo a enfatizar suas próprias ações.